



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



Mestrado

JOEL NEMONA MENDES

PARADOXO DA PALAVRA “NEGRO” NO BRASIL:
Identidade social, injúria racial, violência simbólica

Uberlândia/MG

2022

JOEL NEMONA MENDES

PARADOXO DA PALAVRA “NEGRO” NO BRASIL:
Identidade social, injúria racial, violência simbólica

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Orientador: Prof. Dr. Daniel Alves

Linha de pesquisa: Cultura, Identidades, Educação e Sociabilidade.

Uberlândia/MG

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M538 Mendes, Joel Nemona, 1965-
2022 PARADOXO DA PALAVRA NEGRO NO BRASIL [recurso
eletrônico] : Identidade social, injúria racial,
violência simbólica / Joel Nemona Mendes. - 2022.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Alves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Ciências Sociais.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.235>
Inclui bibliografia.

1. Sociologia. I. Alves, Prof. Dr. Daniel ,1978-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 316

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco H, Sala 37 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3230-9435 - www.ppgcs.incis.ufu.br - ppgcs@incis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ciências Sociais				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico nº 005/2022/PPGCS				
Data:	vinte e nove de julho de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12012CSC006				
Nome do Discente:	Joel Nemona Mendes				
Título do Trabalho:	PARADOXO DA PALAVRA “NEGRO” NO BRASIL: Identidade social, injúria racial, violência simbólica				
Área de concentração:	Sociologia e Antropologia				
Linha de pesquisa:	Cultura, Identidades, Educação e Sociabilidade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Revisão da literatura especializada em língua inglesa acerca da relação entre religião, mídia e consumo				

Reuniu-se por Vídeo Conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, assim composta: Professores Doutores: Moacir de Freitas Júnior (PPGCS/UFU) (Examinador), Daniel Francisco de Bem (UFFS) (Examinador), e Daniel Alves, orientador do candidato e presidente da Banca.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Daniel Alves, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

APROVADO, com a inclusão de sugestões da Banca Examinadora.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Daniel Alves (PPGCS/UFCAT) - Orientador e Presidente

Moacir de Freitas Júnior (PPGCS/INCIS/UFU) - Examinador

Daniel Francisco de Bem (UFFS) - Examinador



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Alves, Usuário Externo**, em 29/07/2022, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Moacir de Freitas Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/08/2022, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Francisco de Bem, Usuário Externo**, em 05/08/2022, às 20:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3790098** e o código CRC **6A972A2C**.

*Dedico este trabalho aos meus pais,
João Mendes Gonçalves +
e Graça Felismina*

AGRADECIMENTOS

- ✓ *A Deus pelo infinito amor, pelo sopro da vida e por tudo que tem feito a meu favor.*
- ✓ *A toda a minha família, especialmente aos meus pais João Mendes Gonçalves e Graça Felismina, pelo amor incondicional, sacrifício, bondade e por tudo que me têm oferecido na minha vida e por me terem inspirado a seguir em frente, na conquista de novos horizontes.*
- ✓ *Aos administradores do PPGCS/UFU, Henrique Defensor e Jacqueline de Andrade pelo profissionalismo quanto ao atendimento aos assuntos estudantis, de forma presencial e remoto.*
- ✓ *A todos os professores do PPGCS-INCIS da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela dedicação e pelo profissionalismo em meio a pandemia de COVID- 19, especialmente, Prof. Dr. Diego Soares da Silveira, Prof.ª Dr.ª. Patrícia Trópia, Prof.ª Dr.ª Fabiane Santana Previtalli e membros da banca examinadora, prof.Dr. Moacir de Freitas Júnior (UFU); prof. Dr Daniel Francisco de Bem (UFFS) emeu orientador prof. Dr. Daniel Alves (UFCAT/UFU).*
- ✓ *Aos amigos de longas conversas sobre o tema de pesquisa, que sempre me encorajaram a não desistir dos possíveis obstáculos de expressão e pensamento acadêmicos referentes ao tema de pesquisa, na realidade brasileira: Autor e prof. Dr. Makisosila Mawete (França), Prof.ª Mestra Miriam Castro (Brasil) e prof.Dr. Jean-Christ Marques (Bolívia).*
- ✓ *Aos amigos, familiares e parentes que, de uma forma ou de outra, me ajudaram no decorrer dos meus estudos, são eles: Maria da Conceição Pereira, Bruno Rocha, Luzingu Panda, Claudia Nicole Teixeira Pereira, Maria Lúcia Felipe da Silva, pastor Isaac Hyne e pastor Makuntima Afonso.*
- ✓ *A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, cada um com a sua importância particular, mas todos com as suas contribuições que fazem partes desta realização a qual representa a luta iniciada pelos Africanos e seus descendentes escravizados no Brasil.*

Soli Deo Gloria

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (MANDELA, 1995, p. 656)

MENDES, Joel Nemoná. **Paradoxo da palavra “negro” no Brasil**: Identidade social, injúria racial, violência simbólica; 2022. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

RESUMO

A prática de injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso da palavra “negro” e seus subjacentes contra a população afrodescendente, é recorrente e crescente na sociedade brasileira. Paradoxalmente, a mesma palavra é usada, por um lado, oficialmente, como denominação identitária e, por outro, considerada como crime de injúria racial e racismo. Objetiva-se elaborar propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias como um dos meios de acabar com o paradoxo da palavra “negro” no Brasil. Fez-se a pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, com orientação analítico-descritiva, com a coleta de dados empíricos secundários referentes ao tema. A interpretação do material coletado seguiu os ensinamentos da análise de conteúdo temático, com critérios semântico e discursivo. Os dados bibliográficos, documentais e empíricos convergem e apontam a indignação de vítimas de injúria racial referente ao nome “negro” e seus subjacentes. As medidas sugeridas relacionam-se à organização de debates sociais, políticas, acadêmicas e religiosas, visando a apreensão de sentidos e significados do nome “negro”, além de criação, implementação, reforçamento de leis punitivas e escolha livre e democrática de uma denominação identitária não depreciativa pelos próprios descendentes africanos no Brasil.

Palavras-chave: Paradoxo da palavra “negro”. Denominação identitária. Desumanização. Propostas de medidas. Escolha livre e democrática.

MENDES, Joel Nemona. **The Paradox of the “N-word” in Brazil**: Social identity, racial slur, symbolic violence; 2022. 141 p. Thesis (Master’s) – Graduate Program in Social Sciences, Federal University of Uberlandia, Minas Gerais.

ABSTRACT

The practice of racial slurs and symbolic violence, within the scope of the use of the “N-word” and its underlyings against the Afro-descendant population, is recurrent and growing in Brazilian society. Paradoxically, the same word is used, on the one hand, officially, as an identity denomination and, on the other, considered as a crime of racial slur and racism. The objective is to elaborate proposals for political, legislative and judicial measures as one of the means to end the paradox of the “N-word” in Brazil. Qualitative bibliographic research was carried out, with analytical-descriptive orientation and the collection of secondary empirical data referring to the theme. The interpretation of the collected material followed the teachings of thematic content analysis, with semantic and discursive criteria. Bibliographic, documentary and empirical data converge and point to the indignation of victims of racial slur regarding the use of the “N-word” and its underlyings. The suggested measures are related to the organization of social, political, academic and religious debates, aiming at the apprehension of the meanings of the “N-word”, in addition to the creation, implementation, reinforcement of punitive laws and the free and democratic choice of a non-derogatory identity denomination, by the African descendants themselves in Brazil.

Keywords: The paradox of the “N-word”. Identity denomination. Dehumanization. Measure proposals. Free and democratic choice.

MENDES, Joël Nemon. **Le paradoxe du mot “nègre” au Brésil** : Identité sociale, insulte raciale, violence symbolique ; 2022. 141 p. Mémoire (Master) – Programme d'Études supérieures en sciences sociales, Université Fédérale d'Uberlândia, Minas Gerais.

RÉSUMÉ

La pratique des insultes raciales et de la violence symbolique, dans le cadre de l'utilisation du mot “nègre” et de ses sous-jacents contre la population d'ascendance africaine, est récurrente et croissante dans la société brésilienne. Paradoxalement, le même mot est utilisé, d'une part, officiellement, comme dénomination identitaire et, d'autre part, considéré comme un délit d'insulte raciale et de racisme. L'objectif est d'élaborer des propositions de mesures politiques, législatives et judiciaires comme l'un des moyens de mettre fin au paradoxe du mot “nègre” au Brésil. Une recherche bibliographique qualitative a été réalisée, avec une orientation analytique-descriptive et la collecte de données empiriques secondaires se référant au thème. L'interprétation du matériel collecté a suivi les enseignements de l'analyse de contenu thématique, avec des critères sémantiques et discursifs. Les données bibliographiques, documentaires et empiriques convergent et pointent l'indignation des victimes d'insultes racistes face à l'usage du mot “nègre” et de ses sous-jacents. Les mesures proposées sont liées à l'organisation de débats sociaux, politiques, académiques et religieux, visant à l'appréhension des significations du mot “nègre”, en plus de la création, de la mise en œuvre, du renforcement des lois punitives et du choix libre et démocratique d'une dénomination identitaire non péjorative, par les descendants africains eux-mêmes au Brésil.

Mots-clés : Le paradoxe du mot “nègre”. Dénomination identitaire. Déshumanisation. Propositions de mesures. Choix libre et démocratique.

ÍNDICE DE FIGURAS

IMAGEM 1 – Declaração do jogador Gerson Santos após ter sido chamado de “negro....	45
IMAGEM 2 – Escritora Conceição Evaristo do MNU.....	58
IMAGEM 3 - MNU- a geração de julho 1978.....	60
IMAGEM 4 – Os pais fundadores da Negritude, na década de 1930 na França.....	65
IMAGEM 5 - Escritora e ativista social norte americana Maya Angelou.....	83
IMAGEM 6 – Menina de 4 anos foi vítima de racismo na creche.....	88
IMAGEM 7 – Mensagem de cunho racista na UFSM.....	89
IMAGEM 8 – Estudante negra achou bananas dentro da sua mochila.....	90
IMAGEM 9 – Mensagens racistas escritas em um banheiro da UNESP-BAURU.....	90
IMAGEM 10 – Aluna vítima de racismo em um colégio de RJ.....	91
IMAGEM 11 – Universitário fez um “post” racista em rede social.....	92
IMAGEM 12 – Torcedora de Grêmio chama goleiro Aranha de “macaco”.....	93
IMAGEM 13 – Taison festeja gol com gesto contra o racismo.....	94
IMAGEM 14 – Gabigol faz gesto contra o racismo após gol marcado.....	94
IMAGEM 15 – Ofensas pela internet no Estado de Amapá.....	96
IMAGEM 16 – Comentário racista contra o advogado durante uma <i>live</i>	97
IMAGEM 17 – Professor Juarez é esfaqueado e chamado de “macaco”.....	98
IMAGEM 18 – Professor Juarez é o coordenador do Núcleo Negro da UNESP.....	99
IMAGEM 19 - Frentista registrou oferecida 2 bananas e chamado de “macaco”.....	100

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Conceitos de “negro” em Trévoux (1704).....	29
QUADRO 2 – Conceitos de “negro” em Richelet (1719).....	29
QUADRO 3 – Conceitos de “negro” em Vieira (1873).....	29
QUADRO 4 – Conceitos de “negro” em Priberam (2006).....	29
QUADRO 5 – Conceitos de “negro” em Rios (2018).....	29
QUADRO 6 – Nome negro: Invenção e atribuição aos “Afros”.....	105
QUADRO 7 – “Tentativa” de positivação e Autodesignação.....	105
QUADRO 8 – Escravização dos “Afros”.....	108
QUADRO 9 – Inferiorização e humilhação dos “Afros”.....	109
QUADRO 10 – Desumanização dos “Afros”.....	110
QUADRO 11 – Nome “negro” e seus subjacentes: violência simbólica.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Caminho do pensamento social.....	18
Caminho de pesquisa	19
Estrutura da dissertação.	20
1 ABORDAGEM DE ASPECTOS GERAIS SOBRE A PALAVRA “NEGRO”	21
1.1 Palavra “negro”: Breve análise lexicológica de base sócio-histórica.....	22
1.2 Dissecção da palavra “negro”: Sentidos e significados	27
2 IDENTIDADE SOCIAL, INJÚRIA RACIAL, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	31
2.1 Identidade social.	32
2.2 Injúria racial.	35
2.3 Violência simbólica	37
2.4 Prática de injúria racial e violência simbólica	40
3 PARADOXO DA PALAVRA “NEGRO” NO BRASIL	43
3.1 Não-consciência de sentidos e significados do nome “negro”.....	47
3.2 Alienação simbólica e dominação simbólica	51
3.3 Omissão do uso da denominação identitária legal “Afro-brasileira”.....	56
3.4 Autodesignação e “Tentativa” de positivação da palavra “negro”	58
4 PERCEPÇÃO DE TERMOS “NEGRO E NEGRITUDE” FORA DO BRASIL	61
4.1 Palavras “negro e negritude”	63
4.2 Percepção do movimento da negritude fora do Brasil.....	66
4.2 Percepção da palavra “negro” fora do Brasil.	74
4.3.1 Invenção e atribuição do nome “negro” aos escravizados “afros” e “ameríndios”	76
4.3.2 Características físicas, psicológicas, espirituais, higiênicas e morais dos “Afros”	78
4.3.3 Desumanização e humilhação dos “Afros”.....	81
4.3.4 Capitalismo primitivo, escravização e colonização dos “Afros”	84
5 CONTEXTUALIZAÇÃO: DADOS EMPÍRICOS SECUNDÁRIOS	87
5.1 Espaço socioeducativo.	88
5.2 Espaço desportivo.	93
5.3 Espaço virtual.....	96
5.4 Espaço social.....	98
6 ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	101
6.1 Análise de conteúdo temático, achados de pesquisa e discussão.	104
6.1.1 Categoria 1: Palavra “negro” – identidade social.....	105
6.1.2 Categoria 2: Palavra “negro” – injúria racial.....	108
6.1.3 Categoria 3: Palavra “negro” – violência simbólica.....	113
6.1.4 Categoria 4: Paradoxo da palavra “negro”	116
7 PROPOSTAS DE MEDIDAS POLÍTICAS, LEGISLATIVAS E JUDICIÁRIAS	119
7.1 Propostas de medidas políticas	120
7.2 Propostas de medidas legislativas	122
7.3 Propostas de medidas judiciárias.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

Por detrás da palavra - o que esta diz e esconde ou, ainda, que não sabe dizer, e até o que diz sem poder ser ouvida - dirigem-se assim a uma certa figura do nosso mundo, do seu corpo e do seu espírito, algumas das mais imundas realidades do presente, o *escândalo da Humanidade*, o testemunho vivo, inquestionavelmente perturbador, da violência do nosso mundo, e da desigualdade que é o seu principal motor, que impõe ao pensamento do nosso mundo e do dever humano as exigências indubitavelmente mais urgentes e mais radicais, a começar pela da responsabilidade e da justiça. (MBEMBE, 2018, p. 100)

Em uma sociedade preconceituosa, o negro é visto como ser inferior, primitivo, retardado, perverso, desonesto, tolo, possuidor de maus instintos, sujo, irresponsável, preguiçoso, incapaz, etc. Esses preconceitos tornam-se traços semânticos das palavras preto/negro que vão sendo reproduzidos nas inúmeras metáforas que utilizam essa cor (OLIVEIRA & PAIVA, 1998, p. 109). A prática de injúria racial e violência simbólica contra os agentes sociais “Afros¹”, no âmbito do uso de palavra “negro” e seus subjacentes é um dos problemas da sociedade brasileira.

Sabe-se que a injúria racial, referente a palavra negro e seus subjacentes “macaco”, “banana”, “feio”, “fedido”, “pobre”, “sujo” e outros, é um fenômeno real, da atualidade e recorrente em nível internacional e, particularmente, no Brasil. Esta prática está presente em todas as camadas e esferas sociais, principalmente em campos de futebol, redes sociais, universidades, salas de aula, edifícios comerciais, empresas, instituições governamentais e religiosas, em mídias tradicionais e redes sociais, entre outras. O fenômeno atinge milhões de “Afros” e traz sentimento de indignação, inferioridade, constrangimento, humilhação e mais, muitas vezes de forma silenciosa e imperceptível.

À vista disto, o interesse por esse tema e a percepção da sua relevância vieram a partir do problema da pesquisa, que é a frequência crescente de casos de injúria racial e violência simbólica praticadas contra “Afros”, referente ao uso de palavras negro e seus subjacentes supracitados e pela viabilidade de estudar o fenômeno por meio de método científico a partir de análise temática, com critérios semântico e discursivo, respectivamente, de conceitos expressos por dicionários e de dados secundários empíricos coletados em espaços socioeducativos, desportivos, virtuais e sociais, referentes ao problema de pesquisa, que é a prática de injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso da palavra negro e seus subjacentes, contra os “Afros” na sociedade brasileira.

¹ “Afros”: para o autor desta dissertação, afro entre aspas identifica os africanos, no sentido amplo, ou seja, todos os agentes sociais com descendência ou ascendência africana, sejam eles Africanos, Africanos Europeus, Africanos Caribenhos, Africanos Americanos, Africanos Asiáticos ou Africanos Brasileiros.

Entretanto, considerando-se o problema constatado e o objeto da pesquisa, que é o paradoxo da palavra negro, por um lado, como denominação identitária e, por outro, como injúria racial, na sociedade brasileira (identidade x injúria racial), a defesa proposta neste trabalho se fundamenta a partir da evidência de ocorrência de fatos, ou seja, empiricamente, é possível observar e admitir que, na realidade brasileira, os agentes sociais “Afros” são identificados e chamados de “negros”; a maioria deles aceitam, automeiam, positivam e objetivam o nome negro; e, paradoxalmente, a mesma denominação identitária é considerada como crime de racismo e injúria racial pela legislação brasileira em algumas situações.

Segundo Malhotra (2001), a definição do problema da pesquisa consiste em um enunciado amplo do problema e a identificação de seus componentes específicos. De acordo com Kerlinger (1980), o problema da pesquisa consiste em uma questão, que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução. Diante do problema constatado e da construção do objeto de estudo se culminou a seguinte questão norteadora: De que forma pode se acabar com o paradoxo da palavra negro no Brasil? Uma vez que interessou nesta pesquisa, ou seja, o objetivo geral é elaborar propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias para acabar como o paradoxo da palavra negro. Nesse sentido, mediante a questão norteadora, outras indagações feitas, levaram a problematização deste estudo. São elas:

1. Por que a palavra “negro” foi inventada e atribuída aos africanos escravizados, colonizados e seus descendentes como denominação identitária?
2. Por que a palavra “negro” é considerada pela legislação brasileira como crime de injúria racial e racismo, em algumas situações?

Pois geral e logicamente a denominação identitária de um grupo ou uma categoria emprega-se também para a denominação identitária dos agentes sociais quem o ou a compõem. Assim, diz-se de grupo/categoria étnico(a) branco(a) e os ‘Branços’; grupo/categoria étnico(a) indígena e os ‘Indígenas’; porém, dificilmente se ouve falar de grupo étnico/categoria afro-brasileiro(a) e os descendentes africanos não são chamados de “Afro-brasileiros”. Isso se verifica em discursos acadêmicos, religiosos, políticos, redes sociais, mídia social tradicional e moderna, etc. Isso nos leva a pensar que, o uso do nome “negro” na linguagem veicular é uma reprodução do pensamento político, social e econômico do Estado colonial e escravocrata na sociedade brasileira corrente.

Contudo, após uma análise minuciosa da Carta Magna de 1988, nova edição, Brasil (2021), foi encontrada nenhuma menção à palavra “negro”, como denominação identitária dos agentes sociais com descendência ou ascendência africana. Portanto, foi encontrada a menção da palavra “afro-brasileiro” se referindo ao grupo étnico composto de agentes sociais com descendência ou ascendência africana, como denominação identitária legal. Não obstante, os

dicionários modernos continuam ancorando e atribuindo o conceito ofensivo, os sentidos e significados negativos, ofensivos e racistas da palavra negro aos “Afros”. Assim, refletindo-se sobre as relações de poder entre estruturas e agentes sociais “Afros” e entre as diferentes categorias étnico-raciais, no Brasil, poder-se-ia dizer que a palavra negro seja a representação simbólica negativa da categoria étnica afro-brasileira e talvez seja a primeira expressão simbólica da questão social oriunda de capitalismo primitivo, escravidão e colonização.

Porquanto, o embasamento teórico principal é o conceito de violência simbólica do sociólogo francês Pierre Bourdieu² (1930-2002). Outros conceitos utilizados são os de (i) identidade social em perspectivas de Tajfel & Turner (1986), Mead (2006), Goffman (1992), Berger e Luckmann (2012); (ii) injúria racial em Jeshion (2018) e Streps (2017). Além disso, a Carta Magna de 1988 e o Código Penal Federativo Brasileiro foram consultados. Ademais, o tema principal do estudo, a palavra “negro”, através da qual são praticadas a injúria racial e a violência simbólica, requereu análises linguística³; semântica e discursiva (expressivo).

Na visão de Tajfel (1981), a identidade social é o conjunto formado pelo autoconceito do indivíduo, sua pertença grupal e a valoração atribuída a esta pertença. O autor defende que, a visão de si próprio em relação ao mundo físico e social constitui uma importante contribuição da sua pertença a determinados grupos ou categorias sociais, cuja autoestima de si em relação ao grupo é fundamental e a categorização social como “sistema de orientação que ajuda a criar e a definir o lugar do indivíduo na sociedade” (TAJFEL, 1981, p. 291). Assim, a representação cognitiva da estrutura social, colocada a partir de grupos ou categorias, é o elemento que desempenha o papel de definir o autorreconhecimento do indivíduo.

Portanto, a injúria racial referente a palavra “negro” e seus subjacentes é uma das facetas do racismo no sentido geral e carrega com ela estereótipos raciais, discriminação racial, preconceito de marca, diferenciação social, classificação social, exclusão social e mais. Na mesma linha, convém sublinhar que a prática da injúria racial vai de par com a da violência simbólica considerada como um fenômeno que causa sofrimento, indignação, vergonha, tristeza e mais, a vítimas. Pois, com a natureza desse sofrimento (uma ferida identitária que abala a autoestima), duas grandes formas de violência simbólica são evocadas aqui: o primeiro resulta de práticas intencionais ou não; o segundo, de um abalo de marcadores de identidade que serviram como referências para a autoafirmação (BRAUD, 2008, p. 17, tradução nossa). É nessa perspectiva simbólica que se analisou o problema central de pesquisa.

Em virtude disso, os casos de injúria racial em esporte, a nível internacional, nos permitem entender a essência da palavra negro a nível mundial. Isto é compreender que a palavra “negro” não é exclusivamente brasileira, mas sim, foi reestruturada, forjada e inventada pelos portugueses. Esta palavra, também, foi transportada e aplicada em suas

colônias (Ilha da Madeira, Angola, Moçambique, Brasil, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau e Timor-Leste). De outro lado, ela foi adotada e traduzida em outras línguas: “*nègre*” em francês; “*negro ou nigger*” em inglês; “*zwart*” em holandês; “*Schwarz*”, em alemão, “*nero*” em italiano e em outras línguas, mantendo os mesmos sentidos e significados.

Outro fator importante a destacar é que, a pesquisa documental foi feita para buscar informações sobre a reestruturação e o forjamento do nome “negro”, a partir de dicionários e arquivos europeus do século XV ao século XIX, pelo fato de que o termo “negro”, como injúria racial, surgiu na Europa. Todavia, do século XIV ao século XX, a literatura portuguesa não se destacara no mundo científico. Pois, admite-se que, o racismo, em todas as suas manifestações, esteja presente em todos os países; mas pode se afirmar que o Brasil é o único país do mundo, em que o nome “negro” continua sendo usada de forma oficial e estrutural, como denominação identitária dos agentes sociais “Afros”.

Diante deste exposto, busca-se responder aos objetivos deste estudo, que são: (1) Geral: Elaborar propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias para acabar com o paradoxo da palavra negro no Brasil e (2) Específicos:

- 1) Analisar os conceitos da palavra negro ancorados em dicionários da língua portuguesa.
- 2) Narrar como acontece a prática de injúria racial e violência simbólica, contra os “Afros”, no âmbito do uso de palavra negro e seus subjacentes.
- 3) Apresentar casos empíricos da prática de injúria racial e violência simbólica referente ao uso de palavra negro e seus subjacentes, na sociedade brasileira.
- 4) Trazer para o Brasil a percepção dos Africanos, Africanos- caribenhos, Africanos-Europeus e Africanos-Americanos sobre as palavras negro e negritude.

Nessa linha, várias indagações sobre o termo “negro” foram feitas, que culminaram com as seguintes hipóteses elaboradas:

- 1) A apreensão e a compreensão de conceitos, sentidos e significados da palavra “negro” são fundamentais na transformação de estruturas sociais e mentais da sociedade brasileira, para acabar com o paradoxo da palavra “negro”.
- 2) A visibilização de casos de injúria racial e violência simbólica relativos ao problema de pesquisa é preponderante e um dos eixos para acabar com o paradoxo da palavra “negro” no Brasil.
- 3) A consideração de autodesignação e “tentativa” de positivação da palavra “negro” como aleatória, ilusória, paradoxal e incoerente poderá desvincular a população afro-brasileira da palavra “negro”.

Caminho do pensamento social

Considerando-se o objeto das Ciências Sociais que é analisar as manifestações tanto materiais quanto simbólicas das sociedades humanas, a pesquisa nessa área requer o uso de métodos científicos e técnicas apropriadas para diferentes disciplinas e também a escolha entre várias teorias, conceitos e abordagens. Para tanto, foi necessária a escolha de Bourdieu como autor principal, porque ele trata de conceitos básicos ligados a tema, problema central e objeto da pesquisa, na perspectiva simbólica (violência simbólica, dominação simbólica, poder simbólico, revolução simbólica etc.). Ora, Bourdieu desenvolveu um paradigma sociológico crítico, a partir da realidade social empírica e da elaboração de teorias e conceitos, com o conhecimento científico, fazendo a ligação entre o trabalho teórico e a prática (realidade) social.

Para tanto, foram adotadas o paradigma construtivista e a epistemologia interpretativista e optou-se partir de reflexões e análises desenvolvidas por Bourdieu, cujo pensamento nos permite, com base em fundamentos epistemológicos, formular um conjunto de questões relacionadas, referentes a prática de injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso do nome “negro” e seus subjacentes. Para tanto, o conceito da violência simbólica foi fundamental na problematização do objeto da pesquisa, com base no desenvolvimento da síntese entre as duas dimensões, que sempre permaneceram separadas ao longo da tradição sociológica: “sujeito-sociedade” e “ação- estrutura”.

Ao empregar o termo latim “*habitus*”, que é a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, Bourdieu considera que, as ações dos agentes sociais são produtos de uma história, portanto, em construção constante entre os agentes sociais dotados de diferentes tipos de capital, a saber, econômico, cultural, social e simbólico, em vários campos, que são espaços sociais virtuais e não materiais, estruturados e dinâmicos, em que acontece a prática da violência simbólica entre agentes sociais, em luta permanente pela manutenção do poder simbólico e da dominação simbólica, com base em posse de capitais econômico, cultural e social.

Desta forma, foi possível, a partir de uma (re)leitura crítica dos conceitos da sociologia de Bourdieu, refletirmos sobre a relação de poder, que estabelece e se desenvolve entre estrutura e agente, com o intuito de analisar, dissecar, compreender e apreender os sentidos e significados por trás da palavra negro, como “*habitus*” estruturado, que serve como “*habitus*” estruturante, que se manifesta na prática de injúria racial e violência simbólica.

Caminho de Pesquisa

Em relação aos objetivos, a pesquisa foi descritiva e explicativa. Para Gil (2008) a pesquisa descritiva trata das características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados tais como [...] a observação sistemática. Segundo Sellitz et al. (1965), esse tipo de pesquisa busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos. Assim, foram examinados fatos relativos à palavra “negro”.

Quanto a abordagem, foi feita a pesquisa qualitativa que, segundo Denzin e Lincoln (2006), envolve a interpretação do mundo, o estudo de fenômenos sociais e seus significados. Sobre os procedimentos, foi necessário realizar a pesquisa bibliográfica. Para Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimento de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, por isso, não pode ser aleatório. Fez-se a investigação em material teórico, sobre palavra negro, identidade social, injúria racial, violência simbólica, com a leitura de livros, artigos, dissertações, teses e outros documentos contendo os temas supracitados; com a correlação de nexos teóricos e conceituais, assim, facilitando a elaboração do texto e de conhecimento sobre o objeto da pesquisa. Fez-se também a pesquisa documental, com a consulta à Carta Magna de 1988 e ao Código Penal Federativo Brasileiro, assim como a coleta de dados secundários empíricos, em site, revistas e jornais online sobre o problema de pesquisa, em espaços socioeducativo, desportivo, virtual e social.

Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação (GIL, 2008, p. 100). Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. Assim, a observação² direta e não participante se fez na vida real, ou seja, em várias esferas da sociedade brasileira.

² Segundo Gil (1999) a observação “constitui elemento fundamental para a pesquisa”, pois é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir a hipótese, definir variáveis, coletar dados e etc. Para Rúdio (2002), o termo observação [...] não trata apenas de ver, mas também de examinar [...] para conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos.

Estrutura da dissertação

A partir dos aspectos supracitados, a dissertação seguirá o seguinte esquema: Introdução, sete capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo aborda os aspectos gerais sobre a palavra negro, com dois subcapítulos, a saber, (i) palavra “negro”: breve análise lexicológica de base sócio-histórica e (ii) análise da palavra “negro”: sentidos e significados. Foram utilizados dicionários como fontes bibliográficas, com os seguintes principais autores: Delesalle e Valensi (1972), Trévoux (1704), Richelet (1719), Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018) e mais.

O segundo capítulo traz conceitos de identidade social com Tajfel e Turner, (1986), injúria racial com Treps (2017) e Brasil (2021); e violência simbólica com Bourdieu (2000, 2007). Neste capítulo, também, é abordada e explicitada como ocorre a prática de injúria racial e violência simbólica no âmbito do uso do nome “negro”. No terceiro capítulo trata do paradoxo da palavra negro usada, por um lado como denominação identitária e, por outro, como injúria racial, com a consulta de obras de Mbembe (2018) e Oliveira & Paiva (1998). Portanto, neste capítulo, são abordadas as questões de (i) não-consciência de sentidos e significados da palavra negro (Oliveira & Paiva, 1998), (ii) alienação simbólica e dominação simbólica (Bourdieu, 2007), (iii) omissão do uso da denominação identitária “afro-brasileira” (Brasil, 2020) e (iv) autodesignação e “tentativa” de positivação da palavra “negro”.

O quarto capítulo descreve a percepção de palavras negro e negritude fora do Brasil, com base em leituras de autores como Mbembe (2018), Fanon (2008), Munanga (1986), Senghor (1971), Césaire (2014), Towa (1971), Adotévi (1972), Sonyika (2022), Depestre (1980) e outros. Enquanto, o quinto capítulo traz a contextualização, ou seja, os dados secundários levantados, em relação a injúria racial, envolvendo a palavra “negro” e seus subjacentes, contra os “Afros” em espaços socioeducativo, desportivo, virtual e social, com base na problemática e no objeto de estudo.

O sexto capítulo seis, são feitas as considerações analíticas com o método qualitativo, critérios semântico e discursivo, embasados no método analítico de conteúdo de Bardin (2016). O sétimo capítulo trata das propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias. Por fim, são apresentados, nas considerações finais, os resultados da pesquisa, diante de análise dos dados e discussão apresentadas, de forma a compreender a importância da elaboração de propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias, para acabar com o paradoxo da palavra “negro” na sociedade brasileira.

1 ABORDAGEM DE ASPECTOS GERAIS SOBRE A PALAVRA “NEGRO”

Etimologicamente, a palavra é derivada do latim “niger”, o que significa preto como uma cor, sem qualquer forma pejorativa. Segundo Godefroy (1888), a palavra “nègre ou nigre”- (preto) - apareceu no francês antigo no século XVI para designar a cor preta [...], para designar pessoas de cor preta; o termo será levado de 1529 para a palavra espanhola “negro, preto”. Para Chemin (2021), os portugueses ali desenvolveram a escravidão com o apoio do Reino do Kongo: “Durante o tráfico atlântico de escravos, essa origem geográfica estava indissociavelmente ligada a um status: a servidão. Os marinheiros portugueses chamam os africanos que capturavam nas costas para escravizá-los nas Américas de “negros”.

Sem dúvida, a palavra “negro” tem sido atribuída às populações africanas subsaariana e da costa oeste e, seus descendentes na diáspora, reduzidos à escravidão. O substantivo assumiu ao longo do tempo uma conotação pejorativa e racista, influenciada pelos portugueses e outros colonialistas europeus, que a adotaram e transportaram para suas colônias. Intrinsecamente ligada a história de escravidão, colonização e capitalismo primitivo escravista, o termo “negro” tem servido de radical para palavras relativas ao tráfico de cativos africanos, chamado de “*traite négrière*” – tráfico de escravos negros – e os meios de transporte chamados de “*navires négriers*” – navios negreiros.

Em seguida, na década de 1930, este termo foi transformado pelo movimento da negritude, fundado em particular pelos estudantes africanos e afro-caribenhos Aimé Césaire e Léopold Sedar Senghor, para apropriar-se dessa ferida infligida pela história, mas sem, no entanto, apagar seu fardo doloroso nem positivar a imagens de africanos e seus descendentes. Na mesma perspectiva, o MNU³ tentou positivar o nome “negro” em 1978, porém, vinte e quatro anos depois a susposta positividade não trouxe o que se esperava, pois, o seu uso tem causado problemas na sociedade. Ora, em alguns países, o seu emprego é proibido e um ‘Tabu’. Porém, no Brasil, é possível afirmar que, o termo negro é considerado oficialmente como denominação identitária dos “Afros” e paradoxalmente, como crime de injúria racial e racismo.

³ Segundo Barbosa (2020), cofundador e Coordenador Nacional de Honra do Movimento Negro Unificado (MNU) Em 18 de junho de 1978 representantes de vários grupos se reuniram, em resposta à discriminação racial sofrida por quatro garotos do time infantil de voleibol do Clube de Regatas Tietê e a prisão, tortura e morte de Robison Silveira da Luz, trabalhador, pai de família, acusado de roubar frutas numa feira, sendo torturado no 44 Distrito Policial de Guaianases, vindo a falecer em consequência às torturas. Representantes de atletas e artistas negros, entidades do movimento negro: Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN, Grupo Afro-Latino América, Associação Cultural Brasil Jovem, Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas – IBEA, Câmara de Comércio Afro-Brasileiro, representada pelo filho e outros decidiram pela criação de um Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial.

1.1 Palavra “negro”: Breve análise lexicológica de base sócio histórica

Este subcapítulo analisa como se deu o surgimento da palavra “negro” em dicionários europeus de séculos XVI, XVII e XVIII. Ao fazer a análise lexicológica e sócio-histórica, pretende-se resgatar um pouco da história para podermos mapear a genealogia da palavra negro e os elementos laterais que influenciaram o seu surgimento. Para tanto, o subcapítulo se fundamenta, geralmente, em pesquisas realizadas pelas autoras Delesalle e Valensi, na medida em que elas consultaram como fontes principais os dicionários antigos, na descoberta de quando a palavra “negro” negro entrou nos dicionários e foi atribuída aos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes. De acordo com Matoré (1949):

A lexicologia social pressupõe que as palavras sempre possuem um valor social, visto que a partir do estudo do vocabulário é possível explicar uma sociedade [...] A lexicologia tem por objeto, como a sociologia, o estudo dos fatos sociais [...]. O que diferencia uma ciência da outra não é apenas o seu objeto, é a diversidade formal, o ponto de vista. O da lexicologia é particular: é partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade. Podemos também definir a lexicologia como uma disciplina sociológica utilizando o material linguístico que são as palavras (idem, pp. 7, 49, 50 – tradução nossa).

Por outro lado, o autor suprarreferido afirma que a “a palavra não está isolada na consciência: ela estabelece com suas vizinhas, no contexto, relações sintagmáticas” [...] e “independentemente do contexto, a palavra está ligada na consciência a outras palavras a que se assemelham, seja pela forma, seja pelo sentido: estas são as relações associativas” (idem, p. 21). Em outros termos, na visão do autor, a palavra faz parte de um contexto, de uma frase, que, em parte, a determina; ela está também ligada a outras palavras que se assemelham a ela seja pela forma ou pelo som; seja pelo sentido”.

De fato, é neste contexto que as palavras como “escravo”, “feio”, “banana”, “fedido”, “cabelo duro”, “senzala”, “pobre”, “negritude”, “consciência negra”, “movimentos negros”, “população negra”, “lista negra”, “viúva negra”, “ovelha negra”, “mercado negro”, “dias negros”, “passado negro”, “macaco” e mais são intrinsecamente ligadas a palavra “negro” como “conceito” e a palavra negro como “sujeito social”. Desta forma, elas fazem parte de um contexto ou valor social, histórico, econômico, político, religioso etc.

Segundo “O Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa” de Caldes Aulete, afirmam Oliveira & Paiva (1998, p. 111), nos fornece os seguintes significados: “lutuoso, fúnebre, tenebroso, caliginoso (escuro, tenebroso), infausto, execrável, horrendo, pavoroso e odioso”, apresentando exemplos para quase todos os sentidos como: “negra sina”, “almas negras”, “negra morte”, “negra perfidia”, “negras cores” etc. Por outro lado, “*Les Bibliothèques Municipales de la Ville de Genève*” (2014), a palavra “negro”, homem de raça negra, assumiu

no século XVIII, mais particularmente o significado de “escravo negro” (1704), com as locuções “tratar alguém como negro” (1740-1755) e “trabalhar como um negro” (1812), este último ainda continua sendo usado [...]. A palavra muitas vezes é evitada por seu valor pejorativo e racista, exceto quando é usada pelos próprios negros. Pois a palavra negro não corresponde a nenhuma classificação científica em antropologia. Todavia, ele tem fundamento sociológico de classificação⁴ e eliminação dos outros.

[...] os primeiros resultados do trabalho de um desses grupos. Seu programa não era escrever a história do comércio dos escravos, da condição servil, nem das sociedades africanas do século XVI ao século XVIII: partimos para analisar como o ‘etnocentrismo europeu’, como os estereótipos sobre negros foram compostos, preservados e modificados. (DELESALLE & VALENSI, 1972, p. 2, tradução nossa)

Delesalle e Valensi (1972) preferiram desenvolver fazer a pesquisa a partir dos dicionários. A escolha de dicionários como fonte principal da pesquisa se justifica pelo fato de que fazer a análise de outras obras, como as literárias, seria ineficiente por causa da natureza separável das mensagens que as compõem. Portanto, por meio de dicionários, poder-se-ia esperar alcançar estereótipos. Além disso, por se limitar ao registro, o dicionário implica tradição, ao contrário da obra literária que pressupõe criação e inovação. Desse modo, o dicionário só pode ser um catálogo de ideias recebidas, soma de lugares comuns, caso contrário, perderia seu objetivo.

Portanto, as autoras supracitadas afirmam que, por meio do jogo de múltiplas edições de dicionários, os enunciados que eles contêm congelam-se ainda mais em estereótipos. Além disso, o dicionário não é apenas o resultado de uma compilação de dados coletados de outras fontes, extra lexicográficas; ele é, também, uma compilação de outros dicionários, e este jogo aumenta ainda mais a taxa de repetição dos enunciados produzidos.

Assim, com base no pensamento de Delesalle e Valensi, buscar situar quando os conceitos da palavra “negro” foram forjados e atribuídos aos “Afros”, a partir de dicionários, presume a possibilidade de mais credibilidade do gênero ao qual pertence o dicionário, ou seja, um produto didático que se oferece como a verdade. Para Dubois (1971), o dicionário é um texto cultural: “Essa cultura é constituída por um conjunto de afirmações sobre o homem e sobre a sociedade, afirmações que assumem o valor de leis universais para a comunidade sociocultural formada pelos leitores”. De fato, o dicionário estabelece uma forma de

⁴ A reprodução de categorias sociais originadas nos regimes coloniais pode ser encontrada em diferentes contextos: de persistentes representações raciais a formas contemporâneas de classificação e hierarquização de hábitos, relações, espaços, conhecimentos, línguas, crenças religiosas, sistemas políticos, moralidades etc. (FILHO & DIAS, 2015)

comunicação que resulta na identificação do leitor com o autor dos enunciados. Para mergulhar-se na pesquisa de Delesalle e Valensi (1972), foi necessário fazer a crítica de autenticidade, ou seja, verificar a originalidade e veracidade dos dicionários analisados, as técnicas e as aplicações. Descobriu-se que as autoras concentraram as suas buscas e análise, precisamente, em palavra “negro” e descartaram palavras subjacentes como “negrito”, “negrão”, etc., dando enfoque nos sentidos e significados atribuídos, intrinsecamente, a palavra negro.

As entradas analisadas continham referências implícitas (“escravos”, “negros”, etc.) e explícitas (ver “*Nigritie*”, por exemplo) a outras entradas. Reteremos aqui apenas a leitura do verbete Negro. Depois da coleta dos verbetes negros, realizamos uma análise interna de cada um deles e a classificação geral. O historiador, infiel à tradição de explicação dos textos históricos, não se preocupou, portanto, em verificar a exatidão das informações contidas nos dicionários, nem em investigar seus autores. Os dados externos que serão encontrados posteriormente (I, 1) foram fornecidos apenas para evitar erros de interpretação para o leitor. [...], investigou os processos de fabricação de dicionários e sua função ideológica. (DELESALLE & VALENSI, 1972, p. 81, tradução nossa)

Sobre as técnicas e instrumentos de pesquisa utilizados, na tentativa de descobrir a entrada em dicionário da palavra “negro” e a origem da sua atribuição aos africanos, as autoras supracitadas utilizaram várias ferramentas de análise do discurso, ou seja, por um lado, análises de enunciados, por outro, a análises de marcas de enunciados, utilizando-as, ajustando-se ao objeto particular, considerando-se a fala dos dicionários de um determinado período, sobre uma determinada palavra e fundamentaram-se em um estudo contrastivo e diacrónico da palavra “negro,” com a análise das seguintes características:

1. Definição da palavra “negro” e análise lexicográfica, ou seja, os problemas do signo e da coisa, as várias meta-linguagens e as entradas.
2. Comparação de textos de origem não lexicográficos de diferentes dicionários, com todas as análises resultantes: aqueles em particular das variações na cópia.
3. Interpretação destes procedimentos técnicos é realizada com referência a características gerais do discurso lexicográfico.
4. Seguir as paráfrases do termo negro em suas ações ou em seus episódios, sem reduzir suas contradições nem selar suas rupturas.

Observou-se, pois, que a palavra “negro” foi investigada, também, fora de dicionários. De acordo com Delesalle & Valensi (1972), a história factual e a história cronológica tornariam possível medir as mudanças entre a prática, a idioma, e seu registro em dicionários. Assim, na fala das duas autoras, o lugar da literatura de viagem, ou seja, a sociologia do livro ocupava um lugar preponderante nas pesquisas. Uma das obras em que a palavra “negro” foi investigada foi o primeiro “*Ca 'da Mosto e Léon l'Africain*”, que apareceram em 1556. Além disso, as frases

mais frequentes encontradas na obra foram: “*Noir*” -Preto-, “*terres des Noirs*” -terras dos Pretos-, “*empires des Noirs*” -impérios de Pretos- O número da aparição da palavra negro, na tradução Ca 'de Mosto era muito baixo. Entretanto, foi achado na Historial do rico Reino Dourado da Guiné, publicada em 1605 e em “*Pyrard de Laval*” (1615), a menção da palavra negro.

[...] os portugueses, que têm prioridade sobre as grandes descobertas, também a têm na organização do comércio dos negros. Os dois fenômenos são, aliás, exatamente contemporâneos: a primeira escravidão foi fundada em 1443. Antes do final do século XV, os portugueses já haviam negociado com milhares de negros. Finalmente, a escravidão foi introduzida em seu império e no dos espanhóis desde os primeiros anos do século dezesseis. (DELESSALLE & VALENSI, 1972, p. 82)

Ora, as autoras supramencionadas afirmam que, depois de 1650, o emprego da palavra “*Nègre*”-Negro, em português- generalizou-se: onde Leão o africano escrevia “*Noir*” -Pretos-, o tradutor de Marmol colocava “*Nègres*” -Negros-. Da mesma forma, na Descrição Geral da África por Davity, “*Nègre*” -Negro- substituiu “*Noir*” -Preto-. Esta mudança de “Pretos” para “Negro”. Logo, depois de 1650, os conceitos pejorativos, ofensivos, inferiorizantes, desumanizantes, marginalizantes e racistas da palavra negro foram ancorados em dicionários.

Convém sublinhar que, os próprios forjadores da palavra “negro” veiculavam e disseminavam esta palavra por meio de outros documentos, outros que os dicionários. Já que o primeiro dicionário da língua portuguesa só surgiu no século XVIII. Portanto, poder-se-á afirmar que os franceses e os ingleses, com a literatura mais avançada tiveram que ancorar a palavra “negro” em seus dicionários.

De outro lado, observa-se a sinonimização de “negro” como “escravo” e a animalização dos africanos escravizados, colonizados e seus descendentes em vários dicionários. Em virtude disso, pode-se afirmar que os conceitos de Trévoux (1704) e Richelet (1719) vão de par, com a noção de diferenciação social nos conceitos de ambos os autores. Realmente, é possível observar no conceito da palavra “negro” os seguintes: (i) desumanização, animalização, coisificação e humilhação dos “Afros”, (ii) ofensas relativas à características físicas e (iii) exploração, escravidão, capitalismo escravista, com indicação clara de quem são os “negros”, de onde são capturados e para onde são deportados.

Assim como fizeram Delesalle e Valensi (1972), para buscar entender, aproximadamente, quando a palavra ofensiva “negro” entrou nos dicionários como adjetivo qualificativo dos africanos (colonizados, escravizados e seus descendentes), desenvolveu-se neste estudo. Uma análise lexicológica da palavra “*nègre*” (“negro”). Portanto, foi necessário a consideração e o levantamento de anos de publicações destes dicionários analisados. Sendo a

França um dos líderes mundiais no sistema educacional⁵, ou seja, no que diz respeito à Academia de Letras, foi *sine qua non*, consultar o “Dicionário da Academia Francesa” publicado em 1694, período em que a escravidão estava florescendo.

Em seguida, foram analisados também os dicionários, principalmente, os portugueses e brasileiros de Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018). Sobre a palavra “negro”, “*Le Dictionnaire de l’Académie Française*”, Roy (1694), não menciona nenhuma vez a palavra “negro”. O fato de a Academia de Letras Francesa não conceituar a palavra “negro” durante o período do “*blooming*” de sistemas de colonização e escravatura poderia significar que a palavra negro não teve a extensão de sentidos e significados relacionados aos africanos colonizados e escravizados. Roy (1694, p. 407) não faz alusão aos africanos nem a palavras “negro” ou preto, ao conceituar as palavras escravo e escravidão. Outro aspecto importante é a não preocupação neste estudo, de buscar explicar redundantemente a etimologia da palavra “negro”, nem a sua gênese.

Portanto, busca-se entender, histórica e ontologicamente, os elementos laterais, que são constitutivos do processo de forjamento e invenção de conceitos ofensivos do termo “negro”. Para Diderot (1765) afirma que, no “Tratado de Metafísica”, Voltaire escreve: “Vejo macacos, elefantes, negros, todos parecem ter algum vislumbre de razão imperfeita. Eu até percebo que esses animais negros têm uma linguagem ainda mais articulada entre si, e muito mais variável do que a de outros animais”.

Realmente, é possível dizer que, o termo “negro” como conceito e sujeito social leva com ele a ideia de desumanização dos “Afros”. Ora, o nome negro tem como origem em latim “nigra”, que nunca tivera significados e sentidos ofensivos. Segundo “*A Bíblia Sacra Vulgata*”: “*nigra sum sed formosa filiae Hierusalem sicut tabernacula Cedar sicut pelles Salomonis*” significa: “*I am black but beautiful, O ye daughters of Jerusalem, as the tents of Cedar, as the curtains of Solomon* (GRYSON, 1778, p. 997). De fato, com base em fatos históricos, é possível afirmar que, designar pessoas pela cor da pele era impensável na mentalidade europeia, ou seja, na sociedade grego-romana e francesa, antes do surgimento da escravidão e do forjamento do nome “negro”. Quanto a cor da pele, no contexto desta passagem bíblica, “*nigra*” não caracterizava uma cor congênita, mas, sim, representava uma beleza, após ser bronzeada.

⁵ O primeiro dicionário da língua portuguesa só foi publicado no século XVIII. (UFMG, 2008). Ora, na época de invasão e colonização da África, e durante a escravidão, a literatura portuguesa era “pobre” e quase não existem bibliografias adequadas, que retratam o tema do presente estudo, em ralação aos séculos XV, XVI, XVII & XIX. Razão pela qual, a predominância da literatura francesa se faz sentido neste trabalho. Portanto, a palavra “negro” é universal, global e mundial, ou seja, ela é atribuída aos africanos e seus descendentes espalhados no mundo inteiro.

1.2 Dissecção da palavra “negro”: Sentidos e Significados

De acordo com Lafourcade (2011), historicamente, os objetos lexicais que são mais ou menos estruturados e ricos em informações, e quando destinados a usuários humanos são então muitas vezes referidos como dicionários. Tradicionalmente, os léxicos são dicionários correspondentes a um domínio especializado (léxicos e glossários são, sem dúvida, objetos muito semelhantes). Para tanto, são analisados os conceitos da palavra “negro” a partir de adjetivos que lhe são atribuídos como sinónimos para que possamos dissecá-la.

O uso da palavra negro e seus subjacentes como forma de praticar a injúria racial e a violência simbólica é recorrente e crescente. Portanto, o tema é pouco discutido, na sociedade brasileira. Apesar de artigos, leis, incisos e parágrafos estipulados na Carta Magna de 1988 e no código penal da República Federativa do Brasil, que garantem a inviolabilidade de honra e dignidade de cada cidadão, poder-se-ia se afirmar que ainda falta a questão de aplicabilidade e efetivação dos tais.

Talvez seria fundamental repensar sobre a questão de injúria racial referente a palavra “negro” e seus subjacentes em outros ângulos para que se erradique o paradoxo da mesma. Desta forma, seria errôneo negar ou ironizar a existência deste paradoxo pelo fato de que, de ponto vista individual, muitos “Afros” objetivam, naturalizam, aceitam e se identificam como “negros” e também se indignam ao serem chamados de “negros” e no aspecto estrutural, o termo “negro” é considerado como denominação identitária oficial e crime de injúria racial e racismo. É aqui onde se fundamenta o paradoxo do termo.

Convém sublinhar que o nosso estudo se embasou em análises lexicográficas, a partir de adjetivos, atributos e sinônimos atribuídos à palavra negro e ancorados nos cinco dicionários.

Em primeiro lugar, para Trévoux (1704) negro é:

Um peixe que pega pedras nas costas da América. Nós o chamamos de negro porque ele tem a cabeça preta. Parece a tenca. Ele é muito bom gosto. Negro. Se trata também daqueles escravos que nos puxamos da costa da África e que vendemos nas Ilhas da América para o cultivo do país e no continente para trabalhar em minas, fábricas de açúcar, etc. Negrita. (TRÉVOUX, 1704 In: DELESALLE & VALENSI, 1972, p. 86, tradução nossa)

Em segundo lugar, para Richelet (1719), a palavra negro significa:

Peixe que se apanha nas rochas da costa da América. Nós o chamamos assim porque ele tem uma cabeça preta. NEGRO, s.m. negros que são tirados da costa da África e vendidos nas Ilhas de América para o cultivo do país, e no continente para trabalhar em minas e fábricas de açúcar (RICHELET, 1719 In: DELESALLE & VALENSI, 1972, p. 86, tradução nossa)

Em terceiro lugar, para o “Dicionário Portuguez”, Vieira (1873):

Negro (a), adj. Que pertence a raça negra. Livido, magoado. Ter o corpo negro de pancadas – Escuro, escurecido, cerrado [...]. Porco, sujo, imundo, enxovalhado; diz-se principalmente da roupa, e de mãos – Figuradamente: infeliz, infausto, triste, luctuoso; que aflige, que entristece, odioso, indigno; diz-se de certas acções más, de alguns delictos, etc. – Negra calúnia. – Negra ingratidão. – Horrível, hediondo, medonho. Afflicto, entelado, em aperto. – Reputação, fama negra; que denigra, ou enegrece. (VIEIRA, 1873, p. 425-436)

Em quarto lugar, para o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2006):

Negro adj. 1. Que recebe a luz e não a reflete. 2. Preto, escuro. 3. Sombrio. 4. Trigueiro. 5. Triste. 6. Infeliz, mofino. 7. Fúnebre, tético. 8. Nefando. 9. Aflito, apoquentado. • s. m. 10. A cor negra. 11. Negrura. 12. Roupa muito escura. [...] 14. [Antigo] Diz-se de escravo de pele escura [...]. Superlativo: negríssimo e nigérrimo. (PRIBERAM, 2006)

Enfim, para o Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Rios (2018):

Negro adj. 1. Que é de cor escura. 2. Preto; muito escuro. 3. Escurecido pelo tempo ou pelo sol. 4. FIG Sombrio, triste, funesto, infeliz. 5. FIG Tético, ameaçador. 6. FIG Maldito. s.m 7. Homem de raça negra; preto. 8. ANT. Escravo; homem que trabalha muito. Sup.abs. sint.: nigérrimo. Ant.: claro, branco. (RIOS, 2018, p. 364)

Ao analisar os cinco dicionários, categorizamos os adjetivos, atributos e sinônimos subtraídos dos conceitos e atribuídos aos agentes sociais “Afros”; com base no aporte da teoria semântica, desenvolvida por Guimarães (2005, 2018).

[...] como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua [...] vou considerar a questão do político na linguagem [...]. isto quer dizer que para mim enunciar é uma prática política [...]. tanto a noção de político, que vou fazer operar aqui, quanto minha concepção de sentido são pensadas historicamente e não como uma ação particular numa situação particular. (GUIMARÃES, 2005, p. 8)

Nessas obras, o autor dedicou-se ao estudo da designação como fundamento para pensar as relações da linguagem com o mundo porque, segundo ele, é uma forma de significá-lo e possibilita falar dele. E, esta relação do sujeito é construída a partir de contextos social, cultural, histórico, político, religioso e outros. Em virtude disso, acredita-se que os conceitos do substantivo “negro” foram forjaos com base em contextos sociais, econômicos, políticos, religiosos, culturais, históricos e outros aglutinados aos sistemas de capitalismo escravista primitivo, escravidão, colonialismo e conversão ao cristianismo; contextos pautados pelo tráfico de escravizados⁶ africanos e pela exploração do continente africano.

⁶ Sem serem os pioneiros neste campo, os franceses participam de comércio de escravos em nome dos espanhóis. Mas uma declaração real de 1571 afirma: “França, mãe da liberdade, não autoriza nenhum escravo” e uma lei confirma, em 1607, que “todas as pessoas são livres neste Reino; assim que um escravo chegar a estas fronteiras e batizado, ele é livre”. No entanto, em meados do século XVII, a exemplo dos ibéricos, os franceses introduzem a escravidão nas ilhas da América [...] assumirão este “comércio tortuoso” entre França, África e Ilhas. [...]. Em 1685, “*Le Code Noir*” foi publicado, o status legal da escravidão. (DELESSALLE & VALENSI, 1972, p. 82, tradução nossa)

Quadro 1 - Conceitos de “negro” em Trévoux (1704)

Características / Condições	Adjetivos, Atributos, Sinônimos
1. Atribuição do nome “negro” aos Africanos	Se trata também daqueles escravos que nós puxamos da costa da África
2. Físicas	parece a tenca; cabeça preta
3. Desumanização	Um peixe que pega pedras nas costas da América
4. Capitalismo, Escravidão, Colonialismo	Escravos [...] da África que vendemos nas Ilhas da América para trabalhar em minas [...] fábricas de açúcar.

*Com base em Trévoux (1704). Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Quadro 2 - Conceitos de “negro” em Richelet (1719)

Características / Condições	Adjetivos, Atributos, Sinônimos
1. Atribuição do nome “negro” aos Africanos	[...] negros que são tirados da costa da África
2. Físicas	Têm cabeça preta
3. Desumanização	Peixe que se apanha nas rochas da costa da América; Escravos negros que são tirados das costas da África
4. Capitalismo, Escravidão, Colonialismo	cultivo do país, para trabalhar em minas e fábricas de açúcar

*Com base em Richelet (17019). Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Quadro 3 - Conceitos de “negro” em Vieira (1873)

Características / Condições	Adjetivos, Atributos, Sinônimos
1. Físicas, espirituais, morais, higiênicas, mentais, psicológicas	Escuro, cerrado; lívido, porco, sujo, imundo, odioso, enxovalhado; magoado, infeliz, infausto, triste, luctuoso, que entristece, afflicto; ações más, de alguns delictos; revolta, insatisfação, delito, medonho, aflige, ingratião, hediondo, entelado
2. Desumanização	Peixe que se apanha nas rochas [...] ter corpo negro de pancadas, ovalhado
3. Capitalismo, escravidão, colonialismo	Escravos negros que são tirados da costa da África e vendidos nas Ilhas de América para o cultivo do país, e n continente para trabalhar em minas e fábricas de açúcar
4. Racismo	Pertence a raça negra. Fama negra, que denigra ou enegrece; negra calúnia

*Com base em Vieira (1873). Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Quadro 4 - Conceitos de “negro” em Priberam (2006)

Características / Condições	Adjetivos, Atributos, Sinônimos
1. Ciência Física	Recebe luz e não a reflete
2. Físicas, espirituais, morais, higiênicas, mentais, psicológicas	Preto, escuro, sombrio, trigueiro, pele muito escuro, a cor negra; triste, infleiz, mofino, aflito, fúnebre, tétrico, um escravo de pele muito escuro, apoquentado
3. Desumanização	Nefando

*Com base em Priberam (2006). Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Quadro 5 - Conceitos de “negro” em Rios (2018)

Características / Condições	Adjetivos, Atributos, Sinônimos
1. Espirituais, Físicas, mentais, psicológicas e morais	Recebe luz e não a reflete
2. Capitalismo Escravista	Escravo, homem que trabalha muito
	Preto, escuro, sombrio, trigueiro, pele muito escuro, a cor negra; triste, infleiz, mofino, aflito, fúnebre, tétrico, um escravo de pele muito escuro, apoquentado
3. Racismo	Ant. Claro, branco (ant. = antônimo=cujo sentido é contrário ou incompatível com o da raça branca)

*Com base em Rios (2018). Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Segundo Lara (1992, p. 20), o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma das suas mais importantes instituições simbólicas [...] o dicionário é o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, se desligaram dos seus atores para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo. No prefácio do dicionário “*Petit Robert*”, Alain Ray (1991, p. XVII) afirma que, “o dicionário é a memória lexical de uma sociedade”. Para Rey-Debove (1980, pp. 20-23 - tradução nossa), “O dicionário é uma obra de referência que permite ir de conhecido para o desconhecido, que oferece uma resposta a um pedido específico de informação [...]. Os dicionários fornecem informações objetivas de interesse geral que tem valor de verdade no sistema semiocultural dos leitores”.

Visto que, as definições dos três autores suprarreferidos fazem alusão a ideia de memória coletiva, memória lexical e valor de verdade semiocultural, pode se afirmar que, os dicionários estejam, intrinsecamente, ligados aos contextos sociais, culturais, históricos, políticos, econômicos, religiosos entre outros. Em atenção a isso, é necessário que se considerem os diferentes contextos e elementos que motivaram o forjamento do termo “negro”.

Para a Defensoria Pública do Estado da Bahia (2021):

Nosso idioma foi construído sob forte influência do período de escravização e muitas destas expressões seguem sendo usadas até hoje, ainda que de forma inconsciente ou não intencional. Precisamos repensar o uso de palavras e expressões que são frutos de uma construção racista. Não dá para continuar falando que fulana tem um “pé na senzala” depois de aprender que esta expressão é uma infeliz recordação da escravidão no Brasil, época em que o único lugar permitido às mulheres negras era a cozinha da casa grande. Pode parecer bobo, mas não é. É que não tem graça se todo mundo não ri da piada, sabe? (idem, p. 5)

Inclusive, Munanga (1986, p. 16) afirma que:

Os dicionários e as enciclopédias do século XIX são unânimes em apresentar o negro como sinônimo de humanidade de terceira. [...]. Os progressos realizados na anatomia mostraram a interdependência entre as funções do corpo e a conduta dos indivíduos. Todos passam a relacionar os aspectos físicos aos culturais. Segundo os trabalhos de Georges Cabanis, médico fisiologista da época, as diferenças físicas intelectuais e morais correspondem às diferenças físicas entre as raças. O médico alemão Franz Gall afirmou também que o tamanho da cabeça e o volume do cérebro acusavam, entre os negros africanos, dimensões menores comparativamente aos brancos, daí chegando à conclusão óbvia (Idem).

Em vista da dissecação da palavra “negro”, revelou-se a necessidade de articular teorias e conceitos para que se desvendem as intenções ideológicas, os elementos laterais e os sistemas, que influenciaram o forjamento, a ancoragem em dicionários e a disseminação do nome “negro” na sociedade tanto global quanto brasileira. Desta forma, foi indispensável analisar a realidade social empírica e descrever o objeto de estudo, que é o paradoxo da palavra “negro”, abordando os conceitos de identidade social, injúria racial e violência simbólica.

2 IDENTIDADE SOCIAL, INJÚRIA RACIAL, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

No contexto do presente estudo, as noções de identidade social, injúria racial e violência simbólica vão de par devido ao uso da palavra “negro” tanto como denominação identitária quanto como injúria racial, que é uma prática de violência simbólica. “A identidade é constituída por aqueles aspectos da autoimagem de um indivíduo que derivam das categorias sociais às quais ele percebe que pertence (TAJFEL & TURNER Apud: DE LA HAYE, 1998, p. 35)”. Na visão de Tajfel (1981), a identidade social se baseia em conhecimento e crenças que os indivíduos têm sobre as categorias sociais a que pertencem ou a que são atribuídos. Assim, a identidade social é dotada de cognições coletivas e individuais.

Para Leach (Apud: DA MATTA, 1983), a injúria racial significa a violação de um tabu, ou seja, consiste na expressão de nomes, atos ou gestos socialmente interditos que, geralmente, se referem aos muito próximos ou muito longínquos de si, sejam pessoas, animais ou fatos corpóreos. Com base nessa definição, é possível deduzir que, o emprego da palavra “negro”, como crime de injúria racial e racismo deveria ser interdito no Brasil.

Em contraste, percebe-se que a intenção da classe dominante, em atribuir a denominação identitária ofensiva aos africanos colonizados e escravizados, reflete as particularidades de funções de injúria racial destacadas por Flynn (1977), ligada a relações de poder entre dominantes e dominados, a saber, (i) legitimação e reprodução de uma ordem moral; (ii) legitimação de uma hierarquia entre grupos sociais; (iii) legitimação de uma hierarquia no interior de um grupo; e (iv) socialização de indivíduos em um grupo.

Enfim, existe uma relação intrínseca entre injúria racial e violência simbólica no âmbito do uso da palavra “negro” e seus subjacentes “macaco”, “senzala”, “banana”, “gorila”, “sujo”, “fedido” e mais, pelo fato de que a violência simbólica se exerce pela linguagem, pelos gestos e pelas atitudes, que afetam os agentes sociais “Afros”, ao atingir a sua dignidade humana, a sua honra e a sua essência como pessoa. Pois, é através de linguagem, gestos, atitudes, que se exprimem a dominação, a alienação, o racismo, o preconceito de marca, a classificação social, o preconceito racial, as estigmatizações raciais, entre outras. Acredita-se que a injúria racial é uma das várias expressões do racismo. Razão pela qual ao falar sobre o termo, é imprescindível falar, também, do racismo e de suas outras expressões interligadas (preconceitos raciais, preconceitos de marca, estereótipos raciais, discriminação racial, etc.)

2.1 Identidade Social

Atualmente, o conceito de identidade tem um grande número de significados, referindo-se, por exemplo, para grupos, categorias ou funções sociais, em outros, sobre identidade pessoal (RG, CPF), raça, origem, cor da pele, gênero, orientação sexual, identidade religiosa, identidade política, assim em diante. Talvez seja necessário para mostrar essa diversidade contextual, considerar alguns fatores tidos como componentes essenciais na construção de uma identidade ou de uma personalidade coletiva, a saber: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. A identidade cultural perfeita corresponderia à presença simultânea desses três componentes no grupo ou no indivíduo. (MUNANGA, 1986, p. 5)

No século XX que o termo identidade começou a ser conceituado na perspectiva simbólica, principalmente por Erikson (1968), que apresentou uma psicologia do desenvolvimento em que dois estágios se encontram em tensões ou conflitos: identidade e confusão de função biológicas. Vários outros cientistas contribuirão para o relacionamento que existe entre identificação, identidade e etnia, como Mead (2006), que ampliou a temática no interacionismo simbólico, segundo o qual o “*self*” - eu mesmo- só pode se manifestar na sociedade através das relações sociais que a pessoa estabelece com os outros por meio da linguagem porque a linguagem é compartilhada e contém símbolo.

Em uma reflexão sobre grupos humanos e categorias sociais, Tajfel (1981, p. 255) define a identidade social como: “[...] *that part of an individual’s self-concept which derives from his knowledge of his membership in a social group (or groups) together with the value and emotional significance attached to that membership*”. Ambos Henri Tajfel e seu aluno John Turner desenvolveram a teoria “*The Social Identity Theory of Intergroup Behaviour*”⁷, segundo o qual, os grupos ou categorias sociais fornecem aos seus membros uma rede de identidade social que passa por grupos de pertencimento, como família, escola, time de futebol, etc., que são ambientes de interação e socialização, e esta representação tem como idioma de fundo, religião e, de forma mais geral, cultura.

Na visão dos autores supra citados, cada grupo tem seus códigos, padrões, funções, seus ritos que regulam as interações e fornecem material à cultura. De certo, essa perspectiva de

⁷ *We can conceptualize a group, in this sense, as a collection of individuals who perceive themselves to be members of the same social category, share some emotional involvement in this common definition of themselves, and achieve some degree of social consensus about the evaluation of their group and of their membership in it. Following this, our definition of intergroup behaviour is basically identical to that of Sherif (1967: 62): any behavior displayed by one or more actors toward one or more others that is based on the actors’ identification of themselves and the others as belonging to different social categories. Social categorization is conceived here as cognitive tools That segment, classify, and order the social environment, and thus enable the individual to undertake many forms of social action. (TAJFEL & TURNER, 1986, p. 15)*

Tajfel & Turner⁸ (1986) tem reflexo de uma identidade construída pelos membros do grupo ou da categoria (identidade subjetiva). De fato, Tajfel & Turner (1986) identificam três princípios teóricos que regem a teoria de “identidade social do comportamento intergrupar”.

O primeiro é que os indivíduos buscam aumentar ou manter sua autoestima e, por isso, aspiram a um autoconceito positivo, e, portanto, para uma identidade social positiva; o que implica o pertencimento livre do indivíduo ao coletivo e a compreensão de informações relativas à sua própria identidade, ou seja, a identidade social só pode ser entendida se o indivíduo reconhece o significado atribuído ao seu pertencimento para grupos sociais.

O segundo indica que uma identidade social positiva surge de comparações favoráveis entre endogrupo e exogrupos, ou seja, entre um grupo de pertença, e grupos externos relevantes, o grupo interno tendendo a desenhar uma imagem vantajosa de si mesmo. No entanto, para se darem uma identidade positiva, os membros de um grupo geralmente procuram assimilar no grupo cujo status é percebido como superior. A rivalidade entre grupos vem do fato de que a categorização é essencial à sua constituição e que esta classificação tem como corolário exercícios de comparação.

O terceiro aponta que, quando a identidade social é insatisfatória, os indivíduos são tentados a deixar seu grupo para ingressar um grupo mais valorizado ou a tornar seu grupo mais forte, positivo e diferente. Esta estratégia é individual, por isso ele não faz nenhuma alteração no status do grupo. Contudo quando a mobilidade individual não é possível, as estratégias coletivas podem ser consideradas. Enfim, Tajfel & Turner (1986) evocam as estratégias de mudança cognitiva ou criatividade social e de mudança social.

Com fundamento nestes três princípios teóricos de Tajfel & Turner (1986), poder-se-á afirmar que a identidade social implica o sentimento de pertencimento, a autoestima em pertencer a categoria ou ao grupo e a satisfação de permanecer como entidade. Consequentemente, a falta de autoestima e a insatisfação de permanecer como entidade do grupo étnico ou da categoria podem causar a mutação situacional é psicossocial para grupos e categorias com imagens e representações sociais positivas. Outros aspectos sobre a identidade social em relação a grupos étnicos são: (i) compartilhar valores e normas específicos, (ii) um

⁸ *Much of the work on social psychology of intergroup relations has focused on patterns of individual prejudices and discrimination and on the motivational sequences of the interpersonal interaction. [...] and in the various versions and modifications of the theory of frustration, aggression and displacement. [...] The common denominator of most of this work has been the stress on the intraindividual or interpersonal psychological process leading to prejudice attitudes or discriminatory behavior. (TAJFEL & TURNER, 1986, p. 7)*

senso de destino histórico compartilhado e (iii) cultura e linguagem próprias, que definem uma visão de mundo única.

More specifically, each ethnic group is supposed to share specific values and norms, which should differ more from each other the further the cultural origins of two ethnic communities are removed from each other. [...]. Therefore, two ethnic groups should differ in world views and values only if the boundary between them is marked by high levels of exclusion and closure [...] Each of these peoples is defined by three characteristics. First, each forms a community held together by close ties among its member or, in the words of the founder of romantic political theory Adam Müller, a "people's community." Second, each person has a consciousness of itself, an identity based on a sense of shared historical destiny. Finally, each person is endowed with its own culture and language that define a unique worldview, the "genius of a people" in Herderian language. (WIMMER, 2013, p. 14; 16)

Assim, pode se dizer que a origem, a história, a interação familiar, as características físicas e biológicas, os laços familiares, a origem dos ancestrres e a trajetória histórica constituem um espelho na mente e nos corpos dos agentes sociais, que nunca se apaga. As características biológicas e físicas, também, criam barreiras cognitivas de alguns agentes sociais em mutação de categorias.

Por outro lado, Laing (1971 Apud: FISCHER, 2020 – tradução nossa) afirma que, o conceito de identidade mostra a articulação do psicológico e do social em um indivíduo: é uma noção que expressa o resultado das interações complexas entre o indivíduo, os outros e a sociedade. A identidade é, portanto, a consciência social que o indivíduo tem de si mesmo, mas na medida em que sua relação com os outros confere qualidades particulares à sua própria existência. Isto nos leva a pensar da construção de identidade em uma perspectiva subjetiva e positiva em relação a identidades exógenas.

Por outro lado, Mead (2006) considera que, a identidade pessoal é produto da socialização, o que permite a constituição do "self", ou seja, do "Eu mesmo" e segundo Goffman (1992), as identidades individuais surgem das interações sociais mais do que as precedem. Portanto, para Berger e Luckmann (2012), a identidade não é uma propriedade fixa, é o resultado de um processo. Pois, a construção de identidade é realizada de forma contínua ao longo da trajetória individual e depende tanto do contexto social quanto dos recursos que podem ser mobilizados. Essa identidade, portanto, muda de acordo com as diferentes experiências vividas pelos indivíduos, em busca de uma identidade positiva⁹.

⁹ *Cependant, pour se donner une identité positive, les membres d'un groupe cherchent habituellement à s'assimiler au groupe dont le statut est perçu comme étant plus élevé. La rivalité entre les groupes provient du fait que la catégorisation est essentielle à leur constitution et que ce classement a pour corollaire des exercices de comparaison [...] lorsque l'identité sociale est insatisfaisante, les individus soient tentés de quitter leur groupe afin de se joindre à un groupe plus valorisé (LAFLAMME, 20016, P. 79)*

2.2 Injúria Racial

Realmente, a prática da injúria racial, referente a palavra “negro” e seus subjacentes, é um problema social de atualidade e intrigante na sociedade global e, particularmente, no Brasil. De certo, eles fazem arrepiar as vítimas e são considerados crime e puníveis por lei. Convém sublinhar e reiterar que, a palavra “negro” não tinha nada de racista em sua origem, mas foi historicamente tomada pelos colonialistas e escravistas europeus, reestruturada, forjada e atribuída aos africanos escravizados e colonizados em todas as partes do mundo.

Em sua obra “*Maudits mots, fabriques des Insultes raciales*”, Treps (2017) lança a luz sobre as raízes do mal, que ela cuidadosamente exuma para melhor trazê-las à nossa atenção. “Estou interessada nas palavras e no que está por trás delas. As palavras são o espelho da nossa sociedade. Elas aparecem em um determinado contexto”, diz ela. Seu campo de exploração diz respeito a palavras ultrajantes e humilhantes.

Injúria é emprestado em 1155 do latim injuria, um termo legal significando “injustiça, violação da lei, erro, dano” na época clássica, então, “injúria, palavra ofensiva” em latim cristão. No segundo terço do século 12, a injúria assume o significado hoje envelhecido de “desprezo”: insultar alguém, significando então “cometer uma injustiça contra ele”, depois “indignação”. [...]. O insulto é emprestado do latim medieval *insultus* “assalto, ataque” por volta de 1125. [...] o sentido figurado atual aparece no início do século 16: “ofensa ultrajante por palavra ou por ação”. Injúria se refere à violação de um direito, insulto à agressão, a guerra ou revolta [...]. Ao longo dos séculos, um repertório racista insultuoso se desenvolveu e entrou na memória coletiva. Mas se cada um dos termos traz consigo sua carga semântica, o que o torna imediatamente decifrável, o significado preciso de um insulto é amplamente moldado pelo contexto de uso - que os dicionários obliterados em suas definições necessariamente neutras. (TREPS, 2017, p. 1, tradução nossa)

Em atenção ao pensamento de Treps, pode se afirmar que exista uma relação intrínseca entre injúria racial e racismo, ou seja, a injúria racial pode ser considerada como expressão do racismo. Esta relação vai em consonância com a decisão do STF.

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, na última quinta-feira (28/10), equiparar o crime de injúria racial ao de racismo. Com isso, o crime passa a ser inafiançável e imprescritível. Os ministros do Supremo entenderam que a injúria racial é uma forma de discriminação que se materializa de forma sistemática e, assim, fica configurado o racismo [...]. “A Constituição Federal estabelece como um dos objetivos fundamentais da República a promoção do bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (JÚNIOR, Apud: JORNAL JURID, 2021)

Na sequência, segundo o Jornal JURID (2021), o advogado José Sergio do Nascimento Junior afirma que, a decisão tem o poder de contribuir para reprimir esse tipo de conduta e é um importante avanço para combater o preconceito. Assim, “a prática de injúria preconceituosa

traz em sua composição uma conduta do agente que pressupõe a alusão a determinadas diferenças, prestando ao ataque à honra ou à imagem alheia e à violação de direitos constitucionais, ferindo a dignidade da pessoa humana”.

[...] tanto na injúria racial quanto no crime de racismo há o emprego de elementos discriminatórios baseados em raça “para a violação, o ataque e a supressão de direitos fundamentais do ofendido”. Portanto, não se justifica o tratamento desigual conferido pela lei. Além disso, argumenta, o tratamento com prescrição até então concedido ao crime era usado como argumento para não punir os autores de ataques preconceituosos. (JUNIOR, Apud: JORNAL JURID, 2021)

De acordo com o Código Penal Federativo Brasileiro, Brasil (2021):

Art. 140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro: Pena – detenção, de um a seis meses, ou multa. § 1º O juiz pode deixar de aplicar a pena: I – quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria; II – no caso de retorsão imediata, que consista em outra injúria. § 2ª Se a injúria consiste em violência ou vias de fato, que, por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerem aviltantes: Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa, além da pena correspondente à violência. § 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: Pena – reclusão de um a três anos e multa. (BRASIL, 2021, p. 57)

Em geral, o crime de injúria está associado ao uso de palavras depreciativas referentes à raça ou cor¹⁰ com a intenção de ofender a honra ou a dignidade da vítima, ou seja, as ofensas de conteúdo discriminatório são empregadas a pessoas, pessoas ou categorias sociais determinadas. Portanto, como já foi ressaltado, acresce-se que a injúria racial relativa à palavra “negro” pode se praticar com gestos, sinais, atitudes, expressões escritas, como conduta capaz de exteriorizar o preconceito ou revelar a discriminação. Desse modo, pode se afirmar que o uso do termo “negro” como injúria racial sugira que os agentes sociais “Afros” são inferiores aos outros. Sem dúvida, a prática de injúria racial explica e reflete as noções de desigualdades sociais e diferenciação social na sociedade brasileira.

¹⁰ Aquele que, atualmente, dirige-se a uma pessoa de determinada raça, insultando-a com argumentos ou palavras de conteúdo pejorativo, responderá por injúria racial, não podendo alegar que houve uma injúria simples, e tampouco mera exposição do pensamento (como dizer que todo “judeu é corrupto” ou que “negros são desonestos”), uma vez que há limite para tal liberdade. Não se pode acolher a liberdade que fira direito alheio, que é, no caso, o direito à honra subjetiva. Do mesmo modo, quem simplesmente dirigir a terceiro, palavras referentes a “raça”, “cor”, “etnia”, “religião” ou “origem”, com o intuito de ofender, responderá por injúria racial ou qualificada. (NUCCI, 2019, p. 310)

2.3 Violência Simbólica

Segundo Landry (2006), o conceito de “violência simbólica” é uma das noções-chave da sociologia “bourdieusiana”, que permitiu ao sociólogo francês Pierre Bourdieu levantar o véu sobre a cumplicidade da instituição escolar na reprodução das relações de dominação. Esse conceito acaba por ser uma valiosa ferramenta teórica para pensar sobre a tenacidade de certas desigualdades estruturais. Este subcapítulo se propõe a escovar o contornos do conceito para apreender a especificidade, bem como o alcance teórico em relação a palavra “negro” no exercício da violência simbólica contra os “Afros”.

Em sua obra, “*Esquisse d'une théorie de la pratique précédée de Trois études d'ethnologie kabyle*”, Bourdieu (2000) afirma que, a violência simbólica serve para legitimar a dominação, ela é o princípio de eficácia de toda obediência. Pode ser definido como o conjunto de signos cuja emissão contribui para que uma dominação baseada no equilíbrio de poder pareça natural e, portanto, legítima.

[...] uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU, 2012, p. 7-8)

Com fundamento no pensamento de Bourdieu (2012), pode se afirmar que, a violência simbólica é uma violência oculta, que opera primordialmente pela linguagem, pelos gestos, pelas atitudes e, mais geralmente, pela representação ou imagem atribuída aos dominados. Isto pressupõe o desconhecimento da violência que a gerou e o reconhecimento dos princípios em nome dos quais ela é exercida, com a imposição da arbitrariedade do poder ou da dominação que a exerce, da cultura inculcada e do modo de imposição.

Para Landry (2006, p. 85), ao contrário da violência física, a violência simbólica não é instantaneamente inteligível. Enquanto o castigo corporal ou o simples combate corpo a corpo pode ser visto e ouvido, a violência simbólica permanece sutil e sempre invisível. “A violência simbólica gera efeitos duradouros. A obediência como resultado não é dissimulada ou traiçoeira, mas sim sincera e tenaz uma vez que está ancorada nas estruturas cognitivas do indivíduo. (LANRY, 2006, p. 88)”. Na mesma sequência, Bourdieu (2003) considera que:

O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2003, p. 46)

Desse modo, os efeitos de submissão, assim como os atos de coação que regem a ordem da sociedade, resultam mais de uma violência simbólica que se integra nas estruturas cognitivas e é exercida com a cumplicidade de suas vítimas. O conceito de violência simbólica mostra que os agentes sociais foram socializados de tal maneira que possa continuar uma dominação externa e arbitrária. Para ilustrar o efeitos da violência simbólica, Bourdieu (2003) toma o caso da dominação masculina: a desigualdade das relações de gênero não prossegue de coação física, mas de um trabalho realizado nos esquemas de pensamento dos agentes sociais. Porém, para que se exerça a violência simbólica, é necessária a participação dos dominados no processo.

A violência simbólica é perfeita: é uma violência que se exerce graças à inconsciência perfeita daqueles sobre quem ela se exerce, portanto com sua cumplicidade [...]. É o que chamo de violência simbólica ou dominação simbólica, isto é, formas de coerção que repousam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais. (BOURDIEU, 2014, p. 273, 282)

Portanto, convém sublinhar que, a submissão do agente social, em se tornar cúmplice de sua própria dominação não acontece de forma voluntária. É aqui onde se faz sentido a noção de não consciência, alienação simbólica e dominação simbólica, que impedem aos dominados de apreenderem, compreenderem e entenderem os sentidos e significados ofensivos da palavra “negro”. Consequentemente, eles autoneameiam e positivizam a palavra “negro”, exercendo, assim, a violência simbólica contra si mesmos. Em outros termos, a conivência dos agentes responsáveis não assume a forma de um ato consciente e deliberado.

Desta forma, a submissão dos dominados, por meio da violência simbólica, é o resultado de uma aceitação mecânica e involuntária que tem sua fonte dentro de esquemas perceptivos, *a priori*, condicionados. Razão pela qual, o aspecto não consciente e não reflexivo que caracteriza o modo de exercício da violência simbólica, segundo Bourdieu (2007, p. 245), “está permanentemente inscrita nos corpos dos dominados, na forma de esquemas de percepção e disposições”. Ora, para Landry (2006, p. 87), a referência ao corpo permite a Bourdieu especificar que a violência simbólica não age por meio de processos conscientes e racionais, mas é exercido antes por meios inconscientes que escapam ao filtro do intelecto.

[...] a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto [...] as tendências à “submissão”, dadas por vezes como pretexto para “culpar a vítima”, são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução. (LANDRY, 2006, pp. 47, 52)

Consequentemente, a noção de corpo na verdade se refere ao processo de incorporação pela qual o poder simbólico investe o corpo, forja e molda disposições. Desse modo, a atualização da dinâmica da violência simbólica se faz quando os agentes sociais incorporam as estruturas cognitivas, mentais e sociais impostas pelos dominantes. Diante disso, o uso da violência simbólica possibilita a transformação de estruturas subjetivas dos dominados para as estruturas objetivas que refletem a ordem social e as relações de dominação que a atravessam a sociedade, ou seja, as estruturas arbitrárias objetivas se tornam subjetivas ao exterioriza-las pela aceitação, naturalização e legitimação feitas pelos dominados, que colaboram na sua própria dominação. Em sua obra “Coisas Ditas”, Bourdieu (2004) afirma:

Sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, o *habitus*, necessidade tomada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração, consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação. (Idem, p. 23)

Em “A Dominação masculina”, Bourdieu (2012) segue afirmando:

[...] em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 2012, p. 47)

Por outro lado, Bourdieu (2007, p. 141) considera “as categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social”. Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-lhe possíveis diferentes, e até mesmo antagonistas”. Assim, pode se dizer que a violência simbólica, referente ao nome “negro”, engendra efeitos de dominação, pois, ao naturalizar, objetivar e positiva-lo, alguns “Afros” fazem um acordo mecânico e não consciente, que Bourdieu (1992) chama de “desconhecimento” tácito graças ao qual uma ordem social se vê legitimada e naturalizada.

2.4 Prática de Injúria Racial e Violência Simbólica

A partir de observações sistemáticas e diretas, foi possível descrever e analisar seis formas de prática de injúria racial e violência simbólica contra os “Afros”, no âmbito do uso da palavra “negro”, tanto como identidade quanto como prática de injúria racial ou racismo intencional ou não, além de seus subjacentes.

Em primeiro lugar, o uso da palavra negro em si é uma injúria racial contra os agentes sociais de ascendência e/ou descendência africana, ou seja, a injúria racial se faz sentido no uso da palavra “negro” tanto como identidade quanto como termo depreciativo. Em termos mais claros, vários dicionários, só para citar Vieira (1873), Priberam (2006) e Rios (2018), claramente, indicam, que a palavra “negro” não pode ser vista, de um lado, como palavra pejorativa e de outro, como palavra honrosa, quer dizer, a palavra “negro”, em si, é ofensiva, negativa, desumanizante, inferiorizante, animalizante etc.

Em vista disso, pensamos que, seria errôneo falar da palavra pejorativa “negro”, porque isso traz a ideia de que a palavra negro fosse, de outro lado, uma palavra apreciativa, dignificante, honrosa, respeitosa, reverente ou elogiosa e que por alguns motivos se tornaria pejorativa. Contudo, para que a coerção exercida pelas palavras “negro” e seus subjacentes atinja a vítima, é preciso que essa última apreenda e compreenda os sentidos e significados por trás delas.

Em segundo lugar, *ipso facto*, existem algumas palavras subjacentes a palavra negro, como “lista negra”, “denegrir”, “ovelha negra”, “cadastro negro”, “mercado negro”, “problema do negro”, “momentos negros”, “viúva negra”, “passado negro” e outras expressões criadas pelos próprios africanos e afrodescendentes, a saber, “negritude”, “dia da consciência negra”, “vida negra importa” e outras, que também exercem a violência simbólica contra os próprios “Afros”.

Por exemplo, analisando-se as seguintes frases: (i) “Os parlamentares da oposição queriam denegrir o meu nome, mas não conseguiram. Eu estou passando por momentos negros da minha carreira política”; (ii) “O senhor Fulano perdeu o seu emprego há 2 anos, ele não consegue mais pagar as dívidas e o nome dele foi negativado e incluído na lista negra”. Ora, pode se perceber, que as conotações, denotações e metáforas de palavras subjacentes da palavra negro, nos exemplos acima: “denegrir, momentos negros e lista negra”, estão intrinsecamente ligadas ao nome negro como conceito e sujeito social.

Na visão de Oliveira & Paiva (1998, p. 105), a interpretação de metáfora está ligada às ideias de denotação e conotação, ou seja, à significação com valor referencial e com significação associada à valor emocional. Assim, a expressão: “O dia hoje está negro” teria

como sentido denotativo “um dia sem sol, com nuvens escuras” e com sentido conotativo ou metafórico “um dia cheio de problemas, aborrecimentos ou tensões”. Efetivamente, ambos os sentidos, denotativo e conotativo, têm significação com valor referencial e significação associada à valor emocional intrinsecamente ligados aos agentes sociais “Afros”. O valor referencial, como identidade “negro” e o valor emocional, com os significados conotativos – cheio de problemas, aborrecimentos e tensões. Nessa lógica, pode se dizer que as significações da palavra “negro”, sejam elas de qualquer dimensão ou domínio, sejam intimamente ligadas aos agentes sociais ‘Afros’.

Em terceiro lugar, a injúria racial e a violência simbólica podem ser exercidas e praticadas pela própria vítima. Isto parte da noção da autonegação, objetivação e até tentativa de positivação, ao se identificar como negro apesar desse último ter sentidos e significados ofensivos e racistas. Assim, de forma não-consciente, por meio de dominação e alienação simbólicas, o dominado “Afro” usa a palavra negro e expressões ligadas à ela, praticando, assim, a injúria racial e a violência simbólica contra si mesmo e contra a sua categoria étnica. O trecho a seguir, explicita esta afirmação:

Nós, membros da população negra – entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça – reunidos em Assembleia [...] resolvemos juntar nossas forças e lutar pela defesa do povo negro em todos os aspectos. Por mais oportunidades de emprego, melhor assistência à saúde, à educação, à habitação, pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil[...] pela libertação do povo negro! (MNU, 1988, p. 19)

Para aclarar a legitimação da dominação pelos dominados, Bourdieu (2003) diz:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante [...] Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais - vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa - (BOURDIEU, 2003, p. 47, 49)

Analisando-se, paralelamente, ambos os trechos, o do MNU e o de Pierre Bourdieu, é possível vislumbrar a possibilidade de não consciência, alienação simbólica, dominação simbólica, herança estrutural mental sócio-histórica e cultural, autonegação e tentativa de positivação da palavra negro, e pelos quais os dominados contribuem para sua própria dominação, aceitando tacitamente a injúria racial forjada, que funciona simbolicamente, como diz Pierre Bourdieu no trecho acima.

Em quarto lugar, a prática da violência simbólica pode ser transmissível, ou seja, pode exercer uma coerção negativa de uma vítima, sujeito social ‘Fulano’ para outro sujeito social ‘Ciclano’, ou até, de uma vítima, sujeito social ‘Fulano’ para a categoria étnica afro-brasileira,

como um todo. Assim sendo, a coerção atinge a parte afetiva, sentimental, psicológica, cognitiva e emocional da vítima ‘Fulana’, do sujeito social ‘Ciclano’ e possivelmente de todos os “Afros”. Pois, esta transmissão de injúria racial e violência simbólica, através de informação, observação e conhecimento da prática da injúria racial sofrida pelo sujeito social ‘Fulano’ através de mídia, redes sociais ou nas interações sociais.

Por exemplo, no dia 11 de dezembro de 2020, o Jornal REDAÇÃO O POVO (2020) afirmou que os donos de uma lanchonete do município de Campina Grande, na Paraíba, foram surpreendidos na madrugada da terça-feira, 8 de dezembro de 2020, pelas reclamações de uma cliente que teria sido atendida por um garçom “negro”.

A mulher ainda disse que não era “obrigada a ser atendida por um “negro” e que ter um funcionário “negro” mancha a imagem da lanchonete. [...] Tenho uma reclamação a fazer, disse a mulher: “Pensei que sua lanchonete era um local de respeito. Estava passando hoje na sua lanchonete e avistei um funcionário de cor escura atendendo”. [...] Ao compartilhar as capturas de tela em publicação na rede social Instagram, a lanchonete publicou uma nota de repúdio às mensagens recebidas e disse que tomou medidas legais contra a cliente. (REDAÇÃO O POVO, 2020)

De fato, essa ocorrência demonstra como outras pessoas da categoria étnica afro-brasileira (endógena) e/ou até de outras categorias (exógenas) podem se identificar com o garçom “Afro” ofendido e discriminado e, se sentirem vítimas de exercício e prática de injúria racial e violência simbólica.

Em quinto lugar, a prática da injúria racial e da violência simbólica, referente ao uso do nome “negro”, se faz também com palavras metafóricas, pois, elas se usam como sinónimos do nome “negro”: “banana”, “macaco”, “chipanzé”, “gorila”, “senzala”, “burro”, “sujo”, “deve tomar banho”, “feio”, “fedidos” e mais. Em outros termos, esses termos se tornaram sinónimos do nome “negro”.

Enfim, a prática da injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso do nome “negro” é estrutural, sistêmica e institucional no Brasil. Isto se verifica em (i) discursos políticos, sociais, acadêmicos, religiosos e outros, com emprego do nome “negro” sem nem se quer pensar que o mesmo é considerado crime de injúria racial e racismo; (ii) decretos, documentos, anúncios, fichas e mais, das instituições públicas e provadas, quando se trata de classificação racial, características étnico-raciais ou cor. Geralmente, isso é recorrente nos Ministérios de Saúde e Educação; (iii) a ancoragem da palavra pejorativa “negro” em dicionários evidencia a sua estruturalização, pois os dicionários são dispositivos educacionais de poder, que promovem, disseminam e perduram diferentes saberes e conhecimentos na consciência coletiva da sociedade.

3 PARADOXO DA PALAVRA NEGRO NO BRASIL

[...] e da terrível ambiguidade que a palavra contém, semelhante a uma máscara. Sabemos que uma das funções da máscara será sempre a de esconder um rosto ao desdobrá-lo - o poder do duplo, no cruzamento do ser e da aparência. A outra função é permitir que quem está mascarado veja os outros sem ser visto; veja o mundo como uma sombra escondida sob a superfície das coisas. Porém, se na máscara se intersectam o ser e a aparência, acontece que, na impossibilidade de ver o rosto que esconde a máscara - pela minúscula ranhura -, a máscara acabará por se autodenunciar enquanto máscara. (MBEMBE, 2018, p. 95-96)

Neste capítulo, analisamos o paradoxo da palavra “negro” na sociedade brasileira, em seu emprego como denominação identitária e injúria racial, com um olhar crítico sobre as noções de (i) não-consciência, (ii) alienação simbólica, dominação simbólica, (iii) omissão do emprego da denominação identitária “afro-brasileira”, (iv) autonomação e positivação da palavra negro. Em sua obra “Metáfora do Cotidiano”, Oliveira e Paiva (1978) consideram que:

A metáfora tem em si duas mensagens, diz uma coisa querendo dizer outra. Assim quando alguém diz: “A situação está preta”, duas ideias, uma verdadeira e outra falsa, coocorrem, sendo a ideia encucada verdadeira e implícita falsa, porém, esta última serve de ícone para a primeira. A expressão “A situação está negra ou preta, descreve uma ideia real, mostrar que alguma coisa não está bem, está adversa, ruim etc. A ideia implícita “negro é ruim”, no entanto é falsa, preconceituosa, introjetada em nossas mentes, como se fosse um atributo da palavra negro. (OLIVEIRA & PAIVA, 1998, p. 111)

Diz Mbembe (2018):

O nome Negro [...] este nome assinalava uma série de experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia; o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida. (MBEMBE, 2018, p. 19)

De fato, é possível observar no trecho acima que a palavra negro tem sempre tido a natureza paradoxal em seus conceitos. Ademais, é necessário destacar que, muitos agentes sociais “Afros” aceitam, naturalizam, objetivam e legitimam a palavra negro, ao se identificar como “negros”, sem apreensão de seus significados e sentidos presentes em dicionários. Paradoxalmente, a maioria desses agentes sociais ficam indignados e ofendidos ao serem chamados de “negros”, em algumas situações. Sem dúvida, isto é o paradoxo da palavra negro, na sociedade brasileira, ou seja, “negro” como denominação identitária e “negro” como injúria racial”. Assim, a análise do paradoxo da palavra negro, que é o objeto deste estudo, foi fundamental para compreendermos as suas duas facetas: identidade e injúria racial.

Em virtude da dupla faceta e da ambiguidade da palavra negro, partimos abordagem de objetividade e subjetividade epistêmicas. É verdade que a ciência ocupa o lugar privilegiado em

nossa sociedade devido a sua capacidade de fornecer conhecimento objetivo. De outro, a compreensão do conhecimento através da objetividade em ciências sociais não é um ato arbitrário nem uma experiência passiva, mas, sim, um ato responsável que reivindica a validade universal. Este tipo de conhecimento é, portanto, objetivo no sentido de que ele estabelece contato com uma realidade oculta. A partir desse olhar (subjetivo e objetivo) poder-se-á analisar como o paradoxo da realidade e do conhecimento da palavra negro acontece, com base em subjetividade e objetividade epistêmicas.

Segundo Searle (1998), uma proposição ou asserção é epistemicamente objetiva se seu valor de verdade pode ser determinado independentemente do sujeito que a afirma. De outro lado, o autor considera que uma afirmação é epistemicamente subjetiva se sua veracidade depende do sujeito que a anuncia (preferências pessoais). Com base na reflexão de Searle, é possível afirmar que a palavra negro é epistemicamente objetiva pelo fato de que o seu valor de verdade nunca foi determinado pelos dominados Africanos colonizados e escravizados, mas sim, ele foi determinado pelos dominantes europeus durante a invasão, escravização e colonização da África. É nesta objetividade da palavra negro que se encontram a injúria racial, a partir de conceitos negativos, ofensivos, animalizantes, inferiorizantes, racistas e mais, forjados pelos dominantes.

No mesmo tempo, a palavra negro é epistemicamente subjetiva a partir de aceitação, naturalização, objetivação e legitimação da mesma pelos próprios “dominados” que se identificam como “negros”. Isto é assumir e autoneomear-se como “negros”, de forma não consciente ou como resultado de dominação e alienação simbólica. Esta afirmação se faz sentido a partir da dissecação da palavra negro descrita no subcapítulo precedente. Ora, seria difícil compreender como um agente social com descendência ou ascendência africana aceitaria se identificar ou ser chamado de negro enquanto os conceitos, significados e sentidos desta palavra são claramente estipulados em dicionários e materiais educacionais como discriminativas, ofensivas, racistas etc. Desta forma, pode se afirmar que, o paradoxo da palavra negro pode ser percebido do ponto de vista epistêmica como objetivo (injúria racial) e subjetivo (denominação identitária paradoxal).

Por exemplo, no dia 20 de dezembro de 2020, o jogador Ramírez da Bahia foi acusado de racismo pelo ex volante do Flamengo Gerson Santos (2020), atualmente jogador de “*Olympique de Marseille*” na França, durante a partida entre Flamengo e Bahia, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, pela 26ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro. Depois da partida o volante Gerson Santos declarou o seguinte:

O “cala boca, negro” é justamente o que não vai mais acontecer. Seguiremos lutando por igualdade e respeito no futebol - o que faltou hoje do lado contrário. Desde os meus 8 anos, quando iniciei minha trajetória no futebol, ouço, as vezes só por olhares,

o “cala a boca, negro”. [...] O futebol não é algo fora da sociedade e um ambiente onde barbaridades como o “cala a boca, negro” podem ser aceitas. É uma pena nós, negros, termos que falar sobre isso semanalmente e nenhuma atitude no esporte ser tomada a respeito. E é mais triste ainda ver a convivência de outras pessoas que estão dentro de campo e que minimizaram e diminuíram o peso do ato de hoje no Maracanã. É nojento conviver com o racismo e ainda mais com os que minimizam esse crime. Não vou “calar a minha boca”. A minha luta, a luta dos negros, não vai parar. [...] é chato sempre termos que falar sobre racismo e nada ser feito pelas autoridades. Não me calaram na vida, não me calaram em campo e jamais vão diminuir a nossa cor. (SANTOS Apud: ESPN Futebol, 2020)

Imagem 1 - Declaração do jogador Gerson Santos após ter sido chamado de “negro”



Fonte: Fox Sports- SportCenterBR (2020)

De fato, o jogador de Flamengo, de um lado, indignou-se por ter sido chamado de “negro” e de outro, aceita, assume e se identifica como negro ao afirmar: “É uma pena nós, negros, termos que falar sobre isso [...]. A luta dos negros, não vai parar”. Realmente, sabe-se que grande parte dos “Afros” se identificam como “negros”, aceitam, naturalizam, objetivam e legitimam a como a sua denominação identitária. Paradoxalmente, os mesmos indignam-se ao serem chamados de negros, em alguns casos. E, de outro, do ponto de vista institucional e estrutural, o emprego da palavra negro é oficial, embora não seja legal (não estipulada na Carta Magna de 1988, nem em legislações vigentes como denominação identitária dos cidadãos com descendência ou ascendência africana).

A proposta alinha a legislação ao entendimento do Supremo Tribunal Federal (STF) que, em julgamento, já decidiu dessa forma. O texto incorpora ao Direito Penal o que o STF e tribunais e juízes em todo o Brasil já vêm consolidando: a injúria racial é crime de racismo e como tal deve ser tratada, em todos os seus aspectos processuais e penais. O projeto retira a menção à raça e etnia do item específico do Código Penal (art. 140) e insere novo artigo na Lei de Crimes Raciais, definindo pena de multa e prisão de dois a cinco anos. O projeto cita injúria por “raça, cor, etnia ou procedência nacional”. Hoje, o Código Penal prevê pena de um a três anos de cadeia, além da multa. (SENADONOTÍCIAS, 2021)

Aqui reside o paradoxo da palavra “negro”: nos níveis individual, social, institucional e estrutural. Em outros termos, o paradoxo da palavra “negro” é o seguinte: por um lado, aparenta reconhecimento como denominação identitária dos “Afros”; por outro, constitui por si uma injúria racial (crime de racismo e injúria racial), uma vez que, por fim, o seu uso, em algumas situações se torna ofensiva. *Mais l’injure raciale est très souvent allusive, sur le mode du “racisme symbolique ou indirect” [...] L’injure raciale est très souvent dissimulée, sur le mode du “sous-entendu, de l’implicite, du connoté, du présupposé”* (TAGUIEFF, 1991, 43). Nessa linha, a Revista francesa “FICHE INFO” (2020) ressalta que :

O racismo antinegro é feito de preconceitos, atitudes, crenças, estereótipos e discriminação contra afrodescendentes. Está enraizado em sua história e sua experiência única de escravidão e suas consequências. O racismo anti-negro é profundamente incorporado nas instituições, políticas e práticas [...] pois é funcionalmente padronizado [...]. No atual contexto de marginalização social, desenvolvimento econômico e político [...] o racismo antinegro se manifesta na desigualdade de oportunidades, status socioeconômico mais baixo, desemprego mais alto, altas taxas de pobreza e sobrerrepresentação no sistema de justiça criminal (Idem, 2020, tradução nossa)

Em congruência com FICHE INFO, Ruiz (1980) afirma que:

Há uma relação muito próxima entre o escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra [...]. ‘O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo sobre o negro foi forjado. (RUIZ, 1988, p. 100)

De fato, a legislação brasileira deveria, *a priori* e por base da razão, criminalizar quem chamar os descendentes africanos de “negros”, pois, na história moderna da humanidade e sobretudo em século XXI, não se justifica a atribuição de uma denominação identitária ofensiva, caluniosa, desumanizante e outras a qualquer pessoa, cidadão, grupo(s) ou categoria(s), enquanto houver comprovação de conceitos, significados, sentidos, signos, símbolos, representações, imagens e discursos discriminativos.

Mediante o exposto, pode se afirmar que, o uso oficial, social, cultural e politicamente legitimado, da palavra “negro” em pleno século XXI, é incoerente, contraditório, ou seja, paradoxal, pois, o próprio Estado Brasileiro considera a palavra como crime de injúria racial e racismo. Isto vai em contramão da Carta Magna Brasileira, que garante a inviolabilidade de honra e dignidade da pessoa humana. Com intuito de buscar entender o cerne desse paradoxo, analisaremos na próxima etapa, os seguintes sub-capítulos: (i) não-consciência de sentidos e significados do nome “negro”, (ii) alienação simbólica e dominação simbólica, (iii) omissão do emprego da denominação identitária “afro-brasileira” e (iv) “tentativa” de autodesignação e positivação da palavra “negro”.

3.1 Não-Consciência de sentidos e significados ofensivos do nome “negro”

A ironia da questão é ter o próprio negro ou pessoas que se posicionam contra o racismo, agindo como veículos inconscientes de disseminação das metáforas negras e usando-as, muitas vezes, em contexto e onde procuram defender a raça e a sua cultura. Inúmeras vezes, ouvimos pessoas de raça negra dizendo que “a coisa está preta” ou utilizando o verbo denegrir. Denegrir significa, em seu sentido literal, tornar negro, escuro, enegrecer, escurecer. No sentido metafórico, significa manchar; macular; desacreditar; desabonar; difamar. (OLIVEIRA & PAIVA, 1998, p. 111)

De acordo com Cooley (2016), no “funcionamento mental” social [social mind], pode-se distinguir [...] relações conscientes e inconscientes. As relações inconscientes são aquelas das quais não temos consciência; que de alguma forma escapam à nossa atenção. Grande parte das influências que agem sobre nós são desse tipo. Nossa linguagem, nossas artes mecânicas, nosso governo e outras instituições que mantemos principalmente de pessoas com as quais estamos apenas indiretamente e inconscientemente relacionados. Assim, é possível observar na sociedade brasileira que certas expressões racistas e pejorativa referentes a palavra “negro” se tornam automatismos linguísticos, clichês, estereótipos linguísticos naturais e aceitáveis.

Em “Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as micro agressões do cotidiano”, a Defensoria Pública do Estado da Bahia (2021) indica algumas expressões racistas, relativas aos descendentes africanos, a saber: “Até tenho amigos que são negros”, “cabelo duro/bombрил”, “da cor do pecado”, “Denegrir”, “Disputar a nega”, “Escravo”, “Mercado negro, lista negro, humor negro”, “Não sou suas negas”, “Nega maluca”, “Negra exótica”, “Ovelha negra”, “Pé na senzala”, “Preto(a) de alma branca”, “Preto quando não caga na entrada caga na saída”, “Serviço de preto”, e outras.

Todavia, Schapira (1999) observa que [...] nós os pronunciamos sem sequer pensar neles: a linguagem os fixou de uma vez por todas e nos deu como estão, com o resto do léxico; a autora, também, observa que existem estereótipos que constituem moldes de pensamento, moldes estilísticos, moldes lexicais que, inconscientemente, mesmo insidiosamente, formam a nossa mentalidade e moldam o nosso modo de pensar sobre as vítimas de injúrias e o uso da linguagem. Visto que, os pensamentos, sentidos e significados conferem a palavra “negro” e seus subjacentes, ideias, imagens e representações sociais preconceituosas.

Nas sociedades em que a dinâmica estrutural conduz à escravização das consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Porque, pelo duplo mecanismo da assimilação, ou melhor, da introjeção, a pedagogia que se impõe às classes dominadas como “legítima” – como fazendo parte do saber oficial – provoca ao mesmo tempo o reconhecimento por parte das classes dominadas da “ilegitimidade” de sua própria cultura. Encontra-se, assim, ao nível da educação, esta “alienação da ignorância” com a qual Paulo Freire tem frequentemente experiência em suas investigações: o pobre absolutiza sua própria ignorância em proveito do “patrão” e “daqueles que são como o patrão”, que se convertem em juizes e garantidores de todo saber. (FREIRE, 1979, p. 39)

Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORE, 1953, p. 42-43). Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas.

Segundo Searl (1998), os fatos sociais são ontologicamente subjetivos, isto é, existem apenas na medida em que a consciência coletiva atribui existência a esses objetos; mesmo assim, ainda, é possível fazer algumas afirmações epistemicamente objetivas sobre eles. É isto que torna possível as ciências humanas. Em outras palavras, o ser humano pode ser objetivo em suas afirmações sobre a realidade social, mesmo que essa realidade social só exista na consciência das pessoas, na forma de crença coletiva, ou seja, o ser humano é ontologicamente subjetivo e suas afirmações são epistemicamente objetivas a partir dos fatos sociais que são ontologicamente subjetivos. A crença, o status e a função simbólica de palavra, a afirmação, a proposição ou o enunciado e até os fatos deixarão de existir, uma vez que o ser humano elimina ou descarta a existência da realidade social e essa eliminação pode ser temporal.

Com base na explicitação de Searle (1998) pode-se vislumbrar que o paradoxo da realidade e do conhecimento da palavra negro, da parte dos dominados “Afros”, acontece nesse jogo de “subjetividade ontológica” e “objetividade epistemológica”. Além disso, os pensamentos de Freire (1979) sobre “a pedagogia dos dominantes”, nos leva a considerar que, ao se identificarem como “negros”, os agentes sociais “Afros” aceitam o valor de verdade da palavra negro, que foi determinado independentemente da sua vontade. Assim sendo, essa aceitação ou objetivação da palavra negro se faz de forma não consciente e se torna real pela presença da realidade social, na forma de crença coletiva, ou seja, ao aceitarem, legitimarem e objetivarem a palavra negro, alguns “Afros” legitimam a sua própria dominação e fazem isso de forma ontologicamente subjetiva e epistemicamente objetiva.

Por efeito, pode se dizer, que a palavra “negro” é considerada de forma não consciente como normal e natural; objetivada e legitimada, tanto por alguns membros da categoria étnica afro-brasileira quanto pela maioria de membros de categorias étnicas exógenas branca, indígena e outras. Assim, esta prática não-consciente pelos indivíduos carrega a ideia de discriminação, exclusão social, tratamento desigual e reforça os preconceitos e a segregação mental e psicológica dos “Afros”. Conseqüentemente, ela se torna um *habitus* estruturante da sociedade e se manifesta em forma de discriminação institucionalizada e racismo estrutural. Pois as práticas individuais, ou seja, subjetivas, se transformam em realidades objetivas, sistêmicas e

estruturais. Neste sentido, o emprego da palavra negro se torna natural e normal tanto pelos dominantes quanto pelos dominados.

Foi nesse sentido que, no final da década de 1970, os ativistas do movimento *Black Power*, Stokley Carmichael e Charles Hamilton, introduziram o conceito de racismo institucional em oposição ao racismo individual. Carmichael e Hamilton têm assim deslocado o problema do racismo do plano de ação individual e o argumento doutrinário que legitimaria essa mesma ação, em direção ao plano estrutural e efeitos de práticas discriminatórias não-conscientes. Assim, a discriminação a que estão sujeitos certos indivíduos ou grupos não resulta necessariamente de conduta ou ações intencionais apoiadas por uma ideologia explicitamente racista; ela está registrada no funcionamento “normal” das instituições sociais. (MARQUES, 2007, p. 100 - tradução nossa)

De outro lado, a noção de não-consciência está intrinsecamente ligada a pré-noções, preconceitos, senso comum, conhecimento imediato, sociologia espontânea e outros, que fazem com que a tomada de consciência da realidade social e do conhecimento social, nesse caso, os sentidos e significados da palavra negro, escapam da sua consciência e conhecimento. Assim, práticas lógicas não-conscientes podem ser restauradas por meio da reconstrução de esquemas objetivas de percepção.

Acrescentando-se que, a não-consciência, ou seja, a falta de apreensão de sentidos e significados ofensivos do termo “negro” por alguns agentes sociais emane de ignorância, pré-noções, preconceitos, conhecimento imediato e senso comum. Isto nos leva a pensar da objetivação do conhecimento sobre a palavra negro para que se desvendem seus sentidos e significados. Nessa linha de raciocínio, Cardoso (Apud, BRASIL, 2005) considera que:

Racismo e ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e as idéias pré-concebidas vicejam se está ausente a informação, se falta o diálogo aberto, arejado, transparente [...]. É obrigação do Estado a proteção das manifestações culturais das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, bem como dos demais grupos participantes de nosso processo civilizatório. Essa obrigação deve refletir-se também na educação. (Idem, p. 9)

Diz Wieviorka (1991):

Levada ao limite, a ideia de um racismo institucional desarticulado da consciência de seus agentes leva a um paradoxo inaceitável, pois implica que todos aqueles que dominam são ambos totalmente inocentes e totalmente culpados. Ele exonera a todos já que apenas o sistema é culpado; ela cobra de todos, já que todos se beneficiam dele e dele participam. (WIEVIORKA, 1991, p. 124-125)

Apesar da “tentativa” de positivação e autodesignação do nome “negro” feitas pelos intelectuais africanos, afro-caribenhos na década de 1930 e por alguns intelectuais afro-brasileiros, Cadernos Negros e MNU na década de 1970, é possível afirmar que, esse processo

não trouxe o que se esperava, ou seja, não houve mudança nem transformação social¹¹, a respeito disso.

Enquanto categoria histórica, o Negro não existe, portanto, fora destes três momentos: o momento de atribuição, o momento de aceitação e de interiorização e o momento da reviravolta ou da subversão - que aliás inaugura a plena e incondicional recuperação do estatuto de humanidade antes rasurada pelo ferro e pelo chicote. (MBEMBE, 2018, p. 89)

Portanto, este trecho de Mbembe reitera a dissecação da palavra “negro” feita a partir de dicionários, onde destacamos, em primeiro lugar, a sua atribuição aos Africanos em condição de escravizados e colonizados; em segundo lugar, pode se pensar dos dois movimentos, a saber, a Negritude (França) e o MNU (Brasil), que jogaram um papel paradoxal em aceitar, positivar e autodesignar o nome “negro”, como a fase de aceitação e interiorização. Enfim, pode se dizer que os Africanos e seus descendentes na diáspora estão vivendo o momento de reviravolta ou da subversão e da rejeição do nome “negro”

Realmente, pode se afirmar que, quando é usado, o nome “negro” detona e conota sentidos e significados ofensivos. Por certo, quando um agente social “A” chama o agente social “B” de “negro” dizendo por exemplo: “ ‘B’ é o melhor amigo negro que eu já tive”, é possível dizer que, ao ser afirmativa, a frase também negativa pelo fato de possuir um juízo negativo, com a ideia da negação da personalidade e da dignidade presente no substantivo “negro”. Desta forma, pode se afirmar que, o nome “negro” leva com ele a imagem e a ideia de inferioridade¹² de agentes sociais com descendência ou ascendência africana em todas as dimensões humanas e carrega o preconceito marca¹³ e a desigualdade racial¹⁴.

¹¹ Para Rocher (1968), le changement social est toute transformation observable dans le temps, qui affecte, d'une manière qui ne soit pas que provisoire ou éphémère, la structure ou le fonctionnement de l'organisation sociale d'une collectivité donnée et modifie le cours de son histoire.

¹² Na primeira metade do século XX, as teorias racistas perdem progressivamente a hegemonia, e a desigualdade racial começa a ser explicada não como consequência da suposta inferioridade religiosa, biológica ou cultural dos grupos discriminados, mas, sim, da história e das instituições sociais. (OSORIO, 2021, p. 8)

¹³ Para Guimarães (1999, p. 170), O ponto central da reflexão de Nogueira é a permanência, o desenvolvimento e a especificidade do preconceito racial no Brasil, que ele chama de “preconceito de cor”, ou “preconceito de marca”. Preconceito que facilitou a integração e a ascensão social dos imigrantes europeus e retardou e impediu a ascensão dos negros.

¹⁴ A visão de que o Brasil seria uma democracia racial teve vida mais longa no pensamento social – e ainda se ouvem altos, aqui e ali, seus estertores – do que na sociologia. Nesta, o mito teve vida curta e foi logo desmentido por uma série de estudos sobre as causas da desigualdade racial, que afirmavam a existência de preconceito e discriminação, ainda que operando sob formas, meios e mecanismos particulares, genuinamente brasileiros. Esses estudos tinham como pano de fundo a escravidão e a abolição, momento inicial a partir do qual se buscava entender a desigualdade racial e sua transformação, na transição do Brasil para a modernidade. (OSORIO, 2021, p. 9)

3.2 Alienação Simbólica e Dominação Simbólica

No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: — inicialmente econômico; — em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade. (FANON, 2008, p. 28)

De acordo com “Bourdieu (1977, p. 79), a alienação absoluta aniquila a consciência da própria alienação”. “Toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade que não é submissão passiva a uma coerção externa nem livre adesão a valores. (BOURDIEU, 2008, p. 37)”. Ao abordar-se a noção do simbólico, é possível entender a realidade social da palavra negro, a partir da classe dominante, com um olhar crítico sobre a noção de “funções agentivas” de Searle (1998), que são atribuídas por representações simbólicas. Eles são objetos criados pelo ser humano, com funções simbólicas, atribuição de status e funções das coisas, a partir da linguagem.

Para tanto, pode se afirmar que a palavra “negro” tem funções agentivas simbólicas negativas. Ao dissecá-la, minuciosamente, é possível desvendar símbolos linguísticos relativos à colonização, escravidão, dominação, capitalismo escravista, subjugação, animalização e inferiorização dos “Afros”. Quanto às funções agentivas, Searle (1998) demonstrou os processos implicados na construção da estrutura invisível da realidade social:

- 1) Atribuição de função, que consiste na capacidade dos agentes sociais de atribuir funções a objetos ou a fenômenos. Tais funções não são intrínsecas aos elementos e são atribuídas conforme os interesses dos agentes sociais.
- 2) Intencionalidade coletiva, trata-se do fato de que os agentes humanos não apenas se comprometem com uma conduta cooperativa, mas também são capazes de compartilhar estados mentais, como crenças, desejos ou intenções.
- 3) regras constitutivas, que é a capacidade de atribuir funções simbólicas a fatos brutos, tornando-os fatos institucionais. Ora, as funções agentivas como funções simbólicas se tornam normais, naturais, institucionais, estruturais e oficiais a partir da magia do poder simbólico da classe dominante, através da linguagem, sem a qual não entendemos essas representações simbólicas.

Por fim, Searle (1998) afirma que, o acordo coletivo sobre a posse do *status* é constitutivo da posse do *status*, sendo que a posse do status é essencial para o cumprimento da função que lhe é atribuída. Nessa ordem de raciocínio, pode se dizer que o emprego da palavra negro como denominação identitária não descarta o (re)conhecimento da mesma pelos dominantes, como símbolo linguístico ou representação simbólica de alienação e dominação

dos “Afros”, na perspectiva da colonização, escravidão e capitalismo escravista, cujos efeitos são presentes e palpáveis na sociedade brasileira contemporânea. Para Fanon (2008, p. 15) [...] Veremos que a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia. De certo modo, para responder à exigência de Leconte e Damey, digamos que o que pretendemos aqui é estabelecer um sócio diagnóstico. Segundo Munanga (1986):

Com efeito, a alienação do negro tem se realizado pela inferiorização do seu corpo antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura [...] a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc. (Idem, p. 8)

Vale ressaltar que Bourdieu desenvolveu uma ferramenta teórica, embasada em pensamento homogêneo e contínuo, segundo a qual as formas simbólicas¹⁵ de expressão da sociedade nascem sempre de um conflito entre grupos, com os diferentes recursos à sua disposição, para garantir posições (hierarquias) e dominação em diferentes campos sociais.

Enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “Sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” [...] por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (cf. Weber), quer dizer, do poder de impor - e mesmo de inculcar - instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários - embora ignorados como tais - da realidade social. (BOURDIEU, 2007, p. 11-12)

Na mesma linha, Mbembe (2018) considera que:

É sabido que para ser duradoura, qualquer dominação se inscreve não apenas no corpo dos seus submissos, mas também deixará marcas no espaço que eles habitam, assim como traços indelévelis no seu imaginário. Deve involucrar o subjugado e mantê-lo num estado mais ou menos permanente de transe, de intoxicação e de convulsão - incapaz de reflectir, com toda a clareza, por si só. Só assim pode levá-lo a pensar, a agir e a orientar-se como se fosse irrevogavelmente apanhado nas redes de um insondável sortilégio. A submissão vai também inscrever- -se na rotina de todos os dias e nas estruturas do inconsciente. O potentado habita de tal maneira o submisso que este deixará de conseguir exercer a sua faculdade de ver, ouvir, cheirar, tocar, mexer, falar, de andar, de imaginar, deixará até de sonhar sem referência ao significante senhor que, doravante, o domina e o obriga a balbuciar e a titubear. (MBEMBE, 2018, p. 218-219)

¹⁵ Bourdieu dá ao simbolismo seu significado mais esperado quando o relaciona a representação e linguagem. [...]. Em tal concepção, as realidades materiais e figurações dessas realidades são articuladas em dois níveis em estreita correlação, levando em conta o fato, muitas vezes lembrado por Bourdieu e seus comentaristas, de que o mundo social existe em duas formas: uma externa, ligada à distribuição desigual de recursos (de todos os tipos, e mais obviamente econômicos); o outro interior, ligado à incorporação cognitiva das estruturas desse universo desigual. (DUBOIS, DURAND & WINKIN, 2015, p. 14-15, tradução nossa)

De certo, com base em pensamentos de Bourdieu e Mbembe, pode se dizer que o nosso olhar sobre a alienação simbólica e a dominação simbólica se faz sentido. Ambos os tipos de alienação impedem a percepção de sentidos e significados ofensivos da palavra negro, assim como a sua natureza ofensiva, racista, inferiorizante, animalizante, subjugante, objetizante e mais. Outrossim, o poder da magia presente na palavra negro impede que seja percebida, apreendida e dissecada os sentidos e significados ofensivos por trás da mesma. De certo, não foi em vão que os portugueses reestruturaram e forjaram a palavra “negro”. Para Bourdieu (2007, p. 14-15), o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma “*illocutionary force*”, mas que se define numa relação determinada - e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença.

Pois, a manutenção do poder das palavras se faz a partir da crença na legitimidade da palavra. Ora, a autonegação e a tentativa de positivação são fatos que influenciaram a perduração e a disseminação da palavra negro no mundo, e particularmente, no Brasil. A experiência pessoal do autor desta dissertação durante a colonização de Angola pelos portugueses, sendo ele um ex colonizado, a faz suportar a tese de que existe um *link* forte entre colonização, alienação e dominação, ou seja, no sistema de colonização, a maioria dos povos colonizados sejam eles professores universitários, políticos, padres, pastores, líderes tradicionais, intelectuais, acadêmicos entre outros, são, geralmente, dominados e alienados.

Para Bourdieu (2008), ao ser dominado, esta dominação permeia e cobre também o conhecimento da dominação. Assim, ser dominado é também ser alienado e colonizado, por dentro, pelo olhar do dominante, em algumas dimensões humanas e por que não em todas? A dominação além de ser material também é simbólica. A dominação simbólica funciona enquanto o dominado não tem plena consciência de estar sujeito à dominação e é cúmplice, em parte, da dominação a que está sujeito. O autor supracitado considera o sistema educacional, ou sejam a escola, como central do mecanismo de perpetuação, alienação e dominação.

De outro lado, Boillot (2008) considera que, a ação da escola pode então compreender-se como exercício da violência simbólica; a escola não é mais libertadora, mas alienante. Encontramos em Bourdieu uma teoria da alienação e desapropriação cultural, como se encontrou em Marx uma teoria da alienação e privação econômica entre o proletariado. Com essa diferença de que a privação econômica acarreta a consciência dessa privação, e que, ao contrário, a privação e a desapropriação cultural levam a aceitação de seu destino entre aqueles que são privados dele.

Porquanto, nós nos interessamos no pensamento de Bourdieu, segundo o qual a escola se apresentaria como um sistema alienante. Em relação ao objeto deste estudo, pode se afirmar

que a presença da palavra negro em dicionários e outros materiais escolares parece normal e natural, porém ela contribui na alienação da categoria étnica afro-brasileira. Convém sublinhar que a alienação em não apreender, perceber, compreender nem entender os sentidos e significados da palavra negro tem a ver com aspectos mental, autoconsciência, representações e estruturas mentais dos agentes sociais.

Pois, a alienação mental é uma possibilidade de perder a capacidade de ser si mesmo, de se identificar subjetivamente, de se conhecer a si mesmo, que implica o segundo aspecto, que é a desestabilização da autoconsciência em perceber, entender e compreender os enunciados, discursos, objetos, símbolos, que são representações negativas dos “Afros”.

Ora, Pierre Bourdieu, com o conceito de *habitus* compreende a alienação como interiorização da exteriorização, ou seja, a alienação emana de estruturas estruturadas que servem como estruturas estruturantes dos agentes sociais dominados. Desta forma, sociologicamente, com base em pensamento de Bourdieu, pode se afirmar que, a alienação torna-se possível com a dominação do espaço social e ambos, a alienação e a dominação estabelecem-se nos corpos e nas estruturas mentais dos agentes sociais, os dominados.

Portanto, a noção de dominação simbólica ou poder simbólico tem uma importância particular nos sistemas de dominação porque participa no estabelecimento da violência simbólica e de uma hierarquia tácita de posições e relações sociais. Na perspectiva do sociólogo francês Bourdieu, é através da distribuição desigual do capital simbólico que uma dominação simbólica pode aparecer. Assim, para Bourdieu, esta dominação está, nomeadamente, na origem de desigualdades sociais como o racismo ou a desigualdade entre os sexos.

Ademais, para que a dominação seja ativa é preciso que não seja reconhecimento como poder. Caso contrário, se for aprimorado, ela perde toda a sua capacidade de dominação. Ora, em sua obra “A dominação masculina”, Bourdieu (2003) explicita o poder simbólico que os homens têm sobre as mulheres e que lhes permite subjugar-las sem serem reprimidos de forma alguma. É nessa linha de raciocínio que a palavra negro, como poder de dominação, parece normal e natural perante muitos agentes sociais “Afros” e de outras categorias étnicas. Afinal, a força do poder ou da dominação simbólica está na aceitação da dominação pelos dominados, o que permite, portanto, que essa dominação continue e perdure.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante [...]; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Assim, os símbolos representam a realidade e são o meio pelo qual uma cultura e seus valores se expressam através dos sistemas simbólicos. (BOURDIEU, 2007, p. 10)

Por outro ângulo, Bourdieu (2007) considera que, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Assim, a palavra negro tem um poder, que se exerce pela ausência de importância dada a sua existência, poder ignorado, que fundamenta e movimenta uma série de outros poderes, atos, hierarquias, classificações, exclusões etc. O poder que está por trás desta palavra é escondido nas entrelinhas e que é cunhado com este propósito; quando o poder é reconhecido, o poder simbólico se faz sentido.

A força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. [...]. Trata-se de produzir, senão “um homem novo”, pelo menos, “um novo olhar”, um *olhar sociológico*. E isso não é possível sem uma verdadeira conversão, uma *metanoia*, uma revolução mental, uma mudança de toda a visão do mundo social. [...] A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de *intimidação* que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer. (BOURDIEU, 2007, pp. 49, 125)

Além disso, esse poder se manifesta e funciona através de sistemas simbólicos como a língua, as palavras, os discursos, a arte, a religião e mais. De certo, na visão de Bourdieu, os símbolos são instrumentos de integração social; é por meio deles que que uma determinada comunidade linguística, artística, religiosa, entra em consenso acerca dos sentidos e representações que circulam neste meio e que contribuem para a reafirmação e reprodução de paradigmas, de ideias e de uma ordem social. Outrossim, a alienação simbólica¹⁶ e a dominação simbólica vão de par, pois, os sistemas simbólicos são responsáveis por produções simbólicas e essas últimas funcionam como instrumentos e mecanismos de dominação, que se relacionam com interesses da classe dominante.

¹⁶ O conceito de alienação, retirado do vocabulário do Direito, onde se refere à transferência de propriedade, foi inicialmente importado para a sociologia por Karl Marx para caracterizar a condição do trabalhador sob o capitalismo, separado do produto de seu trabalho e privado do domínio sua organização [...]. Na sociologia contemporânea, o conceito de alienação está notavelmente presente de forma implícita nas teorias da dominação simbólica e da legitimidade cultural. (PAUGAM, 2018, p. 41)

3.3 Omissão do uso da denominação identitária “afro-brasileira”

Com base na Carta magna de 1988 e no Código Penal Federativo do Brasil, podemos compreender e descrever as possíveis falhas do Estado, ou seja, a falta de implementação e efetivação de artigos e incisos referentes a denominação identitária dos “Afros”, inviolabilidade e garantia de honra e dignidade da pessoa e a proteção dos cidadãos contra qualquer manifestação do racismo; além da promoção do bem estar de todos os cidadãos, sem preconceitos de origem ou de marca e sem qualquer outra forma de discriminação.

A qualificação da dignidade da pessoa humana como princípio fundamental traduz a certeza de que o artigo 1º, inciso III, de nossa Lei Fundamental não contém apenas uma declaração de conteúdo ético e moral, mas que constitui norma jurídico-positiva dotada, em sua plenitude, de status constitucional formal e material e, como tal, inequivocamente carregado de eficácia, alcançando [...], neste contexto, que na sua qualidade de princípio e valor fundamental, a dignidade da pessoa humana constitui de acordo com a preciosa lição de Judith Martins Costa, autêntico “valor fonte que anima e justifica a própria existência de um ordenamento jurídico”, razão pela qual, para muitos, se justifica plenamente sua caracterização como princípio constitucional de maior hierarquia axiológica valorativa. (SARLET, 2011, p. 72)

Ainda que, substancial e constitucionalmente, os objetivos do Estado brasileiro, sejam a garantia, a proteção e a promoção da dignidade da pessoa humana, não se pode descartar qualquer violabilidade destes princípios e objetivos. Nessa linha, Bourdieu (2014) afirma que, o Estado é a instituição que tem condições de impor de maneira universal, isto é, a todos os limites de um território determinado, as maneiras de pensar, de agir, princípios de classificação, que ele denomina *nomos*.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização [...] quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 12)

Portanto, pode se afirmar que o Estado como monopólio da violência física e simbólica, é capaz de combater e erradicar os crimes de injúria racial e violência simbólica contra os “Afros”, referente a palavra negro. De outro lado, sabe-se que o Estado colonial e escravista português/brasileiro contribuiu enormemente em forjar, ancorar e disseminar a palavra “negro”. Nessa linha, já que a palavra “negro” surgiu como injúria racial de forma estrutural, é possível que o Estado atual se responsabilize por qualquer violabilidade, inaplicabilidade e ineficácia dos “Artigos e Incisos” relativos à honra, dignidade da pessoa, direitos fundamentais, proteção contra racismo, desigualdade social entre outros, em relação a esta palavra.

Abordando o racismo em particular e a sua inscrição nos mecanismos do Estado e do poder, Michel Foucault dizia, a este respeito, que qualquer moderno funcionamento do Estado, «a determinado momento, a um certo limite e em certas condições, passaria pelo racismo». A raça, o racismo, explicava ele, “é a condição de aceitabilidade da condenação à morte numa sociedade de normalização». E conclui: “A função assassina do Estado só pode ser garantida, funcionando o Estado no modo do biopoder, através do racismo”. (MBEMBE, 2018, p. 66-67)

Pois, ela é resultado de um processo que a institui, ao mesmo tempo, nas estruturas sociais e nas estruturas mentais adaptadas a essas estruturas, a instituição instituída faz com que se esqueça que resulta de uma longa série de atos de instituição e apresenta-se com toda a aparência do natural. Por isso, ao Estado é conferido o poder e o monopólio de estruturação e construção de *habitus* que são estruturas estruturantes da sociedade. Acrescente-se que, do ponto de vista legal, a palavra “negro” não consta na Carta Magna de 1988 como denominação identitária dos “Afros”. Além da Carta Magna de 1988, o Código Penal Federativo Brasileiro, também não menciona a palavra “negro”.

Porém, oficial e estruturalmente, os “Afros” são identificados e chamados de “negros”. Isto é, também, uma contradição, uma incongruência, ou seja, uma incompatibilidade política, legislativa e jurídica, referente a efetividade e a aplicabilidade de princípios, leis, direitos e deveres relativos a objetivos e funções do Estado brasileiro. De fato, para (BRASIL, 2020, p. 211), a denominação identitária legal à luz da Carta Magna de 1988 é a “afro-brasileira”, que pode ser encontrada, como já foi sublinhado, na SEÇÃO II, da Cultura, no Art. 215, § 1º e § 2º, que cita as categorias étnicas “indígena e afro-brasileira” e ainda fala de outros segmentos étnicos nacionais.

Com isso, não é possível compreender a oficialização do termo racista e desumanizante “negro” como denominação identitária dos descendentes africanos. À luz da Carta Magna de 1988, é claro que o Estado tem o dever de promover, garantir e assegurar a inviolabilidade de honra e dignidade dos cidadãos. A referida promoção ou garantia está, claramente, estipulado no preâmbulo, nos títulos I e II, nos Artigos e incisos referentes à defesa, inviolabilidade de honra e dignidade humana; e a qualquer tipo de discriminação, indignação e racismo. (BRASIL, 2020). Resta saber, por que o Estado Brasileiro não considera a gravidade e as consequências sociais dos casos de injúria racial, referente a palavra “negro” e prefere o emprego da palavra racista “negro” no lugar de “Afro-brasileiro”. Assim, a omissão do emprego da denominação identitária “afro-brasileira” sustenta e reforça o paradoxo da palavra “negro” pelo fato de que a consciência coletiva considera o nome “negro”, *tout court*, como normal e natural, apesar da sua natureza ofensiva.

3.4 Autodesignação e “tentativa” de positivação da palavra “negro”

Este subcapítulo propõe uma reflexão sobre o uso do termo “negro”, a partir da sua autodesignação ou autonegação e positivação, com um olhar crítico sobre os efeitos destas últimas na sociedade corrente. Ora, a escritora Evaristo usa com frequência o termo “negro”, mas lembra que, influenciada pelas novas gerações, passou a adotar o termo preto. Em uma entrevista, na Revista Estado de Minas Gerais, ela ressalta:

Sou de uma geração que assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. A palavra negro era usada sempre no sentido pejorativo. Houve um trabalho, uma autonegação da palavra negro para esvaziar o sentido negativo dessa palavra. Foi criada uma semântica de positividade. Isso muito por meio da literatura. (EVARISTO, Apud: ESTADO DE MINAS GERAIS, 2020)

Imagem 2 - Escritora Conceição Evaristo do MNU



Fonte: PSTU (2021)

Portanto, a afirmação da escritora Conceição Evaristo¹⁷ nos faz refletir e dizer que:

1. Não seja lógico fazer a autonegação (autodesignação) de uma denominação identitária a partir de uma denominação identitária ofensiva, animalizante, inferiorizante e racista.
2. Não houvesse esvaziamento do sentido negativo da palavra “negro” porque os seus sentidos e significados têm permanecido negativos ao longo da história.

¹⁷ **Conceição Evaristo** nasceu em Belo Horizonte (MG), no dia 29 de novembro de 1946. Foi justamente nesses cadernos (Cartas Negras), que a mineira fez sua estreia na Literatura, em 1990. Hoje, é mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Autora de obras traduzidas em outros idiomas e publicadas no exterior, a escritora leciona como professora visitante na Universidade Federal de Minas Gerais. (ESCOLA EDUCAÇÃO, 2018)

3. Seja fictícia a criação da semântica de positividade da palavra “negro” pelo fato de que não houve emenda aos conceitos da mesma em dicionários nem em materiais socioeducacionais.
4. A positivação da palavra negro feita pelos intelectuais e pelo MNU não trouxe nenhuma mudança ou transformação social quanto a personalidade dos “Afros” no Brasil.
5. A população afro-brasileira não foi consultada no processo de autodesignação e positivação da palavra negro, o que implica hoje a contestação desta denominação identitária por parte de muitos “Afros”.

O **Estado de Minas** conversou com intelectuais negros de diferentes campos do saber e propõe no Dia da Consciência Negra, celebrado hoje, uma reflexão sobre o uso dos termos ao longo da história. O olhar atento aos dois termos revela uma trajetória de luta do movimento negro que foi além de positivar esses termos, do ponto de vista semântico. Ela ajuda a descortinar questões que envolvem a população negra, por exemplo, ao preencher formulários nas redes de atendimento à saúde no momento de autodeclarar a cor [...]. Para o cientista político Cristiano Rodrigues, a diferença no uso dos termos tem a ver com questões geracionais. Os movimentos negros, Movimento Negro Unificado (MNU), Cadernos Negros, passaram a adotar e reafirmar o sentido do termo negro na década de 70 e, com isso, influenciaram toda uma geração. As gerações que os antecederam usavam outras nomenclaturas e as gerações contemporâneas optam pelo termo preto. (MARTINS & CRUZ Apud: ESTADO MINAS GERAIS, 2020)

Analisando-se o trecho acima, é possível observar a possibilidade de problematizar e questionar a automeção e a suposta positivação feita na década de 1970, que hoje se tornaria uma substância de debates sociais, acadêmicos, políticos e religiosos para que se alcance uma solução ou escolha democrática da denominação identitária dos “Afros” no Brasil. Por isso, seria errôneo, dizer e afirmar que, a denominação identitária “negra” não é e nem causa problemas sociais no Brasil.

Estudos do antropólogo Lívio Sansone mostram a transformação da nomenclatura nas gerações. “Uma geração mais velha, aquela que anterior ao MNU, tende a não se reconhecer negra, mas preta e usar outras categorias, como moreno e outras nomenclaturas possíveis para designar pessoas não brancas no Brasil. A geração mais jovem, que teve acesso à mobilização do movimento negro, tende a se declarar negro.” Na avaliação de Cristiano Rodrigues, o debate nas redes sociais é feito por uma geração ainda mais nova do que foi a socializada pelo MNU. A retomada do termo preto tem influência do debate sobre o colorismo, que afirma que o tom da pele determina os graus do preconceito. Quanto mais retinta a pele, de mais preconceito a pessoa é vítima e pessoas com tons de peles mais claros teriam mais privilégios de pessoas com tons de pele mais escuros. “A geração mais jovem, menos conscientizada pela ação do movimento negro nos anos 1970, tende a trabalhar com terminologias mais fluídas do que das gerações anteriores”. (ESTADO MINAS GERAIS, 2020)

Mediante isto, o que nos interessa aqui é a controvérsia em torno da denominação identitária “negro”, que não é aceitável subjetiva, total e democraticamente e pela categoria étnica afro-brasileira, ou seja, pela população afrodescendente. Realmente, pode se dizer que, a

autodesignação e a suposta positivação da palavra “negro” só podiam ser feitas de forma “não-consciente”, com alienação simbólica e dominação simbólica”, justamente, porque os conceitos, sentidos e significados da palavra “negro” nunca foram emendados. Assim, pode se dizer que, a palavra “negro” continua sendo vista como ofensiva, pejorativa, racista, inferiorizante, animalizante e desumanizante. Pois a sua autodesignação e a suposta positivação foram paradoxais, incoerentes, compulsórias e ilusórias.

Imagem 3 – MNU- a geração de julho 1978



Fonte: Jornal Versus (1978), Apud: ISSUU Edições SESC SP.

Em virtude disso, é possível afirmar que quase 50 anos depois, ambas a automeação e a positivação da palavra “negro” feitas pelo MNU não têm trazido transformação, mudança e percepção positiva dos “Afros” no Brasil. Isto necessita de uma consulta popular para a escolha de uma denominação identitária não depreciativa pelos próprios Afro-brasileiros. Nessa linha, Mbembe (2018, p. 88) diz que, “Em Fanon, o termo “Negro” advém mais de um mecanismo de atribuição do que de autodesignação. Eu não sou negro, declara Fanon, nem sou um negro. Negro não é nem o meu nome nem apelido”. Por isso, o nome “negro” é contestado pela nova geração devido a sua natureza ofensiva e racista.

Atendendo a isso, pode se dizer que, o nome “negro” não é, simplesmente, o que parece ser, mas, influencia diretamente o processo contínuo de construção de identidade social sobre os “Afros”, seu papel, seu lugar e sua imagem na sociedade. Para Nascimento (2003, p. 30-31). “A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente [...]. A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria existência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade. (NASCIMENTO, 2003, P. 30-31).” Com isso, os quatro elementos discutidos neste capítulo nos propuseram trazer para o Brasil, a experiência e a percepção de autores “Afros” não-Brasileiros, sobre os termos “negro e negritude”.

4 PERCEPÇÃO DE PALAVRAS NEGRO E NEGRITUDE FORA DO BRASIL

O capítulo trata da percepção de palavras “negro e negritude” fora do Brasil e traz a lógica discutida nos capítulos precedentes. De acordo com Robin (2010), a percepção social (ou percepção da pessoa) é o estudo de como as pessoas formam impressões e fazem inferências sobre os outros como personalidades soberanas. Além disso, a percepção social refere-se à identificação e uso de pistas sociais para fazer julgamentos sobre os papéis sociais, regras, relacionamentos, antecedentes ou características (por exemplo, confiabilidade) dos outros. Outrossim, este domínio também inclui o conhecimento social, que se refere ao conhecimento dos papéis sociais, normas e padrões que cercam situações e interações sociais.

Nesse sentido, a observação social da palavra negro não se limita a própria palavra, mas sim, inclui os agentes sociais “Afros”, que foram atribuídos esta denominação identitária, ou seja, falar da observação social da palavra negro implica analisar a própria palavra “negro” e a realidade ontológica dos agentes sociais identificados como “negros”. Outro aspecto importante é o retorno aos fatos históricos na descrição da percepção social da palavra “negro”. Em termos mais claros, a análise e a descrição da percepção do substantivo “negro” com base em quatro elementos supracitados não parte da visão dos autores.

Uma vez que, os autores da palavra “ negro” tentam descrever as intenções, as motivações, as ideias, os pensamentos e as ideologias da classe dominante ao reestruturar, forjar e atribuir a denominação identitária ofensiva aos Africanos escravizados, colonizados e seus descendentes. Assim, pode se falar da retrospectiva, ou seja, a percepção social retrospectiva aglutinada a percepção da realidade social corrente, como forma de observação e análise de fatos, acontecimentos relativos ao nome “negro”.

Portanto, a percepção social aqui apresentada se fundamenta em três aspectos ou atos da palavra negro e da negritude, que são: (i) ato locutório, (ii) ato ilocutório e (iii) ato perlocutório. Para Austin (1962), a elocução de uma determinada frase não serve apenas para descrever um estado de coisas, mas também para realizar uma intenção. Assim, às ações realizadas por um locutor através de um enunciado, visando intencionalmente obter algo do alocutário, deu o nome de atos de fala. Assim sendo, a exposição da percepção dos autores “Afros” se fundamentou em atos perlocutório.

Para o autor supra referido, o ato locutório corresponde ao ato de pronunciar um enunciado; o ato ilocutório corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções, tais como ordenar, avisar, criticar, perguntar, ameaçar, rir etc., ou seja, há ligação entre a intenção comunicativa e o significado de determinado enunciado. Enfim, o ato perlocutório corresponde aos efeitos

que um dado ato ilocutório produz no alocutário. Assim, o verbo como denegrir se enquadra neste tipo de atos de fala, pois causa efeitos no alocutário.

De fato, o inquérito sobre a percepção da palavra “negro” recolhe, suscintamente, interpretações sociais de diferentes autores africanos, afro-caribenhos, afro-americanos e afro-europeus, com mais concentração e foco na realidade africana. Para tanto, o quadro de referência para a descrição dessa percepção se fundamentou na recolha de discursos, análises e pensamentos, além das consequências causadas. Pois, as interpretações destes autores são, assim, fixadas por um conjunto de esquemas embutidos, que eles devem ter ouvido e experimentado, mas também, são pensamentos presentes em suas obras e produções científicas, que possam tornar-se compreensíveis na sociedade brasileira.

[...] produz-se o Negro, isto é, de acordo com o que nos preocupa ao longo deste livro, o sujeito de raça, ou ainda a própria figura daquele que se deve manter a uma certa distância - de que podemos desembaraçar-nos quando *aquilo* deixar de ser útil (MBEMBE, 2018, p. 78).

Segundo Mia-Musunda (1976, p.15), na época da virgindade africana, o negro gozava de uma identidade corporal positiva. Desde os primeiros contatos com o Branco, treinos, condicionamentos e lavagem cerebral forçada visavam provocar nele uma forte ansiedade de desvalorização de uma imagem corporal negativa. Nessa linha de raciocínio, revela-se, de fato, a necessidade do campo intelectual, sobretudo, o campo das Ciências Sociais e Humanas a intervir, com intuito de buscar estudar, analisar, apreender e compreender, cientificamente, as formas tácitas de dominação, subjugação e inferiorização dos “Afros” na sociedade brasileira.

Assim sendo, a importância de trazer para o Brasil, a percepção dos Africanos, Africanos-Europeus, Africanos-Caribenhos e Africanos-Americanos, sobre o termo “negro”, pode se justificar pelos seguintes:

1. Origem histórica comum entre os Africanos e seus descendentes na diáspora¹⁸.
2. Condições comuns de desumanização durante o capitalismo primitivo, a escravização e a colonização.
3. Atribuição da denominação identitária “negro” a todos os “Afros”, independentemente, de onde estiverem.
4. Globalização de lutas sociais relativas à questões de identidade social.

¹⁸ *During the four centuries of the Trans-Atlantic slave trade people from hundreds of different ethnic groups with vastly diverse languages and cultures were brought to the New World from regions of Africa stretching four thousand miles along the continent's Atlantic Coast. Despite their differences, these Africans, partly by design, and partly by circumstance forged an African American culture. (QUINTARD, 2000, p. 28)*

4.1 Palavras “negro e negritude”

Em sua obra “Crítica da razão negra”, Mbembe (2018, p. 19) considera que, “O nome Negro [...] o assombramento para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça, de verem funcionar os seus corpos e pensamentos a partir de fora, e de terem sido transformadas em espectadores de qualquer coisa que era e não era a sua própria vida. Na mesma sequência, o autor supracitado ainda afirma que:

Frantz Fanon¹⁹ tem, no entanto, razão, ao sugerir que o Negro era uma figura ou ainda um “objecto” inventado pelo Branco e “fixado”, como tal, pelo seu olhar, pelos seus gestos e atitudes, tendo sido tecido enquanto tal “através de mil pormenores, anedotas, relatos”. Deveríamos acrescentar que, por sua vez, o Branco é, a vários respeito, uma fantasia da imaginação europeia que o Ocidente se esforçou por naturalizar e universalizar. (idem, p, 84)

Quanto a invenção de termo e movimento de “Negritude”, se referindo ao seu criador, Sartre (Apud: SENGHOR, 1972), observa em “*Orphée noir*”: “momento de negatividade, ele pega essa palavra “negro” que foi atirada nele como uma pedra. As perspectivas dos dois autores supracitados nos trazem a ideia de que ambas as palavras levam e difundem uma mensagem negativa, ruim e de dominação. Pois, os dominados “Afros” apesar de terem sido atribuídos uma denominação identitária ofensiva, humilhante e racista, tentaram reverter as suas representações e imagens negativas ao autonegarem e positivar a palavra “negro”.

Segundo Alekseeva & Schang (2014), é sobretudo o tráfico de escravos e a escravização sistematizada da população africana que a corrente literária, política e filosófica da negritude foi criada. Tudo começa com a deportação organizada de populações de Angola e África equatorial. [...] vítimas no processo de tráfico e escravidão, a descoberta do Novo Mundo em 1492 a espetacular aceleração da economia das plantações (açúcar, tabaco) e da mineração explicam grande parte da equação, entretanto, produzida entre o homem branco e a escravidão.

¹⁹ Frantz Omar Fanon: *Born on the island of Martinique under French colonial rule (1925–1961) was one of the most important writers in black Atlantic theory in an age of anti-colonial liberation struggle. His work drew on a wide array of poetry, psychology, philosophy, and political theory, and its influence across the global South has been wide, deep, and enduring. In his lifetime, he published two key original works: Black Skin, White Masks (Peau noire, masques blancs) in 1952 and The Wretched of the Earth (Les damnés de la terre) in 1961. Collections of essays, A Dying Colonialism (L’an V de la révolution Algérienne 1959) and Toward the African Revolution (Pour la révolution Africaine), posthumously published in 1964, round out a portrait of a radical thinker in motion, moving from the Caribbean to Europe to North Africa to sub-Saharan Africa and transforming his thinking at each stop. The 2015 collection of his unpublished writings, Écrits sur l’aliénation et la liberté, will surely expand our understanding of the origins and intellectual context of Fanon’s thinking (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2019).*

Referente a criação do nome e do movimento da “Negritude”, é possível dizer que, a intenção e a ambição de Aimé Césaire e seus pares foram de promover a emancipação de africanos e seus descendentes, restaurando sua humanidade outrora varrida. Em virtude disso, pode se afirmar que os fundadores da ‘Negritude’ tinham tido um discurso locutório de revolta e reabilitação da imagem população africana em todo mundo. *A priori*, a ideia que fundamentou a criação do movimento foi normal para os povos africanos colonizados e escravizados. Porém, pouco se sabe sobre as ideologias da “Negritude” de Aimé Césaire e a de Sédar Senghor.

Martineau (2019) destaca o aspecto estruturalista ou a diferença entre a negritude cesariana e a negritude senghoriana. A negritude revolucionária – ou cesariana – tem um “lado ideológico de revolta contra a opressão específica de “negros” e uma refutação do racismo antinegro [...]”. A partir de então, o objetivo primordial da negritude cesariana se resume a lutar contra o assimilacionismo para, então, “denunciar o racismo que se esconde por trás dessa máscara. Pois, a Negritude cesariana é um empreendimento de desmistificação. Com efeito, num contexto de descolonização da África, a Negritude procurou desmascarar os assimilacionistas colonialistas e desmistificar os assimilados, como uma ideologia de luta anticolonialista.

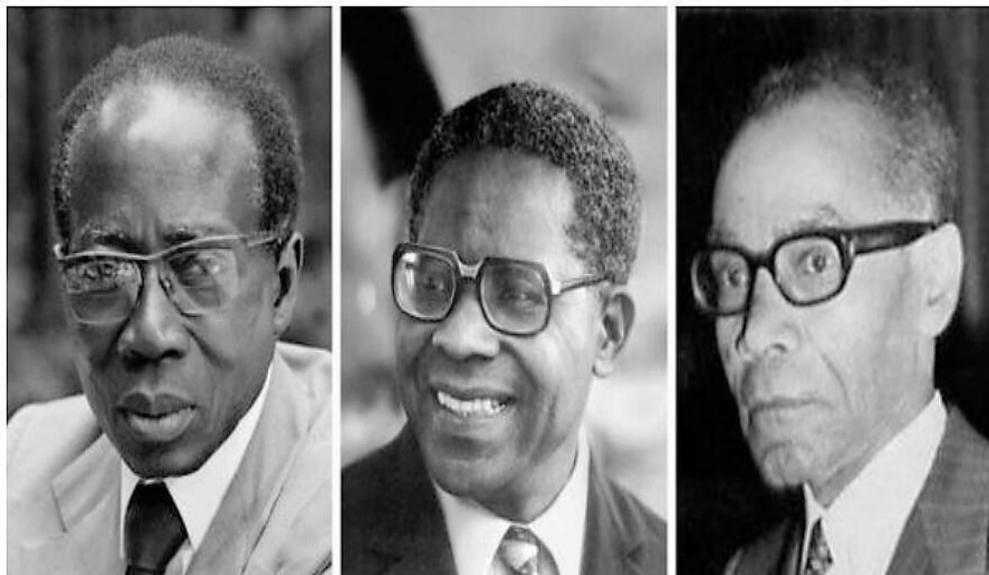
Portanto, o autor suprarreferido considera que a negritude conservadora – ou negritude senghoriana –, por outro lado, destaca “a emotividade do negro”. Na perspectiva de Senghor, a questão racial se baseia em grande parte sobre a definição de Negritude: “[...] o negro, enquanto assim permanecer, não tem lugar, em todo caso, lugar igual ao branco, em um mundo fundado na razão e na ciência”. Diante dessa constatação, a cultura é uma arma para devolver ao homem negro seu lugar e sua existência dentro da sociedade moderna pós-escravidão. O aspecto cultural através da emancipação do homem negro e da dupla consciência.

Realmente, comparando-se os aspectos intelectual e acadêmico de Africanos e seus descendentes no século XX e no século XXI, é possível afirmar que hoje em dia vários intelectuais e acadêmicos africanos, afro-brasileiros, afro-americanos, afro-caribenhos entre outros se posicionam contra a autonegação e a “tentativa” de posituação da palavra negro feitas pelos seus predecessores, por vários motivos, cujo principal é a natureza ofensiva e racista do nome “negro”, ancorada em dicionários do século XVI ao século presente.

Para Senghor (1977), “A negritude é, portanto, o conjunto de valores da civilização “*du monde noir*”, tal como se expressam na vida e nas obras dos “Afros”; além de ser uma arma de combate para a descolonização da África, já que os países caribenhos e a Guayana Francesa se conformaram em serem territórios ultramarinos franceses. Ademais, os pais da Negritude denunciaram os estereótipos sobre os povos africanos colonizados e escravizados (ou na

diáspora). Com essa atitude de revolta o movimento era considerado, também, de político, com a ideologia de reivindicação de independência, valorização e reconhecimento da identidade cultural e da dignidade africanas, referindo-se à história, cultura tradicional, arte, literatura e mais.

Imagem 4 - Os pais fundadores da Negritude, na década de 1930 na França



L-R: Leopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, and Léon Damas, the founders of Negritude.

Fonte: Brittle Paper, 2019

Saliente-se ainda que, a “Negritude” buscava defender os valores dos Africanos, dentro do continente e na diáspora, reabilitá-los recusando a assimilação imposta pelos dominantes e aparecer como um processo de despertar em todos os sentidos e se comprometer na luta pela descolonização da África. Percebe-se que, o pensamento da “Negritude” em si, tenha sido político e filosoficamente coerente. Porém, a tese sustentada aqui é de que a palavra “negro²⁰” nunca poderia nem deveria ser reabilitada ou positivada porque nunca fazia parte da identidade sociocultural e histórica da África. Desta forma, *ipso facto*, é possível afirmar que a criação da palavra “negritude” a partir do termo ofensivo e racista “negro” para alcançar os objetivos do movimento, nos parece ter sido incoerente, ilusória, compulsória e paradoxal.

²⁰ No pensamento de Senghor (1977), Césaire simplesmente adicionou o sufixo -itude à raiz *negr* - [...]. Em vez de Negritude, poderíamos dizer, também, Negridade [...] Mas Césaire fez bem em escolher Negritude, porque o sufixo -itude introduz uma nuance de concreto, que é bem adequada a esse povo concreto que é o povo negro.

4.2 Percepção do movimento da “Negritude” fora do Brasil

O termo Negritude tem sido frequentemente contestado como palavra antes de ser contestado como conceito. E se propunha substituir por outras palavras: “*menalité, africanité*”. Poderíamos continuar. E por que não “*etiopité ou etiopianité*”? Estou, portanto, livre para defender o termo que foi inventado, não por mim, como muitas vezes se diz erroneamente, mas por Aimé Césaire. (SENGHOR Apud: JSTOR, 1971, p. 5)

Este subcapítulo discute a percepção sobre a Negritude dos autores africanos Marcién Towa, Stanislas Adotévi, René Depestre, Nkeonye Otakpor e Wole Soyinka. O conceito de negritude remonta à década de 1930, a Aimé Césaire²¹ e Léopold Sédar Senghor²², que pensaram na identidade comum dos povos pretos na África e na diáspora. Por isso mesmo, em seu núcleo, é uma recuperação do termo pejorativo “negro” e a reapropriação deste último para promover o valor das culturas africanas. O objetivo do movimento era de combater os estereótipos ignorantes da África perpetuados pelo Ocidente e elevar o status dos africanos e membros da diáspora africana, fundamentados em uma valorização de Africanos e seus descendentes espalhados no mundo inteiro.

Para os seus forjadores, a Negritude é o orgulho de ser outra, de ser ela mesma, de ser preta – e até negra. O insulto torna-se uma reivindicação e um desafio. Essa negritude é sobretudo literária. Torna-se político ao reivindicar a independência de países africanos. Porém, o temo provocou atos perlocutórios, ou seja, os dominantes “Branços” reagiram a criação do termo “*négritude*” de forma negativa. Por exemplo, em sua obra “*Orphée noire*”, publicada por Léopold Sédar Senghor, Jean Paul Sartre considera o termo “negritude” de feio, concebido como a negação da negação dos “Afros” e descreve o movimento da Negritude como “um racismo antirracista”, com certamente, a “afrocentricidade como linguagem

²¹ Aimé Césaire: Nascido em 1908 na Martinica, chegou a Paris aos 17 anos em uma aula preparatória no *Lycée Louis le Grand*, onde conheceu outro aluno promissor: Léopold Sédar Senghor, que veio do Senegal, então ainda colônia francesa. Uma profunda amizade os unirá até a morte de Senghor em 2001. [...] Césaire toma consciência da parte da África que carrega dentro de si: na pele e na cultura, que começar a estudar. Em 1939, aos 25 anos, quando retornou à Martinica para ali se tornar professor, expressou em *Cahier d’un retour au pays natal*, sua negritude, ou seja, a concepção de existência própria do homem “*noir*”, o itinerário de um colonizado. Desgostoso com essa condição, ele se revolta, proclama seu desejo de dignidade e seu orgulho de ser descendente de escravo (BNF, 2013 - tradução nossa)

²² Léopold Sedar Senghor: Nasceu em Joal (Senegal) em outubro de 1906 [...] estudou na universidade de Paris (onde conheceu Aimé Césaire). Foi aceito para a agregação gramatical em 1935 e lecionou na França (no *Lycée de Tours*) até 1940. Quando foi liberado, publicou sua primeira coleção poética: “*Chants d’Ombres*”. Com Aimé Césaire e Gontran Damas, Senghor cria o conceito de Negritude que consiste na afirmação das culturas africanas e na reivindicação da identidade “*noire*”. Senghor envolveu-se na política em 1945 e foi eleito Presidente da República do Senegal em 1960. Manteve este cargo até 1980. Em 1983, foi eleito membro da Academia Francesa. Senghor morreu em 2001. (ÉTUDES LITTÉRAIRES, 2022 - tradução nossa)

antibranca”²³, antiocidental, antieuropeia em discursos, peças, poemas, romances etc. Sartre (Apud: SENGHOR, 1972) ressalta:

O termo bastante feio de (negritude) é uma das únicas contribuições negras ao nosso dicionário. Mas finalmente, se este (negritude) é um conceito definível ou pelo menos descritível, deve incluir outros conceitos mais elementares e correspondendo aos dados imediatos da consciência negra: onde estão as palavras que os designam? (idem, p. XVIII - tradução nossa)

[...] esse racismo antirracista é o único caminho que pode levar à abolição das diferenças raciais. [...] como todas as noções antropológicas, a Negritude é um vislumbre do ser e do ter que ser; ela faz você e você a faz [...], mas há mais grave: o negro, dissemos, cria-se um racismo antirracista. Ele não deseja de forma alguma dominar o mundo: significa a abolição dos privilégios étnicos de onde quer que venham; afirma sua solidariedade com os oprimidos e de qualquer cor. De repente a noção subjetiva, existencial, étnica da negritude “passa”, como diz Hegel, em isso - objetivo, positivo, exato - do proletariado. Para César, diz Senghor, o “branco” simboliza o capital e o “negro” trabalho. (idem, p. XIV, XL)

Para Vaillant (1990, pp. 144, 289), a afirmação de que a Negritude está morta nos dá a necessidade de pausa para reexaminar suas primeiras definições e ver como elas foram muitas vezes mal interpretadas. A definição mais conhecida de Senghor é : “*La Négritude est l'ensemble de valeurs de civilisation du monde noir*” e Césaire menciona história e cultura : “*la Négritude est la simple reconnaissance du fait d'être noir, et l'acceptation de ce fait, de notre destin de noir, de notre histoire et de notre culture*”. A problematização do conceito de “Negritude” é também feita por Thompson (2002):

Nesta tentativa de esboçar a atual reputação de negritude, às vezes observamos que o movimento é tido em baixa estima. [...] o que parece ser uma reputação baixa é simplesmente o contraste com eras passadas, quando os sentimentos sobre a Negritude eram geralmente mais positivos. Há agora uma falta de consenso sobre o movimento. [...] É hora de tentar esclarecer as razões das opiniões sobre a Negritude, e dar algumas razões para a complexidade das opiniões críticas sobre o assunto. (THOMPSON, 2002, p. 143 - tradução nossa)

Antes de apresentar a percepção de alguns autores “Afros”, convém sublinhar que, Aimé Césaire se sentia indignado pela palavra “Negritude”, que ele próprio criou:

“Não vou machucar ninguém dizendo que admito que não gosto da palavra Negritude todos os dias, mesmo que tenha sido eu, com a cumplicidade de alguns outros, que contribuí para inventá-la e lançá-la. (CÉSAIRE Apud: AWONDO, 2014, p. 117- tradução nossa)”

²³ “Blanc” becomes a negative image in Césaire’s poetry, for example, Graziano Benelli sees this a part of a radical stage: “Per un certo tempo la Negritudine si radicalizza, diventa intollerante come solo sa asserlo l’intransigenza adolescenziale”. (THOMPSON, 2002, p. 146)

Em sua obra, “*Léopold Sédar Senghor: Négritude ou Servitude*”, Towa (1971) está particularmente interessado na suposta manipulação política da Negritude e na complexa estrutura psicológica do poeta-político Léopold Sédar Senghor e chama a teoria senghoriana da emotividade. Segundo Towa, apesar da não causalidade científica comprovada entre raça e cultura, Senghor se convenceu intuitiva e empiricamente de que a razão fazia parte da herança hereditária do branco e a emoção do negro.

O que é notável na tese da emotividade do negro é que devemos agora sublinhar, é a confusão que ela implica entre a cultura e o biológico, mais precisamente, a biologização do cultural, o racismo. Segundo Senghor, o negro é emocional e místico assim como tem pele negra e cabelos crespos [...]. Se a cultura é o produto da raça, ou seja, a herança biologicamente hereditária de uma população, é uma questão de fato e, como tal, suscetível de uma resposta experimental e positiva. Em outras palavras, a solução do problema só pode vir dos estudos científicos da antropologia e, mais especificamente, da biologia humana. Qualquer teoria que não ofereça esse caráter científico, como a de Senghor, é empirismo vulgar e não contribui de forma alguma para a solução do problema. (TOWA, 1971, pp. 102, 105 - tradução nossa)

Além do mais, na visão de Towa, a teoria de emotividade de Senghor significa que, o negro, enquanto permanecer como tal [isto é, emotivo], não tem lugar, em todo caso, lugar igual ao do branco, em um mundo baseado na razão e na ciência. [...] ele precisa mudar em sua estrutura biológica, em sua raça (TOWA, 1971, p. 107). Forçado a se adaptar ao universo técnico-científico que a Europa está criando ao seu redor, o negro não encontraria em sua herança biológica quaisquer recursos que lhe permitissem enfrentar o desafio, seja imediatamente ou a longo prazo. “Senghor não vê saída a não ser na aceitação da tutela branca, enquanto espera que a especificidade biológica do negro seja diluída [...] (idem: 109)”. Com isso, é possível enxergar, na crítica de Marcien Towa²⁴, as noções de classificação social e diferenciação social em Senghor. Para (SOSSOU Apud: JSTOR, 2006):

Senghor concebia a cultura como algo biológico e considerava o negro emocional. Essas duas teses significam que, se somos biologicamente mais emocionais e não conseguimos superar essa emotividade, somos condenados pela história. Na verdade, Senghor não hesitou em tirar esse tipo de conclusão mostrando que a dominação do branco sobre o preto era lógica e natural. [...] A irracionalidade que havia na negritude senghoriana tinha algo de racista, colonial. É odioso [...]. (idem, p. 54 – tradução nossa)

²⁴ Marcien Towa: Nasceu em 1931 na pequena cidade de Endama, Camarões. Graduado em Filosofia (1959); em 1960, obteve o diploma de estudos superiores em Filosofia, com uma dissertação sobre Bergson e Hegel. Towa ensinou em vários liceus em Paris e Yaoundé. (TOWA, 2015)

Portanto, em “*Négritude et Negrologues*”, Adotévi (1972) denuncia desde as primeiras páginas, o destino dessa negritude precoce e aponta para o impacto negativo que os conceitos de Negritude tiveram na sociedade e na vida política africana, mas mostra pouco interesse na origem ou na história do movimento da Negritude, enquanto qualifica o valor histórico da Negritude como um “*Coup de pistolet*”, ou seja, ele considera a Negritude como a época primitiva do renascimento africano, marcada pela alienação e dominação dos “Afros”.

O oferecimento lírico do poeta à sua própria obscuridade desesperadamente no passado ou um tiro de pistola [...]. Um aríete lançado contra as ilusões desses negros loucos que acreditam que libertar o negro dos fantasmas do passado e principalmente do presente é uma das primeiras condições para o desenvolvimento da África e do nosso orgulho [...]. A imagem da alienação intelectual do negro [...], que concebe a cultura europeia como meio de se livrar de sua raça. [...] a última nascida de uma ideologia de dominação. (ADOTÉVI, 1972, pp. 29, 62, 101, 153 - tradução nossa)

Ademais, Adotévi²⁵ (1972) considera a Negritude pós colonial como um instrumento a servir dos antigos colonialistas para manter e perdurar o sistema neocolonialista econômica e politicamente; além de falsificador da história da África. Rejeitando os próprios termos de análise capazes de elaborar uma consciência real. Assim, ela perde porque não consegue oferecer uma consciência da África, falsificando a história, morrendo no pântano dos valores ocidentais: cultura, arte e mais. O autor supracitado ainda afirma que a Negritude é: “A consciência permanente de uma política de dominação que já não ousa dizer o seu nome. A negritude é a expressão desse reprimido. A negritude hoje é o discurso atual do neocolonialismo. A negritude é o modo negro de pensar o branco (ADOTÉVI, 1972, p. 207)”. Por outro lado, em sua obra, “*Bonjour et adieu à la négritude*”, René Depestre (1980) diz:

Esse é o caráter mistificador do conceito de negritude quando nega evidência da luta de classes e da diversidade de condições materiais de evolução, e considera a sensibilidade criativa dos negros como bloco culturalmente homogêneo e intercambiável em suas manifestações expressivas. Isso é ignorar a importância das novas relações de classe que desde a ordenha e desde a abolição da escravatura foram formadas no Haiti e em outros países multirraciais americanos. herança africana, seguindo de uma longa convivência com elementos culturais da Europa, imerso em uma vida econômica notórias, levou a uma formação psíquica, peculiaridades psicológicas, formas de alienação de estados distintos de consciência. (DEPESTRE, 1980, p. 47-48, tradução nossa)

²⁵ Stanislas Adotévi: Ex-aluno da “*École Normale Supérieure*”. Professor de Filosofia e Antropologia na Universidade de Paris VII. Ministro sucessivamente de cultura, juventude e esportes, informações do Benin. Consultor especial do Diretor Geral da UNICEF. [...] Nascido em Benin, Stanislas Adotévi teve uma carreira como oficial de ensino e internacional [...]. Sua bibliografia inclui ensaios como “*De Gaulle e The Africans*”, *Editions Chaka*, dezembro de 1990” e muitos artigos (principalmente “alienação cultural e desenvolvimento do subdesenvolvimento”, em consequências nº1, N'krumah ou o sonho acordado na presença africana, n ° 85) e “*Négritude e Negrologues*” [...]. (DIOP Apud: OVERBLOG, 2016)

É possível observar que Depestre (1980) faz críticas severas à Negritude, com destaque na negação da evidência da luta de classes no seu conceito, que se concentrara muito mais em aspectos culturais, literários e políticos, sem consideração de condições socioeconômicas dos povos africanos no continente e na diáspora. Na mesma linha, o autor ainda afirma que:

[...] O conceito de negritude é usado como um mito que serve para ocultar a presença na cena da história da burguesia preta, que constituída como classe dominante, e que, como qualquer classe que oprime outra, precisa de uma mistificação ideológica para camuflar a real natureza de relacionamentos estabelecidos na empresa. O conceito de negritude que muitas vezes cobre uma operação mistificadora é empregado para fins opostos àqueles que legitimaram o aparecimento desse movimento do espírito e a sensibilidade dos intelectuais pretos de ambos os continentes [...] Em alguns autores, tanto pretos quanto brancos, a negritude implica a ideia absurda de que o preto é um homem talentoso de uma natureza humana particular, dotado de uma essência que pertenceria apenas a ele, e, nesta qualidade, ele é chamado a dar à Europa, e para o Ocidente em geral, não sabemos que suplemento de alma que a civilização ocidental precisaria agora. (idem, p. 51, tradução nossa)

Realmente, Depestre (1980) se preocupa da negação do conceito de luta de classes em Marx e considera que a Negritude é utilizada como instrumento de alienação e dominação dos próprios “Afros”. Para Thompson (2002, p. 148), os marxistas contemporâneos, como Chidi Amuta, tendem a sentir que a Negritude, ao enfatizar a cultura, isola a questão da descolonização da luta real, que é social e econômica. Essa visão contemporânea também surgiu no final dos anos 40, quando alguns dos primeiros atacantes proclamaram a negritude como um desvio não racional e mitificador da luta de classes. Na mesma linha, em seu artigo publicado na Revista de Centro de Estudos Africanos da USP, Nkeonye (1985) afirma:

Mas, particularmente na última década, os conceitos filosóficos que a Negritude representa geraram muita controvérsia. Mudimbe, Hountondji, Towa, Adotévi, inspirados nas filosofias do existencialismo-marxismo, rejeitam as qualidades essencialistas reivindicadas para o homem negro pelos expoentes da Negritude. A sua oposição à Negritude assume, portanto, dimensões filosóficas e ideológicas. A Negritude é, portanto, não apenas anticientífica, mas deriva da fantasia, supondo uma essência rígida do negro que o tempo nunca extingue. (NKEONYE, 1985, p. 52)

Esta perspectiva de Otkapor nos faz pensar da dimensão sociológica, geográfica e história destas dimensões filosóficas e ideológicas da Negritude, que nos parecem fictícias, ou seja, uma fala do senso comum. Para o autor supracitado Stanislas Adotévi explicita suas acusações contra a negritude nestas palavras:

A tese fixista subjacente à negritude não é apenas anticientífica, mas procede da fantasia. Supõe uma essência rígida do negro que o tempo não alcança. A esta permanência junta-se uma especificidade que nem as determinações sociológicas, nem as variações históricas, nem as realidades geográficas confirmam. (idem, p. 52)

Para Nkeonye²⁶ (1985), são os elementos do fracasso da Negritude: (i) falta de um “plano de ações” para as massas, (ii) ideologia fora do contexto económico de luta de classes (marxismo), (iii) a negritude como ferramenta neocolonialista e (iv) Senghor na década de 1970 usava poucas vezes o termo Negritude e preferia o termo “Africanidade”, além de criar outros termos, a saber, “*négrité, négricie*”. Também, um dos críticos da Negritude, é o nigeriano Wole Soyinka, que em 1962, durante uma conferência de escritores em Kampala, criou o conceito de “Tigritude”, como crítica da “Negritude”, dizendo: “Um tigre não proclama sua tigritude”. De fato, Soyinka considera que, a negritude não forneceu respostas para muitas questões filosóficas, como por exemplo, “O que nós somos? Quem somos nós? O que representamos? Posicionando-se contra os pais fundadores da “Negritude”, em uma entrevista da RFI “*Radio France Internationale*”, o prémio Nobel de Literatura 1986 Wole Soyinka afirma o seguinte:

[...] vamos falar da negritude, esse conceito inventado quase trinta anos antes por jovens intelectuais pretos, nem todos os africanos, aliás, Senghor, Césaire, Damas. Sabemos que essa ideia de negritude tenta aproximar a identidade histórica e cultural dos ‘pretos’, e antes de tudo reconhecer seu parentesco, para além dos locais de seu nascimento: Senegal, Martinica, Guadalupe, Guiana para os protagonistas. Assumindo com orgulho essa raiz “negra”, tantas vezes associada ao racismo e ao desprezo, reivindicam o que são: negros. Mas esses jovens intelectuais foram formados em francês, pela escola da França colonizadora. Paradoxo, portanto: é com as ferramentas intelectuais dos brancos que se forja essa noção de negritude. (SOYINKA Apud: RFI, 2022, tradução nossa)

Como também, a Revista RFI (2022) ressalta que, em 1962, Wole Soyinka tinha 28 anos, era um jovem autor que ainda não havia ganhado o Prêmio Nobel de Literatura (seria o primeiro africano e o primeiro ‘*noir*’ a tê-lo em 1986). E durante uma discussão sobre a negritude, ele refuta a ideia opondo-lhe a tigritude: “o tigre não proclama sua tigritude, ele salta em seu caminho e o devora”. Um jogo de palavras, portanto, baseado em negro e tigre, que foram usados para formar esses dois nomes. Também, o jornal “*Jeune Afrique*” (2007) cita Wole Soyinka²⁷ e afirma que:

Ainda nos lembramos da querela que opôs, nos anos 1960, Soyinka a outro gigante da literatura africana, Senghor. Para zombar do conceito de “negritude” forjado pelo

²⁶ Nkeonye Otafor: He is actually a professor in the Department of Philosophy, University of Benin, Benin City, Nigeria. (AFRICAN BOOKS COLLECTIVE, 2015). Para UFAHAMU (1984, p. 6), Nkeonye Otafor is a lecturer in Philosophy, General Studies Department, University of Benin, Nigeria. Educated in Belgium and England where he obtained his B.A. and M.A. at the Universities of Leuven and respectively, Mr. Otafor's research interests lie in social philosophy with reference to the Nigerian situation. He was born in Ghana in 1931.

²⁷ Wole Soyinka: Nasceu em Abeokuta, na Nigéria, em 1934. Seu pai foi pastor anglicano e diretor de escola. Ele é conhecido internacionalmente por ser dramaturgo, poeta, romancista e ensaísta. Estudou na Nigéria e no Reino Unido. Foi crítico severo contra o regime ditatorial na Nigéria por ocasião da guerra civil no país e por isso esteve encarcerado como preso político. Recebeu vários prêmios, sendo o de maior destaque o “Prêmio Nobel de Literatura”, em 1986. Foi o primeiro africano ‘preto’ a recebe-lo. (WEG, 2020)

poeta senegalês (com seus amigos martinicanos Aimé Césaire e o guianense Léon-Gontran Damas), e definido como “todos os valores da civilização do mundo negro” [...] o escritor nigeriano Soyinka, [...] explica isso hoje: “Por que foi necessário desperdiçar nossa energia em retórica vazia quando nosso continente estava lutando com problemas políticos e econômicos insuperáveis? A situação exigia ação primeiro” [...] Senghor, Césaire e Damas foram os produtos típicos da colonização francesa, que, ao querer transformar a elite “noire” em franceses de pleno direito, desencadeou esse movimento de rebelião intelectual e poética. (SOYINKA Apud: JEUNE AFRIQUE, 2007 - tradução nossa)

Outra crítica importante é dos panafricanistas, que se preocuparam do caráter racial e linguística do movimento de negritude como perigo da unidade africana. Ora, os Árabes e os anglófonos são os que criticaram o movimento, neste sentido. Em seu artigo, “*histoire sociale d’une idée négro-africaine*”, Afom (2019) afirma:

Se essa transgressão das fronteiras disciplinares sugere uma co-construção da negritude entre escritores, filósofos, historiadores e antropólogos, a circulação da negritude é também a dos movimentos geográficos dos principais *designers* que conhecemos dele, dos textos que produziram e dos usos que deles foram feitos. Essa trajetória circulatória da Negritude é um fenômeno que merece ser analisado. Porque o investimento recente (anos 2000) da “*migrITUDE*”¹⁶ como tema entre os escritores africanos francófonos e as reflexões atuais dos escritores anglófonos sobre a africanidade podem denotar a submissão da negritude ao destino sombrio de qualquer teoria, cujo poder inicial se enfraquece com suas diversas reformulações, no momento em que uma nova geração de escritores substitui aquela que animava o movimento. (idem)

Indubitavelmente, a negritude está inserida na experiência histórica das comunidades dos agentes sociais “Afros” marcada pelos fatores, *stricto sensu*, linguístico e racial. Os críticos de Senghor, especialmente seus oponentes mais vocais na África anglófona, também se opuseram, enquanto criticavam a negritude ao mesmo tempo. Eles se opõem ao brilho fácil das coisas africanas, sentindo que não há unidade africana e que é falacioso agrupar todos os africanos como uma cultura (THOMPSON, 2002, p. 145 – tradução nossa). Por isso, a percepção da “Negritude”, nos espaços culturais afro-árabe e anglófono tem sido, geralmente, negativa.

Na África, a Negritude teve dificuldade em “romper” as fronteiras culturais que separam a cena literária negro-africana de língua francesa do espaço negro-africano de língua inglesa. Apesar de certas tentativas em estudos comparativos de fazer uma ligação entre Césaire e o escritor nigeriano e o Prêmio Nobel de Literatura Wole Soyinka de 1986, recorrendo à leitura temática e à análise textual de seu teatro, a transferência da negritude no corpo literário africano anglófono foi problemático (AFOM, 2019, tradução nossa)

De fato, Wole Soyinka acusou o movimento da “Negritude” de hermetismo e apologia do irracionalismo. Depois de receber o apoio de seus pares Africanos de expressão inglesa, ele se tornou o líder da anti-negritude ao inventar a “TigrITUDE”. Pois, esta nova corrente de literatura africana viu na “Negritude” a manifestação de complexo de inferioridade, ou seja,

uma literatura de fraqueza. Efetivamente, a disputa entre Soyinka e Senghor foi um exemplo paradigmático da amargura das controvérsias entre os proponentes da Negritude e a escola literária à qual Soyinka aderiu. “O Tigre não proclama a sua tigridade, ele pula sobre a sua presa e a devora”. Ao que Senghor respondeu objetando que o “Tigre não fala de sua tigridade porque ele é um animal. Mas, o homem fala de sua humanidade porque é homem e pensa. Além disso, as críticas da “Negritude” fundamentaram-se, também, no aspecto religioso, principalmente nos países onde o islamismo predomina.

Ademais, muitos estudiosos africanos, principalmente, os anglófonos e os Árabes se opõem ao movimento de Negritude devido a presença de elementos raciais e biológicos nos seus conceitos e discursos. Por isso, Tidjani-Serpos²⁸ (1987, p. 98-99 – tradução nossa) considera que: “A juventude se opõe a Senghor por ter emprestado a noção racial dos primeiros etnógrafos”. Como correlativo, eles sentem que ele coloca um “freio” ou limite no potencial dos africanos.

“Uma das pedras angulares da Negritude senghoriana é a afirmação de uma psicofisiologia específica própria do homem ‘noir’, cujos traços persistem independentemente de seu ambiente ou grau de aculturação” [...] “pré-condição de qualquer desenvolvimento verdadeiramente independente” (VAILLANT, 1990, pp. 49, 289, tradução nossa)

Outrossim, as críticas partem da fala de Senghor, segundo a qual, “A emoção é negra como a razão é grega²⁹”; enquanto as evidências antropológicas, com a teoria de Levy-Bruhl, afirmam que a estrutura do intelecto é a mesma em todos os seres humanos. Por isso, Irele (1990, p. 84) afirma que: “Não é um serviço à cultura africana agarrar-se como uma ostra às noções ultrapassadas pela história. O conceito de Negritude, que foi revolucionário nos anos quarenta e cinquenta, hoje só cabe no museu de literatura”. Desse modo, pode-se vislumbrar a partir do pensamento dos autores supracitados que, o movimento da Negritude não tem sido bem recebido pelos “Afros”.

²⁸ Nouréini Tidjani-Serpos: Born in 1946 in Porto-Novo (Benin). He studied literature in France and obtained a PhD and a D.Lit. In the subject from the University of Lille III (1987) [...]. He has a high-level experience at the service of UNESCO. (HALLA NEWS, 2022)

²⁹ Para Depestre (1980), [...] o processo histórico que deveria inverter a ordem das aparências e a essência dos seres humanos, dando um significado moral e estético à cor de sua pele e suas características físicas. Uma vez descolonizadas, as noções míticas de “branco”, “preto”, “amarelo”, “mestiço” e “índio” revelam o que sempre foram: armadilhas grosseiras, signos do imaginário do colonialismo, figuras ilusórias de “desumanidade do homem para o homem” [...] está agora defendendo uma mudança de identidade que faria de todos os humanos uma gloriosa aventura individual e coletiva.

4.3 Percepção da palavra “negro” fora do Brasil

As páginas seguintes serão dedicadas à razão negra. Esse termo ambíguo e polêmico designa várias coisas ao mesmo tempo: figuras do saber; um modelo de exploração e depredação; um paradigma da sujeição e das modalidades de sua superação, e, por fim, um complexo psíco-inírico. Essa espécie de jaula enorme, na verdade uma complexa rede de desdobramentos, de incertezas e de equívocos, tem a raça como armação. (MBEMBE, 2018, p. 27)

Em primeiro lugar, reitera-se que, apesar da autodesignação e da “tentativa” de positivação do nome negro pelos estudantes africanos e caribenhos na década de 1930, na França e pelos afro-brasileiros – elite intelectual, *Cadernos Negros* e MNU, na década de 1970 –, no Brasil, não se observa na sociedade tanto global quanto brasileira, a transformação e a positivação promulgadas pelos movimentos supracitados. Desse modo, a palavra negro como conceito continua ofensiva e pejorativa em dicionários e materiais didáticos educacionais e como sujeito ou agente social, os “Afros” chamados de “negros” continuam sendo marginalizados, inferiorizados, coisificados e mais.

Em segundo lugar, pode se afirmar que, ao analisar, descrever e apresentar a percepção dos autores africanos, afro-caribenhos e norte-americanos, concebemos a palavra negro em dupla facetas, por um lado, como substantivo, nome ou palavra conceituada e, por outro, como “sujeito ou agente social” a quem ela foi atribuída. Para Mbembe (2018, p. 30), o signo não é apenas substituído pela coisa. A palavra ou a imagem, muitas vezes, dizem pouco acerca do mundo objectivo. O mundo das palavras e dos signos autonomizou-se a tal ponto que não se tornou apenas um ecrã para apreensão do sujeito, da sua vida e das condições de produção, mas ganhou uma força própria, capaz de se libertar de qualquer ligação à realidade. Desta maneira, apresentamos essa percepção com um olhar crítico sobre aspectos conceituais do substantivo “negro” e aspectos ontológicos dos agentes sociais chamados de “negros”.

Em terceiro lugar, consideramos que a origem histórica da palavra “negro” está ligada intrinsecamente com os Africanos dentro do continente e na diáspora. Por isso, independentemente de contextos históricos, socioculturais, econômicas, religiosas e políticas diferentes em relação aos sistemas de escravidão, colonização e capitalismo (primitivo e atual), em países africanos, caribenhos e nos Estados Unidos de América, indubitavelmente, a palavra “negro”, “nègre” e “N-word” têm os sentidos e significados depreciativos, ofensivos, animalizantes e racistas. Assim sendo, o leque da percepção dos autores africanos, afro-caribenhos, afro-europeus e afro-americanos se concentram em atos perlocutórios do termo “negro”, ou seja, buscamos descrever a partir de efeitos e consequências causados pela palavra “negro”, a percepção destes autores.

Com o fim de trazer de fora para o Brasil, a percepção do nome “negro”, a nossa discussão se concentra no livro “Crítica da razão negra”, do professor Achille Mbembe³⁰, que faz um “link” entre a história, a ciência, a política, a economia e a filosofia no seu exposto, sem esquecer o conhecimento linguístico, ao abordar profundamente o substantivo “negro”, como nome, sujeito e raça. Porquanto, a discussão se faz em diálogo com Kabengele Munanga, Franz Fanon, René Depestre, James Baldwin³¹, Adotevi Stanislas, Mia-Musunda B. Milebamane e de outros autores não “Afros” que convergem para o tema.

De fato, “a palavra - Signo do objecto - nasceu da sociedade e é num contexto cultural que tem o seu significado. A percepção se dá ao ser influenciada pela palavra com todo o seu significado (LEFEBVRE Apud: JSTOR, 1958, p. 662-663 -tradução nossa)”. Para tanto, a percepção dos autores foi relacionada aos conceitos da palavra “negro”. Desta forma, com base no subcapítulo 1.2 sobre “Dissecação da palavra negro: sentidos e significados”, a descrição da percepção de autores supracitados foi feita em quatro seções terciárias distintas, a saber:

1. Invenção e atribuição do nome “negro” aos escravizados africanos e ameríndios.
2. Características físicas, psicológicas, espirituais, higiênicas e morais dos “Afros”.
3. Desumanização, coisificação, animalização e humilhação dos “Afros”.
4. Capitalismo primitivo, escravidão e colonialismo.

³⁰ Achille Mbembe: Nascido em 27 de julho de 1957, em Camarões, é um historiador camaronês, cientista político e professor universitário. Seus principais interesses são história africana, política, ciências sociais, antropologia e história, incluindo história africana. Ele é um defensor do pensamento crítico e se questiona em seus trabalhos sobre a evolução da humanidade. Ele é professor de História e de Ciência Política na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, e leciona na Universidade Duke, nos EUA. Um dos pensadores contemporâneos mais prolíficos e activos, tem uma extensa obra publicada sobre história e política africanas, na qual explora os temas do poder e da violência. É autor de : De la postcolonie – Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine (2000) e de Sortir de la grande nuit – Essai sur l'Afrique décolonisée (MBEMBE, 2018).

³¹ James Baldwin: African-American, born in New York (1924) and died in France (1987) was a novelist, essayist, playwright, poet, social critic, and the author of more than twenty books. His first novel, *Go Tell It on the Mountain*, appeared in 1953 to excellent reviews, and his essay *Collections Notes of a Native Son* and *The Fire Next Time* were bestsellers that made him an influential figure in the civil rights movement. Baldwin spent many years in France, where he moved to escape the racism and homophobia of the United States. He died in 1987. (BALDWIN, 2017)

4.3.1 *Invenção e atribuição do nome “negro” aos escravizados africanos e ameríndios*

Até os últimos anos do século XVII, o termo preferido em alusão a índios era negro, sendo que este cedeu lugar a outros termos em decorrência de uma crescente presença de africanos nos plantéis paulistas. Assim, surgiram expressões como: gentio do cabelo corredo, administrado sem deferência à carta régia de 1696), servos, pardo e, finalmente, carijós. Este último termo, de certo modo, sintetiza a experiência indígena no local, explicando muito sobre o processo de transformação desta população. (MONTEIRO, 1994, p. 165)

Convém reiterar que a palavra “negro” nunca foi a denominação identitária dos africanos, mas sim ela foi forjada, inventada e atribuída a esses últimos logo depois da invasão da África pelos exploradores europeus. Em “Pele negra máscaras brancas”, Fanon (2008) diz:

Racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros. Em outras palavras, não haveria razão para as pessoas na África, na Austrália ou em outras áreas do Pacífico Sul pensarem sobre si mesmas em termos raciais. Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. (FANON, 2008, p. 15)

Em termos mais claros, não haveria razão para as pessoas na África, na Austrália ou em outras áreas do Pacífico Sul pensarem sobre si mesmas em termos raciais. Por isso, em seu artigo, “Les mots esclave, nègre, noir”, Daget (2010) afirma que:

Por outro lado [...] negro tem apenas um significado racial, certas formas de uso logo são pejorativas, o que se tenta qualificar de “racista”: é verdade que se poderia sustentar que o “racismo” não era corrente no século XVIII. Quer seja um sentimento de desprezo ou, ao contrário, uma tentativa de compreensão de uma cultura, todos concordam, um negro é um nativo da África negra mais ou menos colorida: [...] (DAGET, 2010, p. 516-517 - tradução nossa).

Por outro lado, em seu artigo intitulado “*I Am Not Your Negro*”, o escritor Afro-Americano Baldwin (2017, p. 1) diz: “*I’m not a Negro. I never called Myself one*”. (“*Je ne suis pas un Nègre, je ne me suis jamais défini ainsi*”. *Et il explique que la République blanche doit se demander pourquoi elle a eu besoin d’inventer le “Nègre”* (transcrição original) - “Eu não sou negro, nunca me identifiquei como tal” e a República branca deve-se perguntar por que precisou inventar o “Negro”. – Contudo, sabe-se que, o nome “negro” não era exclusivo aos escravizados africanos, os escravizados índios, também, eram chamados de “negros da terra”. Sob o ponto de vista analógico do termos “negro e escravo”, Monteiro (1994) afirma:

Com certeza, atrás das façanhas destes intrépidos desbravadores esconde-se a envolvente história dos milhares de índios - os negros da terra - aprisionados pelos sertanistas de São Paulo [...] Os “pombeiros negros” seriam, no caso, índios do povoado especializados no apresamento de índios do sertão [...] na documentação

da época o termo referia-se tão somente aos integrantes dos aldeamentos da região, reservando-se para a vasta maioria da população indígena a sugestiva denominação de “negros da terra” (idem, pp. 8, 66, 155).

Mbembe (2018) considera que:

[...] o substantivo “Negro” tem vindo a preencher três funções essenciais na modernidade - funções de atribuição, de interiorização e de subversão. Em primeiro lugar, serviu para designar não seres humanos como todos os outros, mas uma humanidade (e ainda) à parte, de um género particular; pessoas que, pela sua aparência física, os seus usos e costumes e maneiras de ser no mundo, pareciam ser o testemunho da diferença na sua crua manifestação - somática, afectiva, estética e imaginária. Aqueles a quem chamamos “negros” aparecer-nos-ão como pessoas que, precisamente devido à sua diferença ôntica, representam caricaturalmente o princípio de exterioridade (por oposição ao princípio de inclusão). (MBEMBE, 2018, p. 88-89)

Destarte, os trechos acima parecem suportar a nossa tese de que, o nome negro foi inventado e atribuído aos povos escravizados e colonizados. Também, nos fazem pensar de como a consciência identitária permeada de valores tanto positivos quanto negativos e estáveis caracterizam um agente social ou uma categoria étnica em relação ao mundo em seu redor. Em outras palavras, as estruturas objetivas (*habitus*), uma vez interiorizadas, se tornam subjetivas (autopercepção). Assim, ambas as estruturas determinam a estrutura mental e social, ou seja, a dinâmica da personalidade e da categoria étnica e o modo de relações humanas, em uma sociedade. Por isso, Bourdieu (1994) ressalta:

O *habitus* [...] é história feita natureza, isto é, negada enquanto tal porque realizada numa segunda natureza. Com efeito, o “inconsciente” não é mais que o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela produz nessas quase naturezas que são os *habitus* (idem, p. 65)

“O que denomino de violência simbólica ou dominação simbólica, ou seja, formas de coerção que se baseiam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais” (2012, p. 239).

Resumidamente, pode se dizer que a atribuição do nome “negro” aos “Afros” é uma estrutura objetiva ou *habitus* estruturado que tem sido inteirorizado na consciência coletiva, seja dos “Afros”, seja dos outros agentes sociais de grupos exógenos, como forma de dominação que se legitima pela sua aceitação, naturalização e positivação pelos os próprios dominados “Afros”, através de acordos inconscientes, na medida em que a aceitação, a naturalização e a normalização do nome “negro” pelos ofendidos sujeitos sociais “negros”, não passaram, provavelmente, pelo processo cognitivo, ou seja, o acordo se fez de forma mecânica. Uma vez que a vítima apreende cognitiva e conscientemente a violência simbólica sofrida, ela começa o processo de revolução simbólica com mudança de estruturas mentais sobre a aceitação, a naturalização, a positivação e a legitimação não-consciente para buscar reverter a dominação simbólica e a violência simbólica sofridas.

4.3.2 *Características físicas, psicológicas, espirituais, higiênicas e morais dos “Afros”*

A palavra “negro” tem representações, ou seja, expressa particularidades mentais, psicológicas, espirituais e morais; assim como as aparências físicas, a cor da pele de Africanos e seus descendentes na diáspora, geralmente, consideradas de “feias, fedidos, sujas etc.”. Pois, estas ditas particularidades eram atribuídas somente e especificamente aos Africanos, independentemente de onde estiverem. Em sua obra, “*Les Noirs Américains, de l’esclave à Black lives matter*”, Pap Ndiaye³² (2021) afirma que:

Médicos especializados prestavam assistência aos compradores, seja diretamente ou através de publicações como DeBow's Review, destinado aos plantadores e que fornecia uma grande quantidade de informações médicas e estudos antropológicos sobre a “raça negra”. Dr. Samuel Cartwright, uma autoridade sobre o assunto, havia definido duas doenças específicas dos escravos: drapetomania, a doença dos fugitivos, e a disestesia etiópica, a doença dos que não obedecem... Como a escravidão era consubstancial à raça negra, qualquer tentativa de escapar dela era considerada desvio psiquiátrico (PAP NDIAYE, 2021, p. 18 - tradução nossa)

Portanto, a caracterização psicológica, espiritual, moral, as aparências físicas e a cor da pele têm sido permeadas por estereótipos, etnocentrismo, racismo, preconceito de marca e fantasmagoria, que resultaram na criação de símbolos de cores, cuja cor “preta ou negra” tem sido diabolizada e negativada. Isto é observável, por exemplo, em imagens religiosas cristãs, que representam Deus, Jesus Cristo e os Anjos dos céus como ‘brancos’ e o Lúcifer e seus Anjos como “pretos ou negros”.

L’institution singulière” de l’esclavage racialisa les relations entre les colons venus de l’Europe occidentale et les colonisés de l’Afrique sub-saharienne déportés sur les terres américaines. Ce processus historique d’interversion de l’ordre des apparences et de l’essence des êtres intègre à la hiérarchie des classes une fantastique hiérarchie dite raciale. L’une et l’autre couleur de l’espèce, la “blanche” et la “noire”, qui n’ont, en soi, aucune signification, ni en bien ni en mal, suite à des résultats obtenus en signes sociaux. Des ethnocentristes critères d’évaluation et de hiérarchisation des rapports humains, une prétendue “essence inférieure” de nègre fut incorporée à l’histoire des peuples africains. (DEPESTRE, 1980, p. 7-8)

Quanto à indução de imagens corporais negativas, De Lorimier (1967) considera que, “De todos os elementos de identidade, é sem dúvida a identidade racial que vem acompanhada do mais forte repúdio a outras identidades.” Assim também, diz Mia-Musunda (1976, p. 45,

³² Pap-Ndiaye: Nasceu em 25 de outubro de 1965, nos subúrbios de Paris. Nascido de pai senegalês e mãe francesa [...]. Após o bacharelado, continuou seus estudos em uma classe preparatória literária e ingressou na Escola Superior Nacional e obteve sua agregação de história. Ele também tem doutorado pela EHESS, onde lecionava [...]. Em 20 de maio de 2022, foi nomeado Ministro da Educação Nacional no Governo de Elisabeth Borne. (VOICI, 2022, tradução nossa)

tradução nossa), “A imagem corporal é considerada o único determinante do valor de uma pessoa. Nessa ótica, em sua obra “Negritude: usos e sentidos”, Munanga (1986) ressalta que:

Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba, e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho. De acordo com a simbologia de cor, alguns missionários, decepcionados na sua missão de evangelização, pensaram que a recusa dos negros em se converterem ao cristianismo refletia, de fato, sua profunda corrupção e sua natureza pecaminosa. A única possibilidade de “salvar” esse povo tão corrupto era a escravidão. (idem, p. 20)

Fanon (2008) expressa o sentimento da autora Capécia Mayotte³³:

Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. A retração do ego como processo bem sucedido de defesa não é viável para o negro, pois ele precisa da sanção do branco [...]. O filme Verts pâturages, onde Deus e os anjos são negros, chocou terrivelmente nossa autora: “Como imaginar Deus com os traços de um preto? Não é assim que represento o paraíso [...]”. (idem, p. 60)

Na mesma linha, Mbembe (2018) considera que:

O processo de transformação das pessoas de origem africana em “negros”, isto é, em corpo de exploração e em sujeitos de raça, obedece, em vários aspectos, a uma tripla lógica de ossificar, envenenar e calcificar. O Negro não é apenas o protótipo do sujeito envenenado e carbonizado. É aquele cuja vida é feita de restos calcinados. (idem, p. 77-78).

Sobre o aspecto espiritual os dicionários atribuem os adjetivos maldito e imundo ao termo “negro”. Ora, a identidade que o branco quis atribuir ao negro corresponde parcialmente aquela descrita por Erikson:

“[...] gentil, submisso, dependente [...] sempre pronto a servir [...] para cada uma das duas raças, encontraremos então a seguinte identidade: “branca-clara-limpa-inteligente” e “negra-besta-suja-escura”. (ERIKSON, 1966, p. 165)

Para Munanga (1986), não satisfeitos com a teoria da degeneração fundamentada no clima, outros aceitaram a explicação de ordem religiosa, nascida do mito camítico entre os hebraicos. Segundo ele, os negros são descendentes de Cam³⁴, filho de Noé, amaldiçoado pelo

³³ Ver : CAPÉCIA, Mayotte. *Je suis Martiniquaise*. Paris: Córrea, 1948. p. 65

³⁴ É possível observar como os pensadores racistas coloniais e religiosos têm atribuído a negatividade à África, considerando os “Afros” de amaldiçoados descendentes de Cam, embora a Bíblia Sagrada (Gênesis 9:20-27), claramente, afirma que Cam é o pai de Canaã e este território nunca fez nem faz parte do continente africano. Isto é “Afro pessimismo e Afro fobia”, ou seja, isto é o que a consciência coletiva global considera sobre a África: tudo o que é ruim (pandemias, pobreza, guerra, ditadura, etc.) é oriundo da África.

pai por tê-lo desrespeitado quando este o encontrou embriagado, numa postura indecente. Por conseguinte, Mbembe (2018) afirma que:

A expressão “homem negro” é também o nome que se dá ao polígamo, cujo temperamento e miséria tendem para o vício, para a indolência, para a luxúria e para a mentira. Aliás, mais tarde, ao abordar a sexualidade desta espécie de homem, o escritor Michel Cournot dele dirá que tem uma “espada”: “Quando [a espada do Negro] passou a tua mulher pelo seu fio, ela sentiu qualquer coisa” da ordem da “revelação”, mas tal espada deixou também atrás de si um abismo. E, neste abismo, explicou ele, “o teu berloque perde-se”. E compara a verga do Negro à palmeira e à árvore da fruta-pão, que não se poriam em debandada por um império [...] esta hipersexualidade junta-se a idolatria, o primitivismo e o paganismo, que, aliás, andam sempre a par. (MBEMBE, 2018, p. 130)

Ademais, o substantivo negro é, também, intrinsecamente ligado ao aspecto psicopatológico.

Cartwright helped shape contemporary slavery debates through his notion that any radical behavior among blacks should be attributed to instances of mental illness. He argued that the study of black physiology and psychology would lead to an awareness of black diseases—physical and mental. Moreover Cartwright made therapeutic suggestions for their cure. Olmsted’s travel narratives featured detailed descriptions of the three mental diseases that Cartwright claimed to have discovered among “troublesome” slaves in the South: “Drapetomania,” the madness of running away; “Dysaesthesia Aethiopica,” the madness of destroying one’s tools or inattention to work; and “Cachexia Africana,” the madness of “dirt-eating” or “serpent worship.” (BOB, 2014., p. 361)

Na mesma consonância, Fanon (2008) afirma que:

O comportamento patológico é frequentemente apresentado como “autenticamente” negro. Caso um negro ou uma negra não se comportem como tais, seriam considerados “inautênticos”, o que resulta em uma confirmação da patologia [...] Se a psicologia para o negro resulta em uma psicologia do anormal, o negro não seria mais um ser de ação porque não teria para onde ir. Haveria uma relação niilista com o mundo social. (FANON, 2008, p.15-16)

Em síntese, com base em dicionários analisados, o nome “negro” atribuído aos “Afros”, é, geralmente, conceituado de forma negativa. Realmente, todos os dicionários consultados conceituam o, com sentidos e significados ofensivos, desumanizante, inferiorizante e racista. Visto que os sistemas de escravidão e colonização mapearam a forma negativa de como a sociedade deveria enxergar os Africanos desumanizados. Como afirma Treps (2017, p. 10, tradução nossa): “O insulto e a injúria xenófoba ou racista revelam a forma uma sociedade pensa a diferença. Além disso, o estigma, que cada uma das comunidades sofre, deve ser visto à luz dos eventos que o têm favorecido e desencadeado, as correntes ideológicas que o têm produzido e perpetuado”. Desta forma, pode se afirmar, que os conceitos da palavra “negro” nesses dicionários estejam em consonância com a descrição da percepção dos autores “Afros” supra referidos.

4.3.3 Desumanização e humilhação dos “Afros”

A que se deve então este delírio, e quais as suas manifestações mais elementares? Primeiro, deve-se ao facto de o Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Em qualquer lado onde apareça, o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional. Em seguida, deve-se ao facto de que ninguém - nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome - desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. (MBEMBE, 2018, p. 11)

Convém destacar que os quatro termos dessa seção são intrinsecamente correlacionados, ou seja, cada um pode implicar ou ser o resultado do outro. Segundo Grenouilleau (2012), os senhores de engenho sabiam bem que o escravo nunca deixará de ser um ser humano. É claro que ele era comparado e considerado como um animal ou a uma mercadoria. Os colonos europeus se perguntavam sobre a existência de uma alma nos corpos açotados e humilhados dos escravos do Novo mundo, ou seja, os escravos africanos. Isso é a prova de que a desumanização praticada pelas sociedades escravistas não as impede de considerar, a despeito de si mesmas, a condição servil como relevante para a condição humana. Em seu artigo, “*Falsifying the Dehumanization Hypothesis*” Harriet (2021) diz:

Smith (2011, 2014) argues that when we dehumanize others, we conceive of them as “less than human.” As evidence for this theory, Smith draws on historical data. For example, propagandists in Nazi Germany sometimes referred to their Jewish victims as “rats,” “lice,” and “parasites.” In the American South, African American people who were enslaved were referred to as “subhuman” and “ape-like. (HARRIET, 2021, p. 34-35)

Diz Mbembe (2018):

Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital. Mas - e esta é a sua manifesta dualidade -, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no acto de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo [...]. Enquanto escravo, o Negro representa, portanto, uma das perturbadoras figuras da nossa modernidade, da qual ele é, além disso, a parte da sombra, a parte do mistério e do escândalo. Humano, cujo nome é humilhado; o poder de descendência e de geração, perturbado; o rosto, desfigurado, e o trabalho, espoliado, ele testemunha uma humanidade mutilada, profundamente marcada pelo ferro da alienação. (idem, pp. 19, 73)

Segundo Mia-Musunda (1976, p. 14-15), não podemos falar de sadismo, repressão, exploração, depreciação, espoliação, desumanização, asfixia do ideal do ego, estupro. Esses termos só têm sentido se o homem estiver lidando com um homem. O colonizado teve que conhecer todas as formas de humilhação, ficar traumatizado psicologicamente, gozar de uma identidade negativa, ter medo do homem branco, dever-lhe respeito incondicional [...] perder

seus verdadeiros valores e raízes, tentar se identificar com seu mestre. Em sua obra “*Bad Words: Philosophical Perspectives on Slurs*”, Robin Jeshion (2018) cita a poeta e escritora norte americana, Maya Angelou³⁵:

A palavra negro foi criada para despojar as pessoas de sua humanidade.” Assim disse a brilhante Maya Angelou. Em outro contexto, ela disse simplesmente que “foi criada para desumanizar as pessoas. [...] não importa o grupo racial, você é melhor do que ser chamado de palavra que negaria sua humanidade [...]. Baca disse que os insultos são violência contra o espírito, desumanização e, em certo sentido, uma morte simbólica da dignidade. [...] A história da ‘N-word’ para os afro-americanos foi nos desumanizar e usar palavras que rotulam negativamente nossa identidade. (JESHION, 2018, p. 77-78, tradução nossa)

Por analogia, a afirmação da Maya Angelou, segundo a qual a palavra “negro” foi criada para desumanizar os Africanos e seus descendentes na diáspora, nos faz pensar de noções de subjugação e dominação. Para Mia-Musunda, o agente social “negro” inventado pelo “Branco”, tinha que:

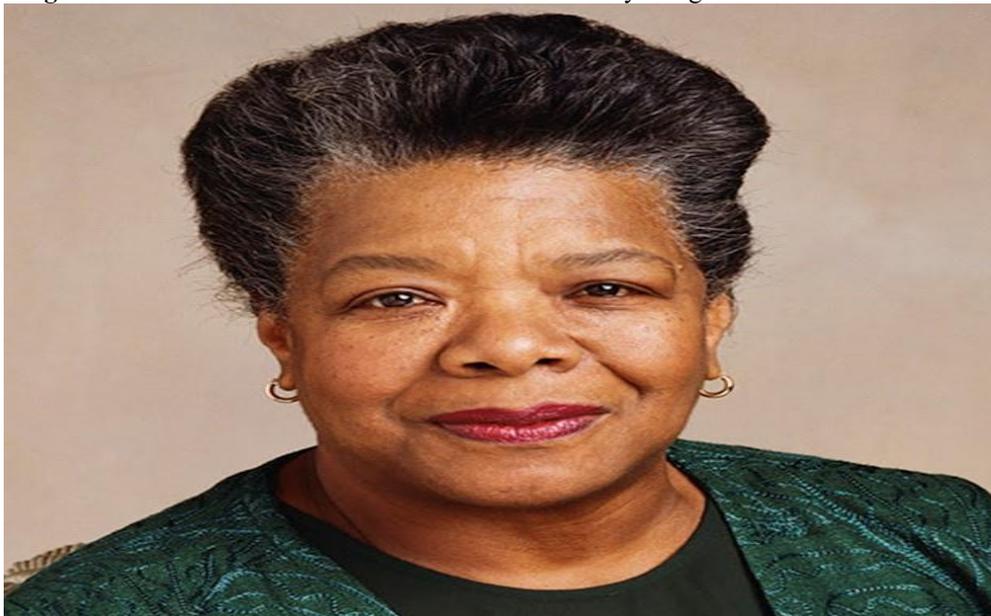
Se tornar um “bom negro”: bem-humorado, bestial, sorrindo e rindo grosseiramente sem afeto agradável, sempre obediente, um “Sim senhor” [...] aquele que, querendo ou não voluntariamente, dirá “Sim senhor” e “Obrigado senhor” quando for esbofeteado ou chicoteado sem motivo - exceto pelo prazer sádico que o ato dá ao homem branco- (MIA-MUSUNDA, 1976, p. 15, tradução nossa)

Porquanto, Mia-Musunda (1976) cita Montesquieu, que em sua obra “*De L’esprit des lois*”, no capítulo V, livro XV, animalizou os agentes sociais “Afros”, ao não acreditar que esses últimos poderiam ter “alma”, negando a sua humanidade: “Não se pode entrar na ideia de que Deus, que é um ser muito sábio, colocou uma alma, especialmente uma boa alma, em um corpo completamente preto [...] É impossível para nós supor que essas pessoas sejam homens; porque se assumimos que são homens, começaríamos a acreditar que nós mesmos não somos cristãos (MIA-MUSUNDA, 1976, p. 19, tradução nossa)”. Em sintonia com Mia-Musunda, o professor Kabengele Munanga, em sua obra “*Negrtude: Usos e sentidos*” afirma que:

O negro foi reduzido, humilhado e desumanizado desde o início, em todos os cantos em que houve confronto de culturas, numa relação de forças (escravidão x colonização), no continente africano e nas Américas, nos campos e nas cidades, nas plantações e nas metrópoles. Essa redução visava a sua alienação, a fim de dominá-lo e explorá-lo com maior eficácia. No entanto, nem todas as populações negras foram totalmente alienadas. (Munanga, 1986, p. 37)

³⁵ *Maya Angelou: Born in 1928, in St. Louis, Missouri. Angelou had a difficult childhood [...]. As an African American, Angelou experienced firsthand racial prejudices and discrimination in Arkansas. Maya Angelou was a civil rights activist, poet and award-winning author known for her acclaimed 1969 memoir, 'I Know Why the Caged Bird Sings,' and her numerous poetry and essay collections. She died in 2014. (BIOGRAPHY, 2018)*

Imagem 5 - Escritora e ativista social norte americana Maya Angelou



Fonte: Adlly (2018)

Acrescentando-se a consideração do professor Mbembe:

[...] o Negro, em particular, era o exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo acabava por penetrar todos os momentos da existência [...] Hegel dizia, a propósito de tais figuras, que elas eram estátuas sem linguagem nem consciência de si; entidades humanas incapazes de se despir de vez da figura animal com que estavam misturadas. No fundo, era da sua natureza albergar o que estava já morto (MBEMBE, 2018, p. 28)

Na visão de Daget (2010):

O negro é a única verdadeira matéria-prima da África, e nenhum raciocínio humanitário não mudará nada [...] quanto ao negro, seu significado é de origem genética e biológica para os filantropos [...]. Em suma, negro parece ser um termo objetivo, investido de rigor científico. Preto parece um termo subjetivo. (DAGET, 2010, pp. 526, 536, 539, Tradução nossa)

Diante do exposto, pode se dizer que, ao serem atribuídos o nome “negro”, os “Afros” têm sido vítimas de desprezo e considerados como inferiores. Em sua obra, *“l’Afrique noire”*, Meynier (1934, p. 206) diz que, desde o primeiro dia de seu encontro, os europeus estabeleceram sua superioridade sobre a raça negra. Afirmaram-no por um profundo desprezo pela raça inferior. Logo, usando a força [...] justificando os seus atos por meio de direito do mais forte, fazendo valer a sua superioridade moral. Assim sendo, os agentes sociais com descendência ou ascendência africana são desumanizados³⁶, vistos e considerados de “rien”.

³⁶ Similarly, dehumanization was at the heart of African and African American experiences with slavery and segregation in the United States. American slaveholders justified the enslavement of Africans by contending that they were animalistic subhumans. If Africans were not really human, then enslaving them did not constitute a violation of human rights. Thus, slavery apologists believed that Africans could be “tamed, trained and used like domestic animals. (REGINALD, 2019 , p. 159-160)

4.3.4 *Capitalismo primitivo, escravidão, colonização dos “Afros”*

Quer se trate de literatura, de filosofia, de artes ou de política, o discurso negro foi então dominado por três acontecimentos - a escravatura, a colonização e o apartheid. São a espécie de prisão na qual, ainda hoje em dia, este discurso se encontra. (MBEMBE, 2018, p. 139)

Em primeiro lugar, contrastando-se o substantivo “negro” ao sistema de Capitalismo, Mbembe (2018: 299) considera que, o nascimento da questão da raça - e, portanto, do Negro - está ligado à história do capitalismo. O motor primeiro do capitalismo é o duplo instinto, por um lado, da violação ilimitada de todas as formas de interdito e, por outro, da abolição de qualquer distinção entre os meios e os fins. No seu sombrio esplendor, o escravo negro - primeiríssimo tema de raça - é o produto destes dois instintos e a figura exemplar de uma violência sem limites e de uma precariedade sem limites. Inegavelmente, a palavra ofensiva e racista “negro” está intrinsecamente ligada ao capitalismo escravista, ou seja, ao capitalismo primitivo³⁷.

Segundo Delesalle e Valensi (1972), a institucionalização da palavra negro nos dicionários aconteceu em pleno crescimento de sistemas de colonização e escravatura com intuito de dominar em todas as dimensões, os povos africanos colonizados, escravizados e seus descendentes.

A entrada da palavra nos dicionários significará sua institucionalização ideológica, seu reconhecimento como “palavra da linguagem” e não mais apenas como uma palavra de um idioma especializado. [...] Portanto, apesar das grandes descobertas, os redatores de dicionários não conhecem a África, seus habitantes e o comércio de escravos em que estão vítimas. Enquanto o Negro existe como uma coisa e como uma palavra em uso, ele é ocultado como palavra em menção. Isso não é uma ausência acidental e inocente, mas de um ato de censura, que trai o constrangimento daí decorrente da existência dos negros como povos e como escravos. (DELESALLE & VALENSI, 1972, pp. 82, 84, tradução nossa)

Acrescente-se que, o professor Achille Mbembe (2018) considera que:

O substantivo “Negro” é depois o nome que se dá ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africana são transformadas em mineral vivo de onde se extrai metal. Esta é a sua dupla dimensão metamórfica e económica. Se, sob a escravatura, África é o lugar privilegiado de extracção deste mineral, a plantação no Novo Mundo, pelo contrário, é o lugar da sua fimdição, e a Europa, o lugar da sua conversão em moeda. Esta passagem do homem-mineral ao homem-metal e do homem-metal ao homem-moeda é uma dimensão estruturante do primeiro capitalismo. (Idem, p. 78)

³⁷ A economia açucareira e o sistema escravista produzem uma sobreposição entre “preto”, “negro” e “escravo”. A expressão “Trabalhar como um negro” significa trabalhar como um escravo de origem africana. Quando a economia açucareira decolou em 1732, a palavra “negro” no dicionário significava “escravo negro vendido no mercado”. Em 1740, a palavra “negro” entrou no dicionário com seu sinónimo escravo. (RENARD APUD: FRANCE CULTURE, 2018, tradução nossa)

Sem dúvida, o nome “negro”, como conceito e como sujeito social, foi criado como um recurso humano coisificado em prol do capitalismo.

Quanto ao Negro, passou a ser a partir de então algo mais do que um bem móvel, pelo menos de um ponto de vista estritamente legal. A invenção do Negro responde a este problema. O Negro é de facto o elemento central que, ao mesmo tempo que permite criar, através da plantação, uma das mais eficazes formas de acumulação de riqueza na época, acelera a implantação do capitalismo mercantil, do trabalho mecânico e do controlo do trabalho subordinado [...]. A invenção do negro também abriu caminho para inovações cruciais nas áreas do transporte, da produção, da comercialização e dos seguros. (MBEMBE, 2018, p. 42-43)

Sem dúvida, o capitalismo teve uma influência preponderante na invenção do nome negro como “conceito” e negro como “sujeito social” escravo. Para Marx (1965, p. 197), a descoberta das minas de ouro e prata da América, o extermínio das populações nativas, sua redução à escravidão ou seu enterro nas minas, a conquista e o início da pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África em um vasto recinto onde os traficantes de escravos caçavam negros, tudo isso caracteriza o alvorecer da era da produção capitalista. Assim, o século XV marcou a primeira grande virada no capitalismo europeu.

Em segundo lugar, o nome negro é sinónimo de escravo. Em Roma, por exemplo, ou em Axante, ou no Mali — conseguir esconder sua origem, porque cativo e homem livre não diferiam na aparência. No caso americano, isso não era possível, porque escravo era sinónimo de negro. E, por isso, nas Américas, os negros herdaram o retrato impiedosamente falso que do escravo, quase sempre branco, se fazia na Antiguidade Clássica. O ateniense, que, para poder dedicar o melhor de seus dias aos debates na ágora, dependia do escravo, acoimava-o de indolente, mentiroso, estúpido, ingrato e dissimulado (SCHWARCZ & GOMES, 2018). Em “*La condition noire*”, o Pap Ndiaye (2021) considera que o sistema de escravidão inventou o nome “negro”, para representar a condição de escravização dos Africanos.

Por conseguinte, a partir de 1650, com o tráfico de escravos, a palavra “preto” passa a palavra “negro”. “preto” não designa mais uma cor, mas um status social, na base da escala. O nome palavra “negro” chegou à França via Portugal no século XVI. Os africanos vendidos no litoral são considerados como gado de trabalho. O preto não designa mais apenas um africano, nem apenas uma cor. A palavra se torna apenas pejorativa: Branco=mestre; Preto=escravo (RENARD Apud: FRANCE CULTURE, 2018, tradução nossa). Em sua obra, “*Le viol de l’identité négro-africaine*”, o professor congolês Mia-Musunda²⁶ (1976) afirma que:

Desde o início, esses indivíduos sem pai, mãe, marido, esposa, irmão, irmã - dado o valor axiológico que a “família” africana encerra - o que foi feito deles? Não, não há necessidade de falar sobre trauma psicológico. Afinal aqueles negros não eram

humanos. Afinal, o homem precisava de “objetos” para satisfazer suas necessidades. O homem precisava, entre outras coisas, de “trabalho barato” e animais de carga. Tendo se tornado escravo, o negro teve que “trabalhar como um negro”. Em “*Uncle Tom's Cabin*”, Beecher Stowe mostra como o fazendeiro branco chama os escravos: “Como, sua besta negra miserável, você não acha certo fazer o que eu digo! Será que uma manada miserável de animais como você sabe o que é certo ou errado?” (MIA-MUSUNDA, 1976, p. 14-15, tradução nossa)

Ainda, em sua obra, “Dicionário da Escravidão e Liberdade” Schwartz e Gomes (2018) afirmam que:

“A CONSTRUÇÃO DA escravidão brasileira na longa duração guardou estreita articulação com as diferentes conjunturas da economia-mundo capitalista. As incorporações sequenciadas dos espaços produtivos coloniais e nacionais às fronteiras mercantis do capitalismo global deram origem, no Brasil, a um vasto e complexo mosaico de atividades econômicas fundadas na exploração do trabalho escravo. Tal diversidade constituiu uma das marcas distintivas do sistema escravista brasileiro quando comparado às demais sociedades escravistas do Novo Mundo. (Idem, p. 212)

Diante disso, concordamos com Vallières (1968, p. 45, tradução nossa) ao afirmar, em sua obra, “*Les nègres blancs d’Amérique*”, que, “Ser negro não é ser homem na América, mas ser escravo de alguém. Para o rico ianque americano branco, o negro é um sub-humano. Até os brancos pobres consideram o negro inferior a eles. Dizem: “trabalhar duro como um negro”, “cheirar mal como um negro”, “ser perigoso como um negro”, “ser ignorante como um negro”. Assim, Mbembe (2018) ressalta que:

Aliás, o Negro sempre foi por excelência nome de escravo - homem-metal, homem-mercadoria e homem-moeda. O complexo escravagista atlântico, no centro do qual se encontra o sistema da plantação nas Caraíbas, no Brasil ou nos Estados Unidos, foi um canal expresso para a constituição do capitalismo moderno. [...] É certo que “o Negro” não é somente um objecto imaginário, mas também um homem imaginário. Será inicialmente chamado de o “Negro” (espécie de homem material que é mercadoria quantificável), depois de “homem negro”, e detectar-lhe-ão uma substância imperecível que designaremos por “alma negro. (idem, pp. 90, 129)

Inclusive, associando-se a invenção do nome “negro” ao colonialismo, em sua obra, “*Pele negra, máscaras brancas*”, Fanon (2008, p. 15) considera que, “racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros”. Em virtude disso, pode se afirmar, uma vez mais que, o escravião, o capitalismo primitivo e a colonização tiveram um papel fundamental no forjamento do conceito e do sujeito social “negro” criado a serviço do dominante “Branco”.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO: DADOS SECUNDÁRIOS EMPÍRICOS

Convém sublinhar que o paradigma epistemológico adotado neste trabalho, que é o construtivismo-interpretativismo, requer a contextualização do problema de pesquisa constatado. Para tanto, Pierre Bourdieu (1987) erige em suas investigações uma visão estruturalista ampliada, ou seja, ele se esforça para encontrar problemáticas que evidenciem a presença de uma estrutura subjacente ao social, ao sustentar que tais estruturas são produto de uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Que as estruturas, as representações e as práticas constituem e são constituídas continuamente. Portanto, convém sublinhar que, Pierre Bourdieu faz uma simbiose entre o estruturalismo e o construtivismo.

O estruturalismo-construtivista de Bourdieu se volta para uma função crítica, a do desvelamento da articulação do social, com o emprego de métodos analíticos de mecanismos de dominação, produção de *habitus* e gênese das condutas, em diferentes campos sociais, em que os agentes sociais são dotados de diferentes tipos de capital. Em outros termos, trata-se do conhecimento praxiológico, ou seja, o autor articula dialeticamente o agente social (fenomenologia) com a estrutura social (objetivismo). É aqui onde o conceito de *habitus* surge como interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, sob influência de mecanismo e estruturas de dominação e acordos inconscientes dos dominados, que legitimam a dominação e a violência simbólica.

Por certo, apar da palavra “negro”, existem na sociedade brasileira, expressões racistas e depreciativas impercebíveis, tácitas e pouco ou até não inteligíveis, com adjetivos combinados com o termo “negro”. Essas expressões desumanizam, coisificam e animalizam os “Afros”, relacionando-os a padrões ou aos protótipos inferiores, sem higiene “negro sujo”, “negro fedido”; “sem moral”, “negro burro”; condições econômicas “negro pobre” e mais. Nesse caso, a injúria racial e a violência simbólica exercem-se, também, ao mencionar o nome “negro”, pressupondo que somente sua evocação já carregue seus sentidos e significados negativos e ofensivos.

Ora, uma marca particular, na sociedade brasileira, é a “retrospecção” da condição dos Africanos escravizados, em outras palavras, o tratamento desumano, a imagem negativa, o status social negativo e as representações sociais negativas dos africanos escravizados continuam presentes nas estruturas mentais e sociais, ou seja, na consciência coletiva brasileira. Desse modo, a ideia principal, neste capítulo, é tentar contextualizar, ou seja, visibilizar os fatos empíricos sobre a prática de injúria racial e violência simbólica contra os “Afros” referente a palavra “negro” e seus subjacentes, em espaços socioeducativos, desportivos, virtuais e sociais.

5.1 Espaço socioeducativo

Em primeiro lugar, a prática de injúria racial e violência simbólica contra “Afros”, referente a substantivos “negro”, “macaco”, “gorila”, “banana”, “fedido”, “sujo”, “feio”, “burro”, “senzala”, “áfrica”, “cabelo duro” e mais, são de atualidade e frequentes nos espaços socioeducativos (creches, escolas, colégios, faculdades, universidades etc.).

Imagem 6 - Menina de 4 anos foi vítima de racismo na creche



Fonte: Foto Redação Pragmatismo (2017)

Parte-se de caso lamentável em creche, onde a Polícia Civil tinha investigado um caso de discriminação racial que teria ocorrido em uma creche pública de Samambaia Sul. A vítima, uma menina de 4 anos, contou à mãe que a professora se recusou a lavar o cabelo dela porque era “duro”. No centro de educação em que a criança está matriculada, estudam alunos em turno integral, todos tomam banho antes de voltar para casa. Bertoni (2017, Apud: CORREIO BRAZILIENSE, 2017) afirma que:

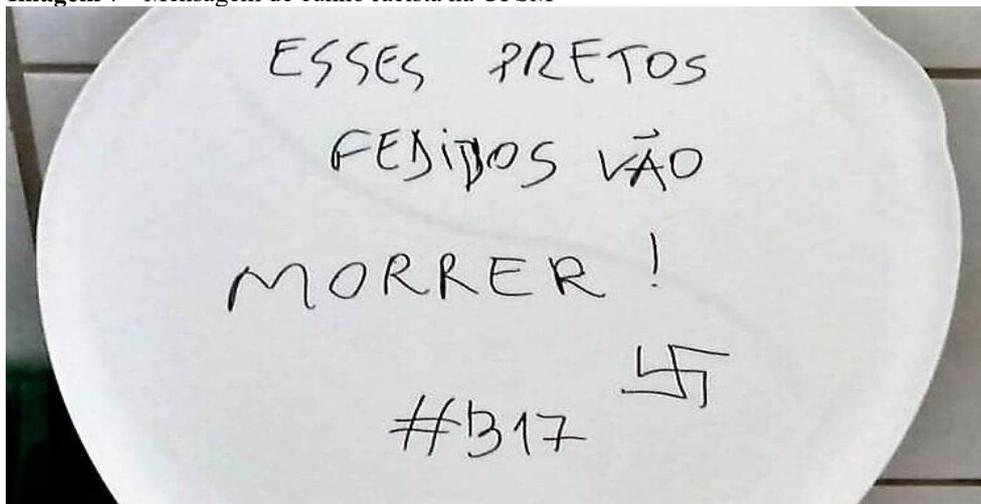
Segundo a mãe, que tem 25 anos, a menina chegou em casa chorando na última segunda-feira e contou que a monitora não quis lavar o cabelo dela [...]. Desde então, a pequena se recusa a ir à escola e pede para uma tia, que é cabeleireira, para alisar os cachos [...] então não foi dentro de casa que ela aprendeu que o cabelo dela é duro. Nós sempre cuidamos e arrumamos o cabelo, sempre dizemos que é bonito, complementa a mãe [...] A aluna, que está no 2º período da educação infantil, contou ainda para a mãe que a monitora a deixava tomar banho sozinha, enquanto as outras crianças tinham total apoio da equipe. (Idem)

De acordo com a revista G1 Rio Grande do sul (2018), muitos casos de injúria racial têm acontecido em Universidades, como o caso de pichação racista encontrada no vaso sanitário de banheiro feminino da Universidade Federal de Santa Maria. Após a injúria racial

proferida e escrita na parte interna da tampa de um vaso sanitário: “Esses pretos fedidos vão morrer”. Na mesma consonância, a revista ainda afirma que:

A Polícia Federal (PF) tenta identificar o responsável por escrever uma frase com ameaça de morte a negros em um banheiro feminino da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Região Central do Rio Grande do Sul. Em letras pretas, os dizeres “Esses pretos fedidos vão morrer” foram escritos na parte interna da tampa de um vaso sanitário, junto ao desenho de uma suástica e da hashtag “b17”, que faria referência ao presidente eleito, Jair Bolsonaro. A denúncia foi feita na sexta-feira (26) por professores da instituição, que se depararam com a frase no Colégio Politécnico da universidade. (G1 RIO GRANDE DO SUL, 2018)

Imagem 7 - Mensagem de cunho racista na UFSM



Fonte: Divulgação/Assessoria de Imprensa da UFSM (2018)

Além do caso supra referido, a Polícia Federal abriu investigação por ameaças de morte e mensagens racistas deixadas em banheiros da UFSCar.

“O banheiro feminino da UFSCar, em Sorocaba (SP), está sem uma das portas desde quarta-feira (3). Ela foi retirada pela Polícia Federal como parte da mais recente investigação aberta para tentar identificar o responsável de mensagens de ódio e de morte contra negros encontradas no local” [...] “No mesmo dia, só que a 200 quilômetros de distância, uma estudante do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), em Avaré, registrou boletim de ocorrência após encontrar bananas em sua mochila. (G1 SOROCABA & JUNDIAÍ, 2019)

Ora, a Revista G1 Itapetininga e Região (2018) ressalta que, a estudante vítima de racismo, injúria racial e violência simbólica, que encontrou quatro (4) bananas na mochila dela, não quis se identificar, diz:

[...] Ontem por volta das 17 horas, fui pegar minha mochila no banco da faculdade (Instituto Federal de São Paulo – Campus Avaré) e encontrei quatro bananas dentro da mesma, e estava ao lado de outra mochila idêntica a minha e a única diferença é que a minha estava com uma garrafa de água de lado fazendo assim um ataque pessoal onde não pegaram nenhum pertence (carregador, carteira com documentos, e papéis da faculdade) [...]. Estou fazendo isso não só por mim, mas para todos os negros que estudam em INSTITUTOS FEDERAIS, Universidade Públicas sendo nosso Direito estudar como o de qualquer outro estudante! A luta sempre vai continuar. (G1 ITAPETININGA E REGIÃO, 2018)

Imagem 8 - Estudante negra achou bananas dentro da sua mochila



Fonte: Facebook/Reprodução (2018)

Outrossim, Juarez Tadeu de Paula Xavier, foi vítima de racismo e injúria racial, apesar de possuir um currículo enriquecido de pesquisas e movimentos contra a discriminação racial, títulos de mestrado e doutorado pela USP, professor da Unesp Bauru e coordenador do Núcleo Negro Unesp para a Pesquisa e Extensão (Nupe).

[...] as pichações foram achadas no banheiro contra ele e também contra mulheres negras. “Foi a covardia do ato que me marcou. Pichação no banheiro da universidade, com ofensas extensivas às ou aos estudantes e ao pessoal da limpeza. A forma vil e agressiva contra mulheres simples, trabalhadoras braçais”. [...] as manifestações encontradas é apenas um reflexo da sociedade. “Não é um caso isolado que aconteceu em 2015 na Unesp ou o que aconteceu este ano. O racismo é mais evidente porque você tinha menos negros nas universidades, do ponto de vista numérico. Professores, alunos e gestores negros eram poucos”. (JUAREZ, Apud: G1 SOROCABA & JUNDIAI, 2019)

Imagem 9 - Mensagens racistas escritas em um banheiro da UNESP-BAURU



Fonte: — Foto: Juarez Tadeu de Paula Xavier (2019)

Do mesmo modo, a aluna de um colégio particular, em Laranjeiras, Rio de Janeiro, a senegalesa Ndeye Fatou foi vítima de racismo, injúria racial e violência simbólica, em um grupo de alunos. Segundo a psicóloga FEDERICO, da Revista Veja Saúde (2021):

[...] O caso da estudante Ndeye Fatou Ndiaye em um colégio particular no Rio de Janeiro, o assassinato de João Alberto Silveira Freitas às vésperas da comemoração do Dia da Consciência Negra em Porto Alegre, a discriminação nos campos de futebol e os ataques orquestrados contra artistas negros nas redes sociais dão provas de que o racismo à brasileira ultimamente tem sido bem menos cordial [...] é urgente que reconheçamos como a negação do racismo é um mecanismo de defesa para que o problema permaneça inalterado, operando na preservação de uma suposta autoimagem nacional de que somos uma democracia racial. Nega-se uma realidade com a qual não se tem recursos emocionais para lidar. Mas negar o racismo é uma forma de mantê-lo vivo e impedir que as reparações aos seus danos sejam feitas. (FEDERICO Apud: VEJA SAÚDE, 2021)

Imagem 10 - Aluna vítima de racismo em um colégio de RJ



Fonte: R7 Balanço Geral Manhã RJ (2020)

Após o ocorrido, diz a vítima Ndeye (Apud: G1 RIO DE JANEIRO, 2020):

Estamos em 2020, são diálogos que não deveriam estar acontecendo. Foi uma coisa que me deixou bastante indignada e triste [...] O meu colégio é de excelência, um dos melhores do Rio de Janeiro. A gente vê que, mesmo com pessoas que têm todos os acessos à educação, à informação, continua se propagando coisas extremamente racistas. É uma forma de mostrarmos que o racismo está em todos os lugares e a gente vai combater não só judicialmente, mas com conhecimento. (NDEYE, Apud G1 RIO DE JANEIRO, 2020)

Porquanto, os textos continham mensagens extremamente racistas como:

“Fede a chorumen Mano; a Fatou usa sutiã? Escravo n pode; ela n eh gente; negro é dinheiro negativo; o cara que vende tem q comprar; para comprar um negro, só com outro negro msm; ou vc paga; quando mais preto, mais preju; dou dois índios por um africano; um negro vale uma bala”. (G1 RIO DE JANEIRO, 2020 - transcrição original)

Imagem 11 - Universitário fez “Post” racista em rede social



Fonte: G1 Globo, Mato Grosso (2017)

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. E a sua postura crítica como professor diante desta luta e denúncia é de fundamental importância. A mídia está anunciando a prisão desse(a) ou daquele(a) cidadão(ã) que discrimina o (a) outro(a). Mas a impunidade neste país é tão grande que muitas pessoas ainda não perceberam que existe uma lei severa (se cumprida), que protege a todo(a) e qualquer cidadão(ã) vítima da discriminação racial ou étnica ou de qualquer tipo de preconceito (DE SANT’ANA, Apud: BRASIL, 2005, p. 40)

Ao nos depararmos com os casos empíricos destacados neste subcapítulo, concordamos com Berleze & Pereira (2017, p. 2) ao afirmar que “O racismo constitui um aspecto depreciativo da sociedade brasileira, originado no seio da escravidão e perpetuado pela extrema diferença social existente dentro da população, como se estivesse justificando esta desigualdade. Amparado em preconceitos e estereótipos³⁸ de natureza biológica e cultural [...] as pessoas têm a coragem e o desprazer de falar francamente de suas ideias e preconceitos, ainda que a injúria racial seja crime no País. Artistas, pessoas famosas ou apresentadores de programas de televisão têm denunciado constantemente este racismo nas redes sociais. Nessa linha, pode se afirmar, sem dúvida, que o racismo³⁹ é arraigado na consciência coletiva brasileira e é estrutural.

³⁸ Estereótipos são "discursos de desequilíbrio representativo" que contêm uma ideologia dominante. A ideologia dos grupos de poder que podem acessar a mídia e construir o discurso que estrutura a visão de mundo de uma certa sociedade em que nem todos têm um lugar. Com o uso de estereótipos, estes acabam sendo naturalizados. Estereótipos sobre gênero, sexo, etnia e classe social estão profundamente ligados a preconceitos negativos. A mensagem transmitida pelos estereótipos torna-se impermeável, imóvel e essencialista. A repetição de estereótipos, através da mídia tradicional, alimenta identidades e gera mecanismos de regulação de comportamentos (CASTELLÓ, 2008, p. 94-95)

³⁹ “Ao construirmos a trajetória das ideias racistas no Brasil, percebemos que a maioria branca sempre tratou o negro, o índio, o judeu e o cigano como seres inferiores. Esta é uma das características fundamentais do fenômeno racista.” (CARNEIRO, 2000, p. 62)

5.2 Espaço desportivo

Em segundo lugar, sem dúvida, casos de injúria racial e violência simbólica referentes a gestos, palavras e expressões “negro, macaco, banana, vá jogar na seleção africana, feio, chora negro, senzala, entre outras”, são recorrentes em estádios e campos esportivos, principalmente, no futebol. Segundo Fernandez, Zarko & Lincoln (Apud: Futebol, 2022):

“Só no futebol, a alta de casos de racismo foi de 106% - em 2020, foram registrados 31, contra 64 de 2021. De acordo com Marcelo Carvalho, diretor do Observatório de Discriminação Racial, a conta de casos de racismo no futebol brasileiro até agosto deste ano chegou a 64. Ou seja, igualou o patamar de 2021. Há uma tendência de novo aumento para 2022”. (idem)

Em sintonia com os autores suprarreferidos, o Observatório de Discriminação Racial no Futebol (ODRF) afirma que:

A temporada de 2019 registrou o recorde de casos de racismo no futebol brasileiro. Ao todo, foram 56 casos de injúria racial. Doze ocorrências a mais que em 2018, ano que detinha a pior marca até então, com 44. Um aumento de cerca de 27, 2%. Segundo Placar (2021), “Observatório Racial do Futebol estuda desde 2014 casos de discriminação e divulga relatórios anuais cada vez mais preocupantes. Em 2021, de 1º de janeiro para cá, o grupo já monitorou 53 casos, um dos números mais altos do levantamento histórico”. (ODRF, 2020)

Imagem 12 – Torcedora de Grêmio chama goleiro Aranha de “macaco”



Fonte: Reprodução/ESPN (2014)

Como pode se observar na imagem acima, a Revista GE Rio Grande do Sul (2014) ressalta que, a torcedora gremista flagrada pelas câmeras de transmissão de TV chamando o goleiro Aranha de “macaco” durante a partida entre Grêmio e Santos na noite de quinta-feira, em Porto Alegre, foi afastada do trabalho no Centro Médico e Odontológico da Brigada Militar.

Além do antigo goleiro Aranha do Santos, o jogador Celsinho, do Londrina (Brasileirão

Série B), também, foi vítima de injúria racial. Segundo a Revista Observatório (2021), “O meia Celsinho, do Londrina, relatou ter sido chamado de “macaco” por um senhor ligado ao Brusque durante partida válida pela 21ª rodada da Série B”. Na mesma linha, Taison afirma, em uma entrevista à Revista Observatório por que cerrou o punho e levantou a mão direita em gesto de protesto contra o racismo e a injúria racial contra os atletas “Afros”.

Imagem 13 – Taison festeja gol com gesto contra o racismo



Fonte: Ricardo Duarte/DVG/Inter (2021)

É porque eu sofri isso (racismo) na Ucrânia. Senti como é. Não sou só eu que sofro. Há pessoas que sofrem isso no dia a dia. Tem milhões de pessoas que sofrem isso e sempre defenderei porque senti na pele. Comemoro assim há muito tempo. Quero que todos que sofreram isso não se caleem, porque dói. Quem sofre, entende bem como dói. Estou feliz pela comemoração também que deu o que falar. Não vou me calar nunca. (TAISON In: OBSERVATÓRIO, 2021)

Imagem 14 – Gabigol faz gesto contra o racismo após gol marcado



Fonte: Divulgação/Flamengo (2022)

A revista ESPN (2022) relata o caso de racismo⁴⁰ e injúria racial⁴¹ contra Gabigol e diz:

Um torcedor do Fluminense cometeu injúria racial ao chamar o atacante do Flamengo, Gabigol, de “macaco”, no último clássico Fla x Flu, o laudo pedido pelo time da nação rubro-negra confirmou o crime. Uma análise feita por um perito confirmou que o vídeo²⁹ compartilhado é autêntico, sem edição, e que, nele, um torcedor ofende Gabriel Barbosa ao menos duas vezes de “macaco” [...]. Em depoimento, Gabigol diz que foi chamado de macaco no Fla x Flu e faz desabafo: ‘Indignação, revolta e muita tristeza’. Gabigol prestou depoimento [...] O atacante do Flamengo confirmou, por meio de videoconferência, que ouviu gritos de “macaco” vindo da torcida adversária [...]. (ESPN, 2022)

Conforme Caldas (1990, p.24), os ingleses precursores desse esporte em nosso país faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca e somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol. Portanto, o preconceito racial, o racismo, a discriminação e a injúria racial são companheiros do futebol brasileiro desde seus primórdios. Certamente, o esporte, ou seja, o futebol deveria ser uma forma de unir as pessoas de cultura, crença, origem, sexo e “*background*” diferente, porém, campos, gramados e estádios de futebol se tornaram lugares de expressão de ódio, preconceitos e discriminação raciais contra a população afro-descendente, no Brasil.

Diante disso, as recentes ocorrências em jogos de futebol apontam, incontestavelmente, como o racismo, a discriminação racial e o preconceito racial estão arraigados na consciência coletiva brasileira. Ora, os casos empíricos apresentados neste subcapítulo não são isolados, pois, têm sido comuns, em campos e estádios de esporte, particularmente, em de futebol, onde jogadores descendentes africanos são chamados de “macacos, burro, vá jogar na seleção africana, gorila, chipanzé” e mais. Não somente, mas também, bananas são jogadas no gramado, significando que as vítimas são macacos ou descendentes de macacos e gostam de comer bananas.

⁴⁰ O racismo no Brasil é um fato histórico-social fundado na necessidade de a elite dominante perpetuar o seu poder, tanto durante a escravidão quanto depois dela, justificando um preconceito que se fundamenta somente em estereótipos, mas que ganha força quando o sujeito pretende se diferenciar e aumentar a sua autoestima pela degradação do outro. Além disto, este preconceito serve a inúmeras formas de exploração, enraizadas nesta suposta supremacia racial, ainda que haja um discurso de igualdade através da democracia racial. (BERLEZE & PEREIRA, 2017, p. 12-13)

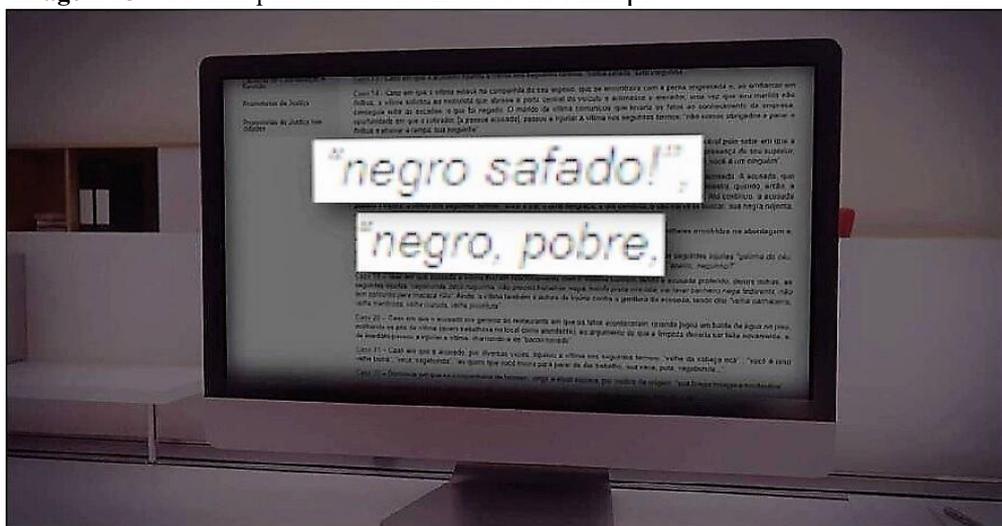
⁴¹ Assim como em várias esferas sociais, a prática esportiva está repleta de exemplos de injúria racial. Mesmo no Brasil, país tão marcado pela miscigenação, os episódios de agressões verbais proferidos por conta de diferenças na cor da cútis acontecem regularmente [...] Apesar das constantes campanhas e discursos por parte das entidades regulamentadoras contra quaisquer tipos de discriminação em partidas de futebol, a reincidência desses dá indícios de que o problema está bem longe de ser resolvido.

5.3 Espaço virtual

As redes sociais espelham este preconceito e as pessoas negras e pardas são continuamente xingadas, ofendidas, humilhadas pelos seus pares, constituindo-se a injúria racial, apesar de ser crime, um lado perverso de uma sociedade que se democratiza a cada dia. Não falamos apenas de nomes famosos, artistas ou apresentadores de programas de televisão (que possuem recursos para contrapor estas ofensas), mas de pessoas consideradas comuns, que são obrigadas a ver e ouvir toda sorte de xingamentos simplesmente porque tem a pele escura, o cabelo encaracolado ou outras características étnicas. (BERLEZE & PEREIRA, 2017, p. 13)

Em terceiro lugar, as ocorrências de injúria racial e violência simbólica alusivas ao uso de palavras depreciativas são frequentes, também, em espaços virtuais, ou seja, em redes sociais (internet). Por exemplo, a imagem a seguir, é um dos casos de injúria racial, que aconteceu no Amapá, onde segundo G1 Amapá (2019), houve o maior aumento da taxa entre os oito estados que tiveram alta no período, seguido por São Paulo (384,6%) e Santa Catarina (211,2%). Pois é possível delinear a injúria racial referente a palavras “negro, banana, macaco, fedido, sujo, pobre” e outras, sobretudo, sendo este crime consubstanciado no artigo 140, § 3º, combinado com o artigo 141, inciso III, do Código Penal, pois o ofensor age com *animus injuriandi* ou *Jocandi*⁴², com falas, declarações, que propalam as ofensas à honra subjetiva em razão da raça ou etnia.

Imagem 15 – Ofensas pela internet no Estado de Amapá



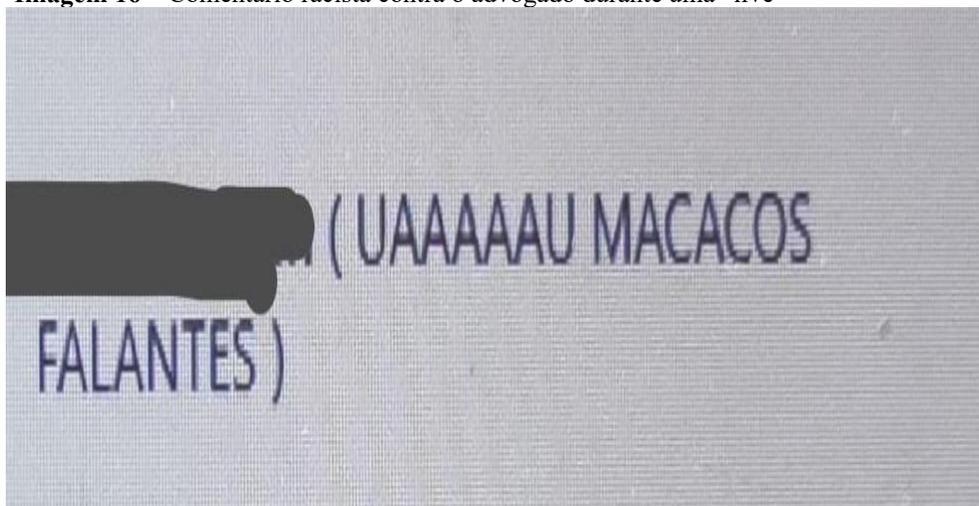
Fonte: TV Globo/Reprodução (2019)

⁴² Segundo Vaz (Apud: JUSBRASIL, 2016), (a) *Animus jocandi*, em que o agente age de forma que só deseja fazer uma piada, brincar com a pessoa, havendo obviamente um limite; (b) *Animus defendendi*, quando ocorre na intenção de se defender em um processo; (c) *Animus narrandi*, caso seja a vítima ou a testemunha narrando os fatos do que aconteceu, não será calúnia; (d) *Animus corrigendi vel disciplinandi*, o agente não pretende ofender, apenas corrigir os erros da autoridade em que se encontra sob; (e) *Animus consulendi*, aconselhar sobre outra pessoa, quando terceiro pedir informações sobre, porém não deve existir exagero nas informações e (f) Exaltação emocional ou discussão, quase haja injusta indignação, e o sujeito esteja exaltado utilize de expressões, e palavras ofensivas.

Além do mais, Gontijo (Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021) afirma que, aconteceu na segunda feira dia 28 de junho de 2021, com o comentário durante uma “live”:

Durante a conversa sobre o tema, uma pessoa comentou “Uau, macacos falantes”. O advogado viu o comentário racista e seguiu com o bate-papo. “Seguimos com a live sem dar ibope. Uma colega advogada negra que estava nos assistindo fez os prints, juntou as provas e, no dia seguinte, fui até a delegacia para registrar o boletim de ocorrência e descobrir quem é o autor do ataque” [...]. Uma dor e impotência, uma angústia, porque, apesar de estar à frente da luta antirracista, eu sou ser humano e não estou preparado para ser atacado. Quando isso acontece, sinto a dor dos meus ancestrais e até me questiono se a luta está sendo em vão [...] essas pessoas que nos atacam acham que não serão punidas. (PEREIRA Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)

Imagem 16 – Comentário racista contra o advogado durante uma “live”



Fonte: G1 Minas Gerais. Foto: Redes Sociais (2021)

De certo, existem muitos casos de injúria racial referente ao nome “negro” e seus subjacentes pela redes sociais, através de discursos de ódio e preconceitos, pelas redes sociais⁴³. Diante desses casos expostos, concordamos com Martins (2014) ao afirmar que, todos sabemos que não é de hoje que as redes sociais têm servido de palanque para que pessoas vomitem preconceito e ódio. O que antes era dito dentro de um círculo pessoal, ou entre familiares, agora é colocado na rede sem qualquer constrangimento, como se não fugisse da normalidade. Nos últimos anos a internet tem constituído um espaço privilegiado para a prática de crimes de ódio, em especial o racismo. Assim, essas práticas, se fazem, frequentemente, em redes sociais, sem limitações em espaços, comunidades, grupos ou categorias sociais, cujas maiores vítimas são os agentes sociais com descendência ou ascendência africana.

⁴³ “As redes sociais na internet são dinâmicas, estão em constante transformações, pois estas mudanças decorrem dos processos de interações entre os sujeitos. “A interação social é compreendida como geradora de processos sociais a partir de seus padrões na rede, classificados em competição, cooperação e conflito”. (Recuero, 2009, p. 80).

5.4 Espaço social

Enfim, casos de injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso de palavras “negro, macaco, feio, burro, sujo, fedido, pobre e outras depreciativas” são frequentes em todas as esferas da sociedade brasileira, nas ruas, em edifícios comerciais, em meios de transporte, em praças e parques, entre outros. No entanto, a maioria desses acontecimentos, geralmente, passam despercebidos, por uma razão ou outra.

Além da pichação racista contra Juarez, a Revista G1 Sorocaba e Jundiá (2019) ainda ressalta que, o mesmo professor, de novo, foi vítima de injúria racial e tentativa de homicídio, que aconteceram na tarde da segunda-feira, no dia 20 de novembro de 2019, dia da Consciência Negra, quando saía de um supermercado e foi abordado pelo agressor, que o chamou de “macaco”. Depois disso, os dois brigaram e o professor foi atingido com golpes de canivete, como comprova a imagem a seguir.

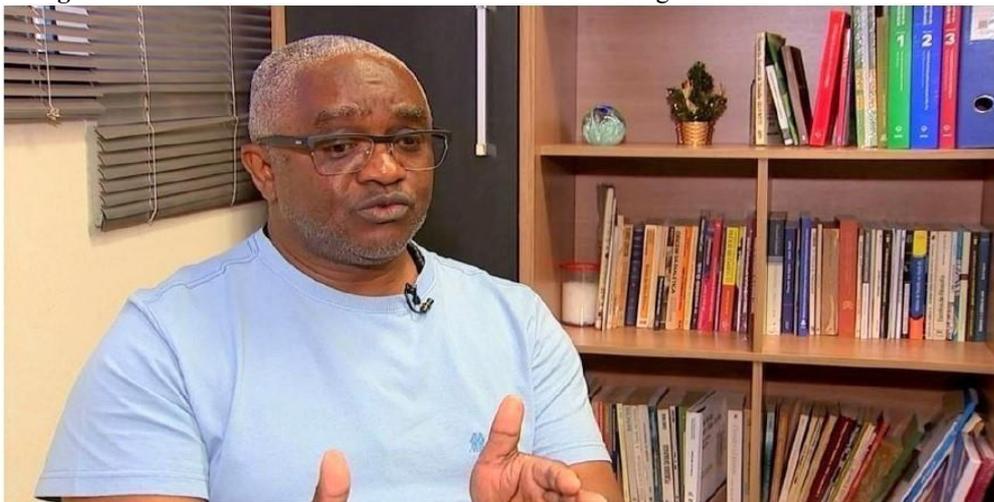
Imagem 17 – Professor Juarez é esfaqueado e chamado de “macaco”



Foto: TV TEM/Reprodução (2021)

A Revista G1 Sorocaba e Jundiá (2019) segue afirmando que, uma testemunha, que ajudou a socorrer o professor Juarez, disse na época ter ouvido o xingamento. O caso foi registrado como lesão corporal e injúria racial. O agressor [...] que chegou a ser preso, foi liberado para responder ao processo em liberdade mediante pagamento de fiança de R\$ 1 mil. Na época do crime, o advogado do professor Juarez, Maurício Ruiz disse para eles que o suspeito cometeu injúria racial e tentativa de homicídio. Segundo ele, se não fosse a intervenção de terceiros, o professor poderia ter sido assassinado. Certamente, casos de injúria racial, violência simbólica e violência física são recorrentes.

Imagem 18 – Professor Juarez é coordenador do Núcleo Negro da UNESP



Fonte: TV TEM (2019)

Segundo a Revista IMIRANTE.COM (2019), o professor da Universidade Estadual (UNESP) campus Bauru, foi atacado a golpes de canivete [...] Juarez Xavier contou, em seu perfil, nas redes sociais, ter sido chamado de macaco pelo agressor e que estava revoltada or ter sido tratado de tal forma no Dia da Consciência Negra. Na mesma linha, G1 Minas Gerais (2021) afirma que, no domingo 17 de maio de 2021, a senhora Maria Nazaré foi vítima de racismo e injúria racial ao tentar entrar no UBER.

Eu fiz sinal que eu era a passageira e ele fez a negativa com a cabeça. Eu insisti porque estava chovendo e me aproximei do carro. Mostrei a tela do meu telefone e ele esfregou a pele. Aí, eu pensei assim ‘ué, será que ele não vai me embarcar por conta da cor?’ ‘Eu não acreditei, mas ele falou que ‘não carrega preto no carro, muito menos uma preta, vagabunda e arrancou. (PAULINO Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)

Além da senhora Maria Nazaré Paulino e do professor Juarez, existem centenas de casos, diariamente, sem visibilidade. Como o caso da engenheira “afro-brasileira” Fabiane Jardim, de 39 anos, registrou o Boletim de Ocorrência, com a denúncia do racismo após foto com trança ser recusada para RG. Segundo Maria Lúcia Gontijo (Apud: G1 Minas Gerais, 2021) — Belo Horizonte, o episódio aconteceu no posto da Unidade de Atendimento Integrado (UAI), do Governo de Minas, localizado no shopping Contagem, na Grande BH.

No primeiro momento ele não soube me explicar [o motivo da recusa]. Depois ele falou que era por causas das tranças que estavam ‘diferente’. Eu sou uma mulher negra, uso trança desde criança, eu tenho raiz africana, minhas matrizes são africanas, minhas tranças não são acessórias, fazem parte da minha identidade pessoal. (JARDIM, Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)

Na mesma linha, Alonso & Chagas (Apud: G1 RIO GRANDE DO SUL, 2021)

afirmam que, um jovem frentista negro⁴⁴, de 21 anos, denunciou um caso de injúria racial à Polícia Civil de Não- Me-Toque, no Norte do Rio Grande do Sul, onde um cliente Branco quis pagar o serviço oferecendo duas bananas.

Quando eu terminei de atender, ele me entregou duas bananas na mão. O rapaz que estava do lado perguntou: por que a banana, tu vai pagar ele com banana? E ele respondeu: ué, tu não é macaco? Tu não é descendente de macaco? Disse. [...] O frentista disse ter ficado “sem reação” ao ouvir as palavras do cliente. Ele contou o que sentiu após o ocorrido. “Foi muito dolorido, sabe? Ter que passar por isso. É um peso muito grande que a gente carrega nas costas”, comentou o rapaz (idem, transcrição original)

Imagem 19- Frentista oferecida 2 bananas e chamado de “macaco”

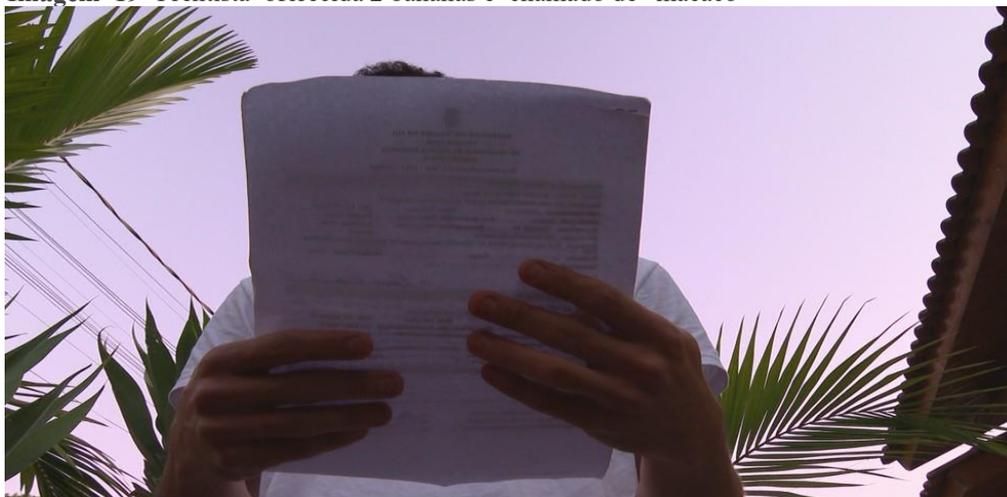


Foto: Reprodução/RBS TV (2021)

Em virtude disso, pode se afirmar que o termo “negro” nos remete a história da escravidão, ou seja, chamar os agentes sociais “Afros” de “negros” é vê-los, embora com as novas configurações, como “escravos”. Por isso, Schwartz & Gomes (2018, p. 315) afirmam que, todos eram chamados de “negros”. O termo “negro” significaria “escravo” e por isso os africanos eram “negros da Guiné” e os indígenas escravizados “negros da terra”. Assim, o nome “negro” é intrinsecamente ligado ao termo “escravo”.

Resumidamente, depende-se, a partir da coleta de dados secundários realizado neste capítulo, que os casos empíricos de injúria racial e violência simbólica, referente ao uso da palavra “negro” e seus subjacentes são recorrentes e reais, em todas as camadas sociais. Outra constatação importante é que não exista distinção de idade, sexo, origem nem *status* social para ser vítima, ou seja, crianças, estrangeiros, homens, mulheres, pobres, ricos, intelectuais etc.

⁴⁴ SINPOSBA (2021). Jovem frentista foi oferecido duas bananas como forma de pagamento: Disponível em <<https://www.sinposba.org.br/index.php/2021/07/08/frentista-negro-denuncia-injuria-racial-apos-receber-bananas-de-cliente-branco-em-nao-me-toque/>>.

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo são apresentadas as considerações analíticas com base no método qualitativo. Não obstante, é importante lembrar que, para que se evite a subjetividade interpretativa do pesquisador na pesquisa qualitativa, foi preciso que se analisem, de forma metódica, ou seja, cientificamente, conceitos, noções, percepções, declarações, visão, falas e compreensão de diferentes autores e também, de algumas vítimas de injúria racial e violência simbólica referentes a palavras negro e seus subjacentes. Por isso, foi necessário optar por análises de conteúdo temático. De acordo com Bardin (2016):

O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 2016, p. 15)

De acordo com Braun & Clarke (2006), a análise de conteúdo temática é um procedimento que consiste em transformar o texto multifacetado e variado em uma análise única e original de seu conteúdo em torno de seus temas e subtemas, por meio de um código. [...] Quando falamos em análise de conteúdo, pensamos em método, código e classificação. A concepção de linguagem em que se baseia é chamada de “representacional”, ou seja, consideramos que a linguagem representa, reflete diretamente a pessoa que a utiliza. [...] explicitamente contidos na comunicação para fazer inferências sobre a fonte de emissão. Quanto ao objetivo de análise de conteúdo, para Oliveira Et. Al. (2003):

O objetivo de toda análise de conteúdo é o de assinalar e classificar de maneira exaustiva e objetiva todas as unidades de sentido existentes no texto. Além de permitir que sobressaia do documento suas grandes linhas, suas principais regularidades [...] O objetivo final da análise de conteúdo é fornecer indicadores úteis aos objetivos da pesquisa. O pesquisador poderá, assim, interpretar os resultados obtidos relacionando-os ao próprio contexto de produção do documento e aos objetivos do indivíduo ou organização/instituição que o elaborou. (OLIVEIRA ET. AL, 2003, p. 6)

Por outro lado, Bardin (2016) considera que, a análise de conteúdo pode ser ao mesmo tempo uma análise de significados e uma análise de significantes, funciona a partir de procedimentos sistemático e a partir de sua pretensão em descrever as mensagens o analista de conteúdo possui a dupla tentativa de compreender o sentido da comunicação e, sobretudo, ter o olhar atento para outra significação que está em outra mensagem que pode estar ao lado ou envolta da primeira mensagem. Nesse sentido, os métodos de análise de conteúdo aqui

descritos são feitos a partir da técnica ou procedimento de análise de conteúdo categorial⁴⁵ na perspectiva de Laurence Bardin.

Poder-se-iam assim multiplicar os desmembramentos temáticos, classificando e dividindo as significações do discurso em categorias em que os critérios de escolha e de delimitação seriam orientados pela dimensão da análise, ela própria determinada pelo objetivo pretendido. (BARDIN, 2016, p. 82)

Portanto, a análise temática concentrou-se no tratamento e análise dos dados secundários coletados, a partir da tematização do corpus. Para tanto, fez-se uma sequência de (re)leitura dos discursos, depoimentos, declarações, falas, julgamentos, pontos de vista de agentes sociais “Afros”, vítimas de injúria racial e violência simbólica, no uso de palavras “negro, banana, macaco, feio, fedido, sujo, pobre entre outras”. Também, ipso facto, foi necessário selecionar dados correspondentes a objetivos, hipóteses, tema principal, problema e objeto de estudo, que foram classificados e codificados, descartando-se os fragmentos considerados irrelevantes ou de pouca relevância.

Para tanto, a análise de conteúdo⁴⁶, aqui desenvolvida, se fez não somente, a partir de textos, mas também, foi necessário a consulta de fotos, imagens, vídeos e conteúdo “on line” sobre o problema de pesquisa. Ora, estas fontes permitiram-nos extrair o máximo de informação sobre as falas de diferentes locutores. Assim, foi destacada de forma metódica, nas próximas subseções, a análise de conteúdo temática, em categorias e subcategorias codificadas, com enumerações de páginas, citações, referências e observações, que seguiram alguns critérios semântico e discursivo.

O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria “ansiedade” enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados sob o título conceitual “descontração”), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (BARDIN, 2016, p. 147)

Pois bem, o critério semântico se fez a partir de reunificação de substantivos, adjetivos e verbos idênticos, sinônimos ou próximos em nível semântico, seguindo a sequência em torno

⁴⁵ A análise de conteúdo categorial, como já dito, é uma técnica de pesquisa que busca permitir a criação de inferências sobre determinado conteúdo. Para tanto, os pesquisadores realizam a codificação do conteúdo, fazendo a aplicação de códigos, que vão formar categorias. Apesar de, frequentemente, serem vistos como sinônimos, cada um desses termos é importante para uma aplicação adequada da técnica. (SAMPAIO, 2021, p. 45)

⁴⁶ A Análise de Conteúdo (AC) tem sua origem no campo das investigações sociais, e busca explicações a partir de uma codificação própria dos dados, a qual permite inferências a partir da maior ocorrência de determinadas palavras. “A análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise lexical) (BARDIN, 2016, p. 41)”

de temas dominantes identidade social, injúria racial e violência simbólica; além de o critério expressivo ou discursivo, que partiu da exploração de reações, expressões e falas de vítimas da prática de injúria racial e violência simbólica referente ao uso da palavra “negro” e seus subjacentes. Os discursos destas vítimas descrevem uma realidade social, ou seja, eles representam a realidade (sentimentos, percepções, sensações, pontos de vista, reações etc.).

Convém sublinhar que, antes de agrupar por classificação as unidades significativas por codificação e categorização⁴⁷, foram adotados critérios específicos, com um trabalho de referenciamento para colocar à disposição da comunidade científica e acadêmica o trabalho de análise realizado. Ademais, não se pretende focalizar em apresentar o número de vezes as palavras-chave foram utilizadas e mencionadas pelos locutores, mas sim, alcançar a profundidade e a riqueza, e identificar nuances mais sutis. Desse modo, apresentam-se os resultados relevantes da análise de dados secundários qualitativos e a discussão de forma narrativa, com intuito de descrever, exatamente, como os resultados do estudo ajudaram a responder às nossas perguntas de pesquisa, com base na literatura coberta em nossos capítulos precedentes, com base em critérios semânticos⁴⁸ e discursivos⁴⁹.

⁴⁷ Para Bardin (2016, p. 103), a codificação, “corresponde a uma transformação – efectuada (sic) segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão” [...]. Após a codificação, segue-se para a categorização, a qual consiste na: classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos ... sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 2016, p. 117).

⁴⁸ A Semântica, área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais, subdivide-se em vários tipos, de acordo com as variadas visões dos especialistas nessa área. Desta forma, há a semântica textual, formal, lexical, discursiva, cognitiva, dentre outras, ligadas por um ponto comum: em todas elas o objeto de estudo é o significado. Deve-se ao filólogo francês Michel Bréal (1832-1915) o termo semântica. Embora não houvesse um termo que denominasse o estudo dos sentidos até então, isso não era impedimento para que estudos anteriores, desde a época de Aristóteles, fossem desenvolvidos. (PINTO, 2016, p. 9)

⁴⁹ Os procedimentos da Análise Textual Discursiva, associados às etapas da Investigação Temática, favoreceram a sistematização do processo de interpretação do conhecimento dos sujeitos envolvidos nessa investigação. Além de relacionarmos as etapas levantamento preliminar da realidade e unitarização, escolha das situações significativas/diálogos descodificadores e categorização, redução temática/sala de aula e comunicação, entendemos que a Análise Textual Discursiva pode estar presente em cada uma das etapas da Investigação Temática. (TORRES et al, 2008, p. 43)

6.1 Análise de conteúdo temático, achados de pesquisa e discussão

O objetivo deste subcapítulo é, por um lado, apresentar e analisar os resultados obtidos de forma objetiva e neutra; e, por outro, examinar, comentar e interpretar os dados obtidos nos resultados, com argumentação e ligação entre o problema de pesquisa, o objeto de pesquisa, os objetivos de pesquisa e as hipóteses elaboradas, em diálogo com a literatura discutida, ou seja, o conteúdo bibliográfico estudado. Portanto, apresentam-se sinteticamente os dados secundários, coletados em espaços socioeducativos, desportivos, virtuais e sociais. A apresentação se fez em quadros, buscando identificar e qualificar a prática de injúria racial e violência simbólica, referente a palavra negro e seus subjacentes banana, macaco, feio, fedido, sujo, pobre etc. Esses dados são potencialmente importantes para a caracterização dessa prática cujos “Afros” são inseridos e vítimas.

Entretanto, reitera-se que a questão norteadora é de que forma pode se acabar com o paradoxo da palavra “negro” na sociedade brasileira? O objeto da pesquisa é: O paradoxo da palavra “negro”, por um lado como denominação identitária e, por outro, como injúria racial e os objetivos específicos são: (i) dissecar os conceitos, sentidos e significados da palavra negro, ancorados em dicionários da língua portuguesa, (ii) narrar como acontece a prática de injúria racial e violência simbólica, contra os “Afros”, no âmbito do uso da palavra negro e seus subjacentes banana, macaco, gorila, sujo, feio, fedido, entre outros, (iii) apresentar casos empíricos da prática de injúria racial e violência simbólica referente ao uso de palavra “negro” e seus subjacentes, na sociedade brasileira e (iv) trazer para o Brasil a percepção dos Africanos, Africanos- caribenhos, Africanos Europeus e Africanos-Americanos sobre as palavras “negro e negritude”.

Assim, com base em objeto, objetivos, problema e hipóteses de pesquisa, este subcapítulo nos leva a descobrir o que os resultados significam em relação a questões de pesquisa, bem como, saber como eles se encaixam na literatura existente. Ora, a análise de conteúdo temático foi subdividida em quatro categorias: (1) Palavra “negro” identidade social (**PNIS**), com duas subcategorias: (i) invenção e atribuição aos “Afros” e (ii) “tentativa” de positivação e autodesignação; (2) Palavra “negro” injúria racial (**PNIR**), com três subcategorias: (i) escravização dos “Afros”, (ii) inferiorização e humilhação dos “Afros” e (iii) Desumanização dos “Afros”; (3) Palavra “negro” violência simbólica (**PNSV**), com uma categoria: (i) nome “negro” e subjacentes: Violência simbólica e (4) Paradoxo da palavra “negro” (**PPN**).

6.1.1 Categoria 1: Palavra “negro” - identidade social (PNIS)

Considerando-se como um dos temas principais, relacionado ao objeto de pesquisa, a primeira categoria tem duas subcategorias, a saber: (i) nome “negro”: invenção e atribuição aos “Afros” e (ii) “tentativa” de positivação e autodesignação.

Convém destacar que, a coleta, a análise e a discussão de dados secundários, seguiram os critérios semânticos e discursivos (expressivos). No critério semântico, os dados foram coletados de dicionários Trévoux (1704) e Richelet (1719), com a análise de conceitos, sentidos e significados da palavra “negro”, enquanto no discursivo (expressivo), analisaram-se as declarações, falas, percepções e sentimentos de diferentes locutores, assim, interligando os conceitos, sentidos e significados da palavra “negro” com a literatura, ou seja, com as citações de diferentes autores. Pois, os dados secundários online, foram coletados de Correio Braziliense, Imprensa da UFSM, Foto Globo, G1 Minas Gerais (2021) e G1 Rio Grande do Sul.

Subcategoria 1- Invenção e Atribuição

Quadro 6 – Subcategoria 1- Nome “negro”: Invenção e atribuição aos “Afros”

SUBCATEGORIA 1: INVENÇÃO E ATRIBUIÇÃO AOS “AFROS”		
Páginas	Citações / Referências	Observações
29	Negro. Se trata também daqueles escravos que nos puxamos da costa da África (TRÉVOUX, 1704)	Negro se trata de escravos africanos
30	NEGRO, s.m. Escravos negros tirados da costa da África (RICHELET, 1719)	Negro se trata de escravos africanos

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Subcategoria 2- “Tentativa” de positivação e Autodesignação

Quadro 7 – Subcategoria 2 – “Tentativa” de positivação e Autodesignação

SUBCATEGORIA 2: “TENTATIVA” DE POSITIVAÇÃO E AUTODESIGNAÇÃO		
Páginas	Citações / Referências	Observações
48	É uma pena nós, negros, termos que falar sobre isso [...]. A minha luta, a luta dos negros, não vai parar. (SANTOS Apud: ESPN Futebol, 2020)	Gerson indigna-se de ser chamado de “negro”, mas, identifica-se como “negro” e chama a sua luta de a luta dos “negros”
43	Nós, membros da população negra entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos (MNU, 1988: 19)	MNU considera como negro todos que têm características da raça negra
100	A Polícia Federal (PF) tenta identificar o responsável por escrever uma frase com ameaça de morte a negros em um banheiro feminino da UFSM. (G1 RIO GRANDE DO SUL, 2018)	A REVISTA G1 afirma que a PF tenta identificar o responsável que escreveu frase com ameaça de morte a negros
101	Estou fazendo isso [...] para todos os negros que estudam em Institutos Federais [...] G1 ITAPETINGA E REGIÃO, 2018)	A estudante fala sobre o assunto para todos os estudantes negros [...]
111	“Eu sou uma mulher negra, usotrançada desde criança, eu tenho raiz africana (JARDIM, Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)	A vítima assume o nome “negro” como sua identidade

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Com frequência, discute-se a respeito da origem da palavra “negro”, em diferentes perspectivas, na sociedade global, inclusive no Brasil. É notório que muitas percepções deste nome tendem a afirmar que se trata de uma autodesignação feita pelos próprios “Afros”, ainda que o nome seja considerado ofensivo e crime de injúria racial e racismo pela legislação vigente.

Nestas duas subcategorias, analisam e discutem-se as questões de sua invenção, atribuição aos povos africanos (no continente e na diáspora), assim como a sua “tentativa” de positivação e autodesignação. Nesse sentido, é fulcral entender o dilema da perpetuação deste nome ofensivo e racista contra os agentes sociais “Afros”.

Podendo-se comparar os conceitos de ambos os autores, no quadro 6, verifica-se que, eles convergem no conceito do nome “negro” como escravo africano. Os resultados mostram que, o nome negro foi inventado e atribuído aos africanos escravizados e colonizados. É possível perceber que, Negro e escravo são sinônimos. Sabe-se que Fanon considera a palavra “negro” como invenção dos Brancos⁵⁰.

Sobre a “tentativa” de positivação e a autodesignação do termo “negro”, os resultados mostram que a maioria dos agentes sociais “Afros”, apesar da indignação ao serem chamados de “negros”, ainda consideram e identificam-se como “negros. Partindo-se do conceito ofensivo e racista do nome “negro”, é possível destacar que isto reforça a ideia de incompatibilidade de “tentar” positivar e autodesignar o nome negro, como indica o quadro 7. Embora os pais da “Negritude” e o MNU fizeram a autonegação e a “tentativa” de positivação do nome “negro” para (re)valorizar os “Afros”, a partir dos resultados, é possível deduzir que, por um lado, o nome negro é usado consciente e explicitamente, na sociedade brasileira em duplo sentido da palavra: identidade social e injúria racial e, por outro de forma não-consciente pela maioria dos cidadãos, por falta de apreensão de seus sentidos e significados encontrados em dicionários.

Razão pela qual é conveniente sublinhar que, o emprego do adjetivo, atributo e substantivo “negro” como “cor, conceito e sujeito social” designa o legado de um contexto escravista, que ainda é presente na consciência coletiva brasileira, para caracterizar os agentes sociais “Afros”, ainda subjugados, inferiorizados, excluídos e dominados. E, por outro lado, o termo negro projeta novos reflexos da escravidão, ou seja, o seu uso na linguagem comum remete (muitas vezes) inconscientemente a essa parte da história, onde a classe dominante “branca” exploraram os descendentes africanos escravizados no Brasil. Essa perspectiva vai em consonância com a de muitos autores “Afros”, que se posicionam contra a “Negritude”.

⁵⁰ Mbembe, (2018, pp. 28, 81, 88); Fanon, (2008, p. 15).

Depreende-se, ao analisar essas informações que, apesar da revolta e indignação ao serem chamados de negros, é possível observar que algumas vítimas se identificam como tais e outros positivam e objetivam o termo “negro”, além de afirmarem o seu pertencimento a categoria étnica “negro”, evidentemente, ao se expressar, isto pode assumir forma de emoções corporais, como afirma Bourdieu Bourdieu (2003, p. 47, 49). Por outro lado, os locutores, provavelmente, da categoria exógena, identificam a(s) vítima(s) de “negros”.

Portanto, com a demonstração dos resultados obtidos, caracteriza-se a possível falta de apreensão de sentidos e significados do nome “negro” da parte da maioria dos agentes sociais de grupos endógenos e exógenos. Quanto a “tentativa” de positivação e autodesignação do nome “negro”, as informações mostram que os dois processos têm reforçado o racismo, ou seja, a ancoragem, a disseminação e a perduração do nome “negro” na consciência coletiva. Realmente, isto denota a ideia de que, com a “tentativa” de positivação e a autodesignação da palavra “negro”, os pais da negritude e o MNU⁵¹ não tenham prestado atenção aos conceitos ancorados em dicionários. Outrossim, a aceitação mecânica⁵² do nome “negro⁵³” pelas próprias vítimas de injúria racial, ou seja, por grande parte da população afrodescendente, normaliza, naturaliza e legitima ambas a violência simbólica e a dominação dos “Afros.

⁵¹ Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça” e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação. (DOMINGUES, 2007, p. 101-102)

⁵² Segundo Bourdieu (2006) esta situação assimétrica é uma “violência simbólica” que, por sua vez, é um mecanismo de dominação social, onde um grupo social dominante impõe aos outros dominados, escolhas, comportamentos, opiniões, práticas, crenças, pensamentos, assim em diante, tornando-os naturais, normais, universais e legítimos. O poder simbólico é, portanto, particularmente pernicioso porque ele é “internalizado”. Parece mais natural do que a violência física ou psicológica. Contribui assim para que todos considerem legítima esta forma de dominação.

⁵³ O ser negro no Brasil é resultado de uma construção social impregnada por ideologias racistas, sem consistência biológica. Os ‘cabeças pensantes’ da sociedade, fazendo uso da ciência e da produção acadêmica – sempre dinâmicas e que têm como desígnio acompanhar as mudanças e transformações da sociedade na busca por atender às necessidades sociais, políticas e econômicas de seu tempo – são os responsáveis pela produção ideológica e por sua manutenção. Como nos explica Geertz, a ideologia também é uma resposta às tensões criadas em nossas sociedades. [...]. Para entendermos as transformações e o processo de criação do negro brasileiro, temos que nos transportar para a Europa do século XVIII e entender como os negros da África foram percebidos e interpretados pelos brancos europeus, pois esse contato foi fundamental para a criação de teorias que fundamentam o conceito de ‘raça’. A criação do conceito de raças, ou seja, de uma humanidade dividida por raças distintas, nasceu na Europa Ocidental, ganhando força científica já no século XVIII. Os cientistas procuraram criar teorias que sustentassem a idéia de uma humanidade dividida hierarquicamente por raças. (PEREIRA, 2010, p. 79-80)

6.1.2 Categoria 2: Palavra “negro” - Injúria racial (PNIR)

Fundamentado no problema e no objeto de pesquisa, esta categoria está subdividida em três subcategorias, a saber, (i) escravização dos “Afros”, (ii) inferiorização e humilhação dos “Afros” e (iii) desumanização dos “Afros”. Portanto, nesta categoria, foram seguidos critérios semânticos e discursivos.

No critério semântico, os dados foram coletados de dicionários Trévoux (1704), Richelet (1719) e Priberam (2006), com a análise de conceitos, sentidos e significados da palavra negro; enquanto, no discursivo ou expressivo, os dados secundários foram coletados de sites online, a saber, Correio Braziliense, Imprensa da UFSM, Foto Globo, G1 Minas Geraise G1 Rio grande do Sul. Assim, analisaram, descreveram e discutiram-se as declarações, falas, sentimentos e percepções de diferentes locutores; com a interligação da palavra negro e seus subjacentes (banana, cabelo duro, fedido, macaco, pobre, preto). Pois a discussão foi ampliada em diálogo com a literatura sobre a palavra “negro”.

Subcategoria 1 – Escravização dos “Afros”

Quadro 8 – Subcategoria 1 – Escravização dos “Afros”

ESCRAVIZAÇÃO DOS “AFROS”		
Páginas	Citações / Referências	Observações
29	Negro [...] escravos que nos puxamos e que vendemos [...] (TRÉVOUX,1704)	Negro se trata de escravos, vendidos nas ilhas de América
30	Escravos negros que são tirados da costada África e vendidos nas Ilhas de América para o cultivo do país, e no continente para trabalhar em minas e fábricas de açúcar (RICHELET,1719)	Escravos são negros tirados da África e vendidos [...]
30	Negro adj. ANT. Escravo; homem que trabalha muito.(RIOS, 2018, p.364)	Negro é escravo que trabalha muito
30	Diz-se de ou escravo de pele escura(PRIBERAM, 2006)	Negro é escravo de pele escuro

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Referente a escravização dos “Afros”, as informações registradas dos quatro dicionários conceituam o “negro” como escravo. Além do mais, os conceitos indicam a origem e o destinos destes escravizados africanos, respectivamente, como África e continente (África). Portanto, pode se observar que o nome “negro” se trata de escravos vendidos nas ilhas de América; negros são escravos tirados da África; “negro” é escravo que trabalha muito e “negro” é escravo de pele escuro. Essa sinonimização de negro e escravo, também, foi constatada por vários autores como (*Bibliothèques Municipales de la Ville de Genève*” (1704), Delesalle & Valensi (1972, pp. 2, 71, 82, 84), Mbembe (2018, p. 73, 88).

Assim sendo, é possível afirmar que o nome “negro” é intrinsecamente ligado ao substantivo “escravo”, pois, embora o sistema não exista mais, mas, é possível falar da

retrospeção do sistema nas estruturas sociais e mentais da sociedade atual, em que os “Afros” são, geralmente, subjugados, inferiorizados e marginalizados, como reflexo da escravidão mental e psicológica.

Subcategoria 2 – Inferiorização e humilhação dos “Afros”

Quadro 9 - Subcategoria 2 – Inferiorização e humilhação dos “Afros”

INFERIORIZAÇÃO E HUMILHAÇÃO DOS “AFROS”		
Páginas	Citações / Referências	Observações
99	[...] a menina chegou em casa chorando na última segunda- feira e contou que a monitora não quis lavar o cabelo dela. [...] a monitora a deixava tomar banho sozinha (BERTONI Apud: CORREIO BRAZILIENSE, 2017)	A monitora disse para a criança “o cabelo dela é duro” e a deixava tomar banho sozinha
100	Esses pretos fedidos vão morrer (IMPrensa DA UFSM)	Os “Afros” são chamados de fedidos
103	Fede a chorumen; Mano, a Fatou usa sutiã? Escravo n pode; ela n é gente; negro é dinheiro negativo; Dou dois índios por uma africano; Um negro vale uma bala (G1, R2020, transcrição original)	[...] Mano, a Fatou usa sutiã? Escravo n pode; ela n eh gente; negro é dinheiro negativo [...]
104	O goleiro [...] foi insultado [...] de macaco (CORREIO BRAZILIENSE, 2021)	O goleiro foi chamado de “macaco”
104	Celsinho relatou ter sido chamado de “macaco” (OBSERVATÓRIO (2021))	O jogador Celsinho foi chamado de “macaco”
105	Em depoimento, Gabigol diz que foi chamado de macaco no Fla x Flu (ESPN, 2022)	O jogador Gabigol foi chamado de macaco
107	“Negro Safado! “Negro, pobre” (FONTE: FOTO TV GLOBO)	Negro foi chamado de safado e pobre
108	“Uau, macacos falantes”. (PEREIRA Apud: REVISTA G1 MG, 2021)	Os “Afros” foram chamados de macacos falantes.
109	O mesmo professor, de novo, foi vítima de injúria racial e tentativa de homicídio, que aconteceram [...] no dia da Consciência Negra (G1 Sorocaba e Jundiá, 2019)	O professor Juarez, de novo, foi vítima de injúria racial e tentativa de homicídio,
110	[...] ele falou que ‘não carrega preto no carro, muito menos uma preta, vagabunda (G1 MG, 2021)	O motorista recusou levar Nazaré e achou de “preta, vagabunda”
111	[...] ele me entregou duas bananas na mão [...] ‘ué, tu não é macaco? (G1 RS, 2021 - transcrição original)	O cliente ofereceu bananas como forma de pagamento e chamou o frentista de descendente de macacos

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Depreende-se a partir dos resultados que, atos, gestos, atitudes, discursos, falas e declarações inferiorizantes e humilhantes contra as vítimas, que são os agentes sociais descendentes ou ascendentes africanos. Além disso, observa-se, claramente, os seguintes: Em primeiro lugar, no espaço socio-educativo, a monitora recusou de dar banho a criança devido ao seu cabelo que ela chamou de “cabelo duro”; estudantes e professores “Afros” da UFSM são chamados de “esses fedidos vão morrer”; a lua senegalesa foi humilhada no grupo de WhatsApp da sua turma com palavras como: Fede a chorumen; Mano, a Fatou usa sutiã? Escravo n pode; ela n é gente; negro é dinheiro negativo; para comprar um negro. Pois

observou-se que a palavra macaco, geralmente, usada nos espaços desportivos, é a mais empregada na prática de injúria racial contra os “Afros”.

Em segundo lugar, palavras como banana, negro pobre, negro fedido, negro vagabundo são também usadas. As informações revelam as palavras subjacentes usadas de forma metafórica, palavras sinónimos da palavra negro e expressões formadas com a palavra negro, que expressam o mesmo sentido e significado e transmitem a mesma mensagem ofensiva. Em terceiro lugar, no espaço virtual vê-se que os agentes sociais “Afros” são atacados, ofendidos, inferiorizados, humilhados e chamados de macacos falantes, esses “negros safados, negros pobres, macacos falantes”. Enfim, no espaço social, os resultados sugerem a prática de injúria racial, violência simbólica e violência física contra o professor Juarez e O cliente Branco ofereceu duas bananas e chamou o frentista de descendente de macacos.

É importante sublinhar que, essas observações e considerações, também, foram feitas por outros autores, por exemplo, Gide (1926, p. 130), Mbembe (2018, pp. 19, 131)”, Munanga (1986, p. 37) e Fernandes (2008, p. 354) e Treps (2017) apontam que, o agente social com descendência ou ascendência africana é frequentemente retratado⁵⁴ de feio, sujo, inferior, burro, etc. Sobre a inferiorização e humilhação dos “Afros”, é possível afirmar que os pensamentos dos autores supracitados estão em consonância com os fatos empíricos e os resultados obtidos. Aglutinando-se os conceitos destes autores à realidade social sobre a injúria racial contra “Afros”, pode se afirmar que os dados indicam que as vítimas dessa prática são humilhados, indignados e inferiorizados.

Subcategoria 3: Desumanização dos “Afros”

Quadro 10 - Subcategoria 3 - Desumanização dos “Afros”

DESUMANIZAÇÃO DOS “AFROS”		
Páginas	Citações / Referências	Observações
29	Um peixe que pega pedras nas costas da América [...] daqueles escravos que nós puxamos da costa da África e que vende-mos nas Ilhas da América para o cultivo do país e no continente para trabalhar em minas, fábricas de açúcar, etc. (TRÉVOUX, 1704)	Negro é um peixe que apanha pedras; se trata também daqueles escravos que nos puxamos da costa da África e que vendemos [...] para trabalhar em minas, fábricas de açúcar, etc.
29	Um peixe que pega pedras nas costas da América. Nós o chamamos de negro porque ele tem a cabeça preta. Parece atença (TRÉVOUX, 1704)	Negro é considerado de peixe [...] parece atença

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

⁵⁴ “[...] Na mídia somos sempre ladrões, pessoas perigosas, ignorantes, analfabetas, sujos, pobres, infelizes, ou seja, somos sempre pessoas com uma negatividade de vida... Bom, eu não sou nada disso. Nem as pessoas que eu conheço... Meus amigos estudam, trabalham e tem posições de cargo médio nas empresas” (E32, mulher, 37 anos, promotora de eventos, superior incompleto). “[...] O negro é visto na mídia como sujo, feio, inferior, marginal ou traficante. Na série Cidade dos Homens, os personagens vivem na miséria ou na favela, sempre rodeados por perigos. Até tem negro assim. Mas não são todos” (E3, mulher, 36 anos, bancária, superior incompleto). (ACEVO & NOHARA, 2008, p. 133)

Quadro 10 - Subcategoria 3 -Desumanização dos “Afros” (continua)

30	Peixe que se apanha nas rochas da costa da América. [...]Escravos negros que são tirados da costa da África e vendidos[...] para o cultivo do país, e no continente para trabalhar em minas e fábricas de açúcar (RICHELET, 1719)	Negro é um peixe que se apanha nas rochas da costa da América; Escravos negros que são tirados da costa da África e vendidos [...]para trabalhar em minas e fábricas de açúcar
30	Ter o corpo negro de pancadas [...] muitas vezes para designar plantas, animais, etc. Porco, sujo, imundo, enxovalhado; (VIEIRA, 1873)	Ter o corpo negro de pancadas [...] muitasvezes para designar plantas, animais, etc. Porco, sujo, imundo, enxovalhado
30	Fúnebre (PRIBERAM, 2006)	Negro é fúnebre
30	Peixe que se apanha nas rochas da costada América. Nós o chamamos assim porque ele tem uma cabeça preta(RICHELET, 1719)	Negro é considerado de peixe e temcabeça preta
103	Fede a chorumen; Mano, aFatou usa sutiã? Escravo n pode;ela n é gente; negro é dinheiro negativo; para comprar um negro, só com outro negro msm;Quando mais preto, mais preju; Dou dois índios por um africano; Um negro vale uma bala (G1, RJ:2020, transcrição original)	[...] Mano, a Fatou usa sutiã? Escravo n pode;ela n eh gente; negro é dinheiro negativo [...]
104	O goleiro [...] foi insultado [...] de macaco(CORREIO BRAZILIENSE, 2021)	O goleiro foi chamado de “macaco”
104	Celsinho relatou ter sido chamado de “macaco”. (OBSERVATÓRIO (2021)	O jogador foi chamado de “macaco”
108	(UAAAAAU MACACOS FALANTES) (FONTE: G1MG)	As vítimas chamadas de macacos falantes
109	O mesmo professor, [...] foi abordado pelo agressor, que o chamou de “macaco”. [...] (G1 SOROCABA E JUNDIAÍ, 2019)	O professor Juarez foi chamado de macaco

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

A desumanização dos “Afros” implica com animalização e coisificação. Depreende-se no quadro acima, a atribuição de substantivos e adjetivos como: peixe,porco, sujo, macaco, imundo, enxovalhado, dinheiro negativo e mais. Os resultados da análise temática com critérios semântico e discursivo convergem com as citações de Mbembe (2018, p. 28) e Munanga (1986, p. 37).

Ademais, o que confere o estatuto de desumanização, animalização, coisificação e humilhação está na fala de Montesquieu ao negar a existência da alma no corpo dos “Afros”, como apontado por Mia- Musunda (1976, p. 19) e Diderot (1765). Por outro lado, vê-se que, a palavra “negro” foi criada para despojar as pessoas de sua humanidade”, como afirmam Angelou (In: WHITAKER, 2013) e Jeshion (2018, p. 77- 78). De fato, as informações coletadas dos três dicionários são, praticamente, homogêneas, ou seja, a análise do nome “negro” em Trevoux (1704), Richelet (1719) e Vieira (1973) convergem em seus conceitos, sentidos e significados. No entanto, o ano de publicação não influencia negativamente a coleta e a análise de conteúdo semântica da palavra “negro” devido a sua repercussão do século XVIII ao século XXI, em dicionários, que são a memória coletiva da sociedade.

Contextualizando-se a questão da desumanização dos “Afros” na sociedade brasileira corrente, é possível dizer que ela é determinada a partir de condições de existência e tratamento

dado a este grupo populacional. Condições social, econômica, psicológica e outras desastrosas. Em muitos dicionários e livros didáticos do século XXI, os descendentes africanos são desumanizados, por meio de conceitos, palavras, símbolos e ilustrações. O fato de vê-las apenas como corpos, objetos e animais, como demonstram os resultados, transmite muitas mensagens racistas, cuja desumanização é a principal.

Do mesmo modo, pode-se dizer que, a presença ou a ancoragem intata de conceitos, sentidos e significados do termo “negro” por mais de cinco séculos em dicionários, também, dissemina a prática de injúria racial e violência simbólica na sociedade, através do sistema educacional. Realmente, a desumanização dos “Afros” não perpassa exclusivamente a esfera da ação consciente, mas também ocorre de forma não-consciente, como já foi ressaltada. Geralmente, ela é condicionada e reforçada durante a socialização dos agentes sociais, no sistema educacional⁵⁵.

Desta maneira, recapitulando-se este sub-capítulo, os resultados sugerem, claramente, que a palavra “negro” é uma injúria racial. Isto vai em consonância com a legislação brasileira, que a considera, também, como tal. Inegavelmente, o termo “negro” é intrinsecamente ligado a configurações do capitalismo primitivo, a saber, a escravidão e o colonialismo. Ao nos depararmos com os resultados, observou-se que o termo “negro” é sinónimo de “escravo africano”, ou seja, retrospectivamente, o termo foi criado como um símbolo linguístico de representação negativa das populações africanas escravizadas e colonizadas.

Com efeito, os resultados, também, indicam que, a despeito de mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas, acadêmicas, religiosas e mais, o termo “negro” como conceito e “sujeito social” ainda continua ancorado nas estruturas mentais e sociais da sociedade brasileira. Em termos mais claros, o fim da escravidão não disvinculou a percepção e as representações sociais dos “Afros” na sociedade brasileira. Assim, poder-se-á dizer que, o sujeito social “Afro” ainda é visto, social e psicologicamente, como um escravo. Isto se faz sentido pela sua classificação, inferiorização, humilhação, desumanização e marginalização no Brasil.

⁵⁵ Segundo Bourdieu (1970), a reprodução do sistema de ensino como instituição relativamente autônoma permite a reprodução da cultura dominante, e essa reprodução cultural reforça como poder simbólico a reprodução contínua das relações de força no seio da sociedade [...] defendem esta tese com um rigor e um esforço de conceptualização teórica raramente iguais nas pesquisas sociológicas contemporâneas. Para (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, p. 17), a educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.

6.1.3 Categoria 3: Palavra “negro” - violência simbólica (PNVS)

Foram realizados nas categorias precedentes a apresentação de conteúdo, a análise e discussão de achados de pesquisa. Portanto, as três (3) primeiras categorias são condensadas nesta categoria, que trata da violência simbólica. Para tanto, a categoria tem como foco, apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos sobre as sensações, os sentimentos, as reações, os pontos de vista e mais, a partir de discursos de diferentes locutores “Afros”, que são vítimas de injúria racial referente ao emprego de palavras negro, cabelo duro, macaco, banana, negro fedido e outras; além de outras palavras metafóricas, atitudes e ações racistas, intrinsecamente ligadas ao nome “negro”.

Desta forma, foram coletados os dados secundários, ou seja, falas, declarações, discursos e entrevistas de diferentes locutores, de Jornal o Povo, Correio Braziliense, G1 Rio de Janeiro, Observatório, ESPN, G1 Rio Grande do Sul e G1 Minas Gerais. Ora, esta categoria tem uma subcategoria, a saber: (i) nome “negro” e seus subjacentes: Violência simbólica

Subcategoria 1 - Nome “negro” e seus subjacentes: Violência simbólica

Quadro 11 - Subcategoria 1- Nome negro e seus subjacentes: Violência simbólica

NOME NEGRO E SEUS SUBJACENTES: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA		
Páginas	Citações / Referências	Observações
44	A mulher ainda disse que não era “obrigada a ser atendida por um “negro” e que ter um funcionário “negro” mancha a imagem da lanchonete (JORNAL O POVO, 2020)	A mulher não quis ser atendida por um garçom negro e ter um funcionário “negro” mancha a imagem da lanchonete
99	Desde então, a pequena se recusa a ir à escola e pede para uma tia [...] para alisar os cachos. [...] a monitora deixava tomar banho sozinha, enquanto as outras crianças tinham total apoio da equipe. (BERTONI Apud: CORREIO BRAZILIENSE, 2017)	A criança recusou de ir à escola; pediu para alisar seu cabelo; tomava banho sozinha na escola
102	Negras fedem (Foto Juarez)	Negras fedem
102/103	[...] Foi uma coisa que me deixou bastante indignada e triste (SANTOS APUD: G1RJ, 2020)	A aluna senegalesa se sentiu bastante indignada e triste
103	Negro é dinheiro negativo; negro vale uma bala (REVISTA G1 RJ, 2020)	Negro fede, não usa sutiã, é escravo, não é gente, é dinheiro negativo, mais preto mais preju;
107	Negro safado; negro pobre (FOTO TV GLOBO)	Negro safado; negro pobre
99	[...] a menina chegou em casa chorando na última segunda-feira e contou que a monitora não quis lavar o cabelo dela. [...] a monitora deixava tomar banho sozinha (BERTONI Apud: CORREIO BRAZILIENSE, 2017)	Chamada de “Cabelo duro”; a menina chegou em casa chorando [...] não quis mais ir a escola [...]

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Quadro 11 - Subcategoria 1- Nome negro e seus subjacentes: Violência simbólica (continua)

SUBJACENTES DO NOME “NEGRO”: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA		
Páginas	Citações / Referências	Observações
100	Esses pretos fedidos vão morrer (G1 RIO GRANDE DO SUL, 2018).	Esses “pretos fedidos” vão morrer
101	[...] e encontrei quatro bananas dentro da mesma, e estava ao lado de outra mochila idêntica a minha e a única diferença é que a minha estava com uma garrafa de água de lado fazendo assim um ataque pessoal	A aluna foi pegar a sua mochila no banco da faculdade (Instituto Federal de São Paulo-Campus Avaré) e encontrou dentro da mesma quatro bananas, que ela considerou como ataque pessoal
104	O goleiro [...] foi insultado [...] de macaco (CORREIO BRAZILIENSE, 2021)	O goleiro foi chamado de “macaco”
107	É porque eu sofri isso (racismo) na Ucrânia. Senti como é. Não sou só eu que sofro. Há pessoas que sofrem isso no dia a dia. Tem milhões de pessoas que sofrem isso e sempre defenderei porque senti na pele (TAISON, In: OBSERVATÓRIO, 2021)	O jogador Celsinho foi chamado de “macaco”. É porque eu sofri isso (racismo) [...] Há pessoas que sofrem isso no dia a dia. Tem milhões de pessoas que sofrem
105	Um torcedor ofende Gabriel Barbosa ao menos duas vezes de “macaco” [...]. Em depoimento, Gabigol diz que foi chamado de macaco no Fla x Flu e faz desabafo: ‘Indignação, revolta e muita tristeza’ (ESPN, 2022)	O jogador Gabigol foi chamado de “macaco”; e faz desabafo: ‘Indignação, revolta e muita tristeza’
103	Escravo n pode; ela n é gente; negro é dinheiro negativo; (G1, RJ: 2020)	Escravo n pode [...] negro é dinheiro negativo
	Durante a conversa sobre o tema, uma pessoa comentou “Uau, macacos falantes” [...]. Uma dor e impotência, uma angústia, [...] não estou preparado para ser atacado. Quando isso acontece, sinto a dor [...] (PEREIRA Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)	“Uau, macacos falantes”. Dor e impotência, uma angústia, sinto a dor.
100	Depois ele falou que era por causa das Tranças que estavam ‘diferente’ [...] minha tranças [...] fazem parte da minha identidade pessoal (JARDIM Apud: G1 MINAS GERAIS, 2021)	Jardim foi recusada o atendimento por causas das tranças que eram diferentes
111	Quando eu terminei de atender, ele me entregou duas bananas na mão [...] E ele respondeu: ué, tu não é macaco? Tu não é descendente de macaco? [...] O frentista disse ter ficado “sem reação” [...] “Foi muito dolorido, sabe? Ter que passar por isso. É um peso muito grande que a gente carrega nas costas” (G1 RIO GRANDE DO SUL, 2021)	Pagamento de duas “bananas”; frentista chamado de “macaco”, “descendente de macaco”. O frentista disse ter ficado “sem reação” [...] “Foi muito dolorido, sabe? Ter que passar por isso. É um peso muito grande que a gente carrega nas costas”

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação (2022)

Registra-se, nos dois quadros, a prática de injúria racial, violência simbólica e racismo, utilizando-se subjacentes da palavra “negro”, a saber, “macaco”, “banana”, “cabelo duro”, “pretos fedidos”, “escravo” e “dinheiro negativo”.

No entanto, registram-se nesses discursos, atitudes, atos, ações e comportamentos que causam baixa autoestima, indignação, tristeza, angústia, dor e mais à vítimas “Afros” e categoria étnica “Afro-brasileira”. Algumas dessas manifestações são: a menina de quatro anos chegou em casa chorando [...] não quis mais ir a escola; a estudante que encontrou bananas na mochila disse que foi um ataque pessoal.

Por outro lado, os jogadores Taison e Gabigol manifestam o sentimento de sofrimento, indignação, revolta e muita tristeza. Enfim, o frentista disse ter ficado “sem reação” e foi muito dolorido para ele ter que passar por isso, foi um peso muito grande que a gente carrega nas

costas. Isto é violência simbólica porque mexe com a mente, a personalidade e a imagem de vítimas. Por outro lado, a prática da injúria racial e a da violência simbólica vão de par, pelo fato de que os atos perlocutórios, ou seja, as reações causadas pelo emprego de palavras, gestos, atitudes e atos racistas causam reações, que constituem a violência simbólica, que de forma tácita expressa a inferiorização e dominação dos agentes sociais “Afros”.

Pois esta constatação foi feita por Bourdieu (2003, 2012,) ao afirmar que a violência simbólica é, geralmente, uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas. Desta maneira, dificilmente, as vítimas compreendem esta violência exercida contra elas, porque ela se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e expressa a lógica da dominação. Uma vez que, todos os resultados obtidos no capítulo 6 afluem nesta subseção terciária, a saber, palavras negro e seus subjacentes: violência simbólica.

De forma geral, os resultados indicam que, os relatos de vítimas de injúria racial referente ao substantivo “negro” e seus subjacentes geram vários efeitos negativos, sobretudo, do ponto de vista psicológica, mental e emocional. A maioria das vítimas relatam questões de indignação, tristeza, falta de auto-estima, raiva, dor, angústia, vergonha, humilhação, indignação, sofrimento mental e psicológico, revolta e mais, após ter sido ofendido de “negro, macaco, sujo, feio, cabelo duro, banana, pobre, descendente de macacos, dinheiro pobre entre outros.

Deste modo, com base no conceito de violência simbólica de Bourdieu, foi possível depreender e afirmar que todos os relatos de vítimas de injúria racial são, de fato, uma prática de violência simbólica, que se exerce através de corpos, gestos, comportamentos, atitudes e falas, ou seja, na linguagem verbal⁵⁶. Além do mais, ela se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante e os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de *emoções corporais* — vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa (BOURDIEU, 2003, p.p. 47, 49). Isto é quando as vítimas de injúria racial, apesar de serem ofendidos de “negros” e manifestarem o sentimento de indignação, las ainda continuam se identificando como “negros”.

⁵⁶ A linguagem é uma das manifestações mais próprias de uma cultura. Longe de ser apenas um veículo de comunicação objetiva, ela dá testemunho das experiências acumuladas por um povo, de sua memória coletiva, seus valores. A linguagem não é só denotação, é também conotação. Nos meandros das palavras, das formas usuais de expressão, até mesmo nas figuras de 10 linguagem, freqüentemente alojam-se, insidiosos, o preconceito e a atitude discriminatória. Há palavras que fazem sofrer, porque se transformaram em códigos do ódio e da intolerância. (CARDOSO, Apud: BRASIL, 2005, p. 9-10)

6.1.4 Categoria 4: Paradoxo da palavra “negro” (PPN)

Baseado no objeto de pesquisa, a categoria quatro trata do paradoxo da palavra negro, com os dois temas centrais da pesquisa, a saber, palavra negro como identidade social e palavra negro como injúria racial, já discutida na primeira categoria. Portanto, nesta categoria, também, foram seguidos os mesmos critérios expressivos (discursivos) e semântico de categorias 1 e 2; assim como os dados teóricos e secundários para a análise e a discussão de resultados foram obtidos da literatura, ou seja, de dicionários Trévoux (1704), Richelet (1719), Priberam (2006) e Rios (2018) e dados secundários sobre as declarações, os discursos e as falas de diferentes locutores a partir de fontes jornalísticos, online.

Como consequência de categorias 1 e 2, verifica-se que, 99% de locutores empregaram a palavra negro de forma paradoxal:

1. Após ser chamado de negro, Gerson disse: “é uma pena nós, negros, termos que falar sobre isso [...] é nojento conviver com o racismo [...]. A minha luta, a luta dos negros”.
2. A escritora Evaristo fala da posituação da negatividade da palavra negro ao dizer que, “assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. [...] foi criada uma semântica de positividade”.
3. A mulher que recusou ser atendida por um garçom “Afro” disse: “não era “obrigada a ser atendida por um “negro” [...] funcionário “negro” mancha a imagem da lanchonete.
4. O professor Juarez, apesar da pichação encontrada no banheiro da UNESP, onde está escrito “negras fedem, UNESP cheia de macacos, etc.”, ainda usa a palavra negro para identificar os “Afros”: “tinha menos negros nas universidades [...] professores, alunos e gestores negros eram poucos”.
5. A Revista G1 Sorocaba e Jundiaí emprega a expressão “dia da consciência negra” se referindo ao professor Juarez: “foi vítima de injúria racial [...] no dia 20 de novembro de 2019, dia da Consciência Negra, [...] o chamou de “macaco”.

É importante que o nome “negro” seja considerado o cerne da injúria racial, que se manifesta, também, através de várias expressões subjacentes, intrinsecamente. Assim, pode se observar que ao serem chamados de “negros, macacos, bananas e outras, as vítimas ainda se consideram como “negros”. Portanto, este paradoxo pode ser caracterizado em dois aspectos: o individual e o estrutural.

Ademais, os resultados, também, sugerem dois aspectos, que podem ser considerados como fundamentais na perduração do paradoxo da palavra “negro” na sociedade brasileira.

O primeiro aspecto do paradoxo da palavra “negro” é individual, ou seja, tem a ver com o “sujeito social” de qualquer categoria étnica.

Os resultados nos revelam que, quase 95 % de locutores, vítimas de injúria racial, se indignaram ao serem chamados e considerados de “negros” e paradoxalmente, eles continuam se identificando como “negro”. Do ponto de vista ontológico, é difícil compreender como um agente social se identificar com um nome humilhante e desumanizante! Por isso argumenta-se que, a autodesignação e a “tentativa” de positivação do nome “negro” serviu de mascarar a injúria racial expressa pelo mesmo. Assim, as próprias vítimas se tornam veículos inconscientes do racismo e da injúria racial como apontam Oliveira & Paiva (1998, p. 111). Consequentemente, o paradoxo da palavra “negro” do ponto de vista individual culmina com o paradoxo no aspecto estrutural.

O segundo aspecto do paradoxo da palavra “negro” é o institucional ou estrutural. Ao declarar que o mesmo professor [...] foi vítima de injúria racial [...] no dia 20 de novembro de 2019, dia da Consciência Negra, [...] foi abordado pelo agressor, que o chamou de “macaco”. A Revista G1 Sorocaba e Jundiaí (2019) fazem emprego da expressão “consciência negra” de forma estrutural. Nessa linha, expressões como mercado negro, lista negra, ovelha negra, negritude, magia negra, viúva negra, futuro negro, ovelha negra, cadastro negro e outras levam com elas o sentido de que algo está errado ou ruim e são intrinsecamente ligadas aos sujeitos sociais “Afros” e assim, facilitam a disseminação da injúria racial e a perduração do paradoxo da palavra “negro”, assim como do racismo estrutural.

Por outro lado, a aceitação, a normalização, a naturalização, a objetivação, a autonomação e a “tentativa” de positivação da palavra “negro” reforçam e perduram a existência do paradoxo do nome “negro”, assim como o racismo estrutural. Nessa linha de raciocínio, destacando-se a declaração da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, segundo a qual, fizeram-se o esvaziamento negativo da palavra “negro”, que era sempre usada no sentido negativo ou pejorativo e a autonomação da mesma, que resultou na criação da sua semântica de positividade, é possível afirmar que, baseando-se em informações ou dados coletados e realidade empírica parece contradizer esta afirmação. Pois após quase cinquenta (50) anos desde “o suposto esvaziamento da negatividade do nome negro” e a sua “suposta positivação” na década de 1970, indubitavelmente, não se tem observado a transformação social a respeito do termo “negro como conceito” e “negro como sujeito social”.

Outrossim, em conformidade com a realidade empírica, como já foi destacado, o emprego do termo “negro” apesar de não ser legal, ou seja, não estar estipulado na Carta Magna de 1988, ele é usado de forma estrutural, pois, isto pode se verificar nos discursos políticos, sociais, acadêmicos, religiosos, midiáticos e mais. Sem dúvida, os sujeitos sociais empregam o termo “negro” sem nem se quer pensar que o mesmo termo é considerado como crime de injúria racial e racismo. Isto é um paradoxo, ou seja, é contraditório uma

denominação identitária de uma categoria étnica ser ao mesmo tempo considerada como uma denominação depreciativa e como crime de injúria racial e racista. Ora, lógico e intelectualmente, é possível depreender a tese defendida ao longo deste trabalho.

Todavia, é interessante destacar que a escritoria Evaristo e os seus pares do MNU reconheceram a negatividade da palavra “negro” ao afirmar que eles tinham o trabalho de esvaziar a negatividade da palavra “negro” e criar a semântica de positividade, tarefa que, provavelmente, deveria ser feita, seguindo o eixo proposto por Pierre Bourdieu sobre a revolução simbólica. Logicamente, a palavra “negro” tem permanecido ofensiva, inferiorizante, desumanizante e racista, embora diversos agentes sociais, intelectuais, políticos e movimentos sociais ainda consideram o contrário. O que se assemelha a ignorância ou negação do racismo estrutural no Brasil.

Recapitulando-se esta etapa, pode se afirmar que a análise qualitativa de dados, ou seja, a análise de conteúdo³⁹, nos permitiu o estudo de entrevistas (fala, percepções, sentimentos etc.) de vítimas de injúria racial e seus parentes, em alguns casos. Foi necessário transcrever estes dados, dando-se uma grade de análise, codificar as informações coletadas e processá-las. Além disso, a análise nos permitiu descrever o material coletado e explorar os sentidos e significados do conteúdo.

Por conseguinte, a análise semântica embasada em dicionários foi fundamental na medida em que ela nos mostrou que apesar de diferença de anos de publicações, pensamentos sociais e contextos social, cultural, econômico, político, religioso e histórico diferentes, após seis séculos, não têm tido emenda aos conceitos, sentidos e significados do termo “negro” nesses dicionários consulados. Em suma, os resultados obtidos neste capítulo indicam que a injúria racial e a violência simbólica praticadas, no âmbito do uso do termo “negro”, de seus subjacentes e outras expressões racistas, contra os “Afros” são particularidades do racismo, que se pratica em todas as esferas e camadas da sociedade brasileira.

No entanto, a análise de conteúdo temático, com critérios semântico e discursivo nos revelou que o nome “negro” foi inventado sob forte interferência de sistemas de capitalismo escravista, escravidão e colonialismo e se perpetuou na sociedade brasileira ao longo de séculos, como herança racista escravista e colonial. Com efeito, pode se afirmar que, a injúria racial praticada contra os “Afros” no âmbito do uso do nome “negro”, tenha reflexos do racismo, que são a discriminação racial, o preconceito de marca, a diferenciação social, a desumanização, a marginalização e a inferiorização dos “Afros”.

7 PROPOSTAS DE MEDIDAS POLÍTICAS, LEGISLATIVAS E JURÍDICAS

Segundo a teoria da separação de poderes, o Estado, na atuação de seu poder, exerce três funções distintas, quais sejam, a função legislativa, a função executiva e a função jurisdicional. A função legislativa do Estado corresponde à fixação, em lei, da vontade dos representantes do povo, prescrevendo comandos jurídicos em termos gerais e abstratos, aplicáveis a todos os cidadãos de uma determinada comunidade política, conforme definição do texto-base. Já as funções jurisdicional e administrativa corresponderiam à aplicação da legislação aos concretos. No entanto, a função jurisdicional pressuporia um conflito de interesses ou litígio, com a atuação do Estado-Juiz como terceiro imparcial e inerte, uma vez que atua apenas após provocação pelos interessados no conflito, que daria o direito do caso concreto. Por sua vez, a função administrativa seria uma função de aplicação do direito a casos concretos em que a Administração é uma das partes interessadas, com capacidade de agir de ofício, sem necessária imparcialidade, cujos atos poderiam ser revistos pelo órgão encarregado da função jurisdicional, desde que provocado pelo interessado. (ACUNHA, 2013, p. 21)

Reitera-se que este capítulo trata das propostas de medidas políticas, legislativas e jurídicas que têm como origem os problemas causados pelo termo “negro” na sociedade brasileira, com intuito de buscar soluções adequadas sobre a denominação identitária “negro”, que nos parece paradoxal, ou seja, por um lado, “negro” como denominação identitária e por outro, “negro” como injúria racial, crime de injúria racial e racismo.

Portanto, a partir dos resultados obtidos, que culminaram com este capítulo, estas propostas de medidas tanto políticas, legislativas quanto jurídicas podem ser fundamentais, substancialmente, para atender a necessidade expressa por meio de falas, sentimentos, discursos e percepção da sociedade corrente, acima de tudo, da nova geração de Brasileiros descendentes africanos que, de uma forma ou de outra, questionam o emprego oficial da palavra “negro” nas instituições de Estado Brasileiro, por exemplo, em fichas, atestados e documentos do Ministério de Saúde, que classifica e categoriza os descendentes africanos de “negros” quando se trata de raça, cor, grupo étnico ou classificação étnico racial.

Ademais, elas podem ser adequadas para que os três poderes do Estado Brasileiro brasileiros atendam às novas necessidades da sociedade sobre as ocorrências de casos de injúria racial referente ao uso do substantivo “negro” e seus subjacentes, em todas as esferas e camadas sociais. Enfim, elas podem também contribuir para mudar determinados comportamentos sociais. Enfim, cabe sublinhar que, as medidas propostas visam, a partir de um novo olhar, a criação, o reforço e a implementação de decretos e leis (punitivas) referentes ao tema do trabalho, para que se contrua sempre uma cultura democrática, livre e justa, que possa garantir, assegurar e promover a dignidade, a honra e o respeito para todos os cidadãos, independentemente, de sua origem, raça, sexo, crença e outras.

7.1 Propostas de medidas políticas

TÍTULO I Dos Princípios Fundamentais Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III–a dignidade da pessoa humana. [...] Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I–construir uma sociedade livre, justa e solidária [...] III – erradicar [...] a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV–promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. TÍTULO II Dos Direitos e Garantias Fundamentais CAPÍTULO I Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] X–são invioláveis [...] a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação [...] (BRASIL, 2020, pp. 10, 11)

As propostas de medidas políticas visam a implementação de políticas em prol de uma maior justiça social. Isto pressupõe, de antemão, definir e trazer à tona, claramente, o que é previsto e garantido na Carta Magna de 1988, como social e democraticamente justo, sem qualquer forma de discriminação. O princípio da igualdade está na base de todas as concepções de justiça social. Portanto, esta igualdade designa a equivalência, ou pelo menos a semelhança, dos recursos possuídos, dos status ocupados, ou das condições sociais possíveis, entre indivíduos, grupos ou categorias étnicas. Este é a função do Estado liderado pelo executivo, ou seja, pelo poder político.

CAPÍTULO II Do Poder Executivo. SEÇÃO I, Do Presidente e do Vice-Presidente da República Art. 76. O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da República, auxiliado pelos Ministros de Estado. Art. 77. A eleição do Presidente e do Vice-Presidente da República realizar-se-á, simultaneamente, no primeiro domingo de outubro, em primeiro turno, e no último domingo de outubro, em segundo turno, se houver, do ano anterior ao do término do mandato presidencial vigente. (Redação dada pela EC n. 16/1997) [...] (BRASIL, 2020, p. 79)

Ora, os princípios fundamentais e as garantias fundamentais mencionados na Carta Magna de 1988 se tornam objetivos do Estado, na medida em que este último tem deveres de garantir a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana⁵⁷ e mais. Portanto, é o inciso III, sobre a dignidade da pessoa humana, que nos interessa neste trabalho, porque até os outros

⁵⁷ A dignidade da pessoa humana, desde muito, deixou de ser exclusiva manifestação conceitual daquele direito natural metapositivo, cuja essência se buscava ora na razão divina, ora na razão humana, consoante professavam em suas lições de teologia e filosofia os pensadores dos períodos clássico e medieval, para se converter, de último, numa proposição autônoma do mais subido teor axiológico, irremissivelmente presa à concretização constitucional dos direitos fundamentais (BITTAR, 2010: 12).

incisos só podem ser efetivadas, substancialmente, com a consideração do princípio da dignidade da pessoa humana, que só pode ser alcançada com a aplicabilidade dos incisos I, II, IV e V. Em termos mais claros, os incisos do Art 1º, da Carta Magna de 1988, são interdependentes.

Nessa perspectiva, o conselho executivo, ou seja, o Governo Brasileiro, exercendo a função política, tem o dever e o papel de garantir com base na Carta Magna de 1988, a justiça social, que é uma construção moral e política; a igualdade social e o bem estar social de todos os cidadãos, sem qualquer forma de discriminação. Desta form, eis algumas propostas de medidas políticas:

- I. ORGANIZAR debates sociais, acadêmicos, religiosos e políticos sobre os conceitos da palavra “negro”, visando a apreensão de seus significados e sentidos para a transformação de estruturas sociais e mentais da sociedade brasileira e a mudança de percepção, imagem e representação social de dominados “Afros”.
- II. CONSIDERAR a autodesignação e a “tentativa” de positivação do nome “negro” e a criação do nome e movimento de “negritude” pelos próprios movimentos sociais e intelectuais “Afros”, na década de 1970, no Brasil, como aleatórias, ilusórias, paradoxais e incoerentes, devido à natureza ofensiva e racista de palavras negro e negritude.
- III. ADMITIR que, após cinquenta (50) anos, a autodesignação e a “tentativa” de positivação não trouxe impactos nem resultados positivos quanto a percepção, imagem e representações sociais dos “Afros” sobre a denominação identitária “negro”.
- IV. EMENDAR aos conceitos ofensivos, negativos, coisificantes, animalizantes, desumanizantes e racistas do nome “negro” e retirar qualquer atribuição desse nome aos cidadãos com descendência ou ascendência africana.
- V. RECONHECER a natureza ofensiva do nome “negro”.
- VI. PROMOVER E GARANTIR a cultura democrática de respeito mútuo, dignidade e honra para qualquer cidadão, independentemente de sua origem, raça, cultura, crença religiosa,, opção sexual, etc.

7.2 Propostas de medidas legislativas

Segundo o Consultor Legislativo do Senado Federal, Soares (Apud: SENADO FEDERAL, 2022):

Desde o nascimento, e por toda a vida, nós somos submetidos a uma série de regras que orientam o nosso comportamento e todas as nossas atividades. As primeiras normas que adotamos são as que recebemos dos nossos pais, familiares e parentes quando ainda não conhecemos muita coisa sobre o mundo que está além dos nossos lares. Mas logo crescemos e percebemos que também na nossa escola, na rua e em todos os lugares as pessoas se comportam de acordo com determinadas regras. Essas regras são chamadas normas jurídicas ou leis, que são elaboradas pelos representantes da população, ou seja, os Vereadores, os Deputados e Senadores que são eleitos para tratar desses assuntos, já que não podemos reunir todos os eleitores para fazer essas leis [...]. Também pode haver projeto que seja assinado por uma numerosa quantidade de eleitores – **projeto de iniciativa popular** – que será submetido ao Poder Legislativo, podendo ser aprovado ou não. (SOARES Apud: SENADO FEDERAL, 2022)

Assim, apresentamos as seguintes propostas de medidas legislativas:

- I. CRIAR leis para retirar o uso oficial⁵⁸ e estrutural da palavra “negro” e optar pelo uso legal da outra denominação escolhida, livre e democraticamente, pelos próprios membros da categoria étnica.
- II. CRIAR leis que desvincule os cidadãos com descendência ou ascendência africana do nome “negro”.
- III. CRIAR leis punitivas contra cidadãos, instituições públicas e privadas pelo emprego da palavra “negro”, referindo-se aos “Afros”, independentemente, da intenção do seu uso, como meio legal de desvincular o nome negro dos “Afros”.
- IV. CRIAR leis que considerem a violência simbólica como qualquer outro tipo de crime de violência.

⁵⁸ Apesar de ter sido socialmente legitimado, não se pode descartar a oficialização do uso do termo “negro”, que pode ser verificado em atestados, encaminhamentos, receitas médicas e portarias de Ministério da Saúde. Ver por exemplo: PORTARIA Nº 992, DE 13 DE MAIO DE 2009 (BRASIL, 2009). Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html>. Acessado em: 12 jun. 2022.

7.3 Propostas de medidas jurídicas

Bem ou mal, você com certeza já ouviu falar – e muito – sobre o Poder Judiciário brasileiro. Ele é uma esfera de poder do nosso **sistema tripartite**, que é composto também pelo Executivo e o Legislativo. O Politize! já explicou como funciona esse sistema, mostrando que a principal função do Judiciário é aplicar as nossas leis. (SOUZA Apud: POLITIZE, 2017)

Ao nos depararmos com o aumento contínuo do número de casos de injúria racial referente a palavra “negro” e seus subjacentes na sociedade brasileira, as propostas de medidas jurídicas visam o reforçamento de proteção jurídica e a aplicação de artigos e incisos estipulados na Carta Magna de 1988, assim como na legislação vigente referente a injúria racial, racismo e violência (psicológica). As propostas de medidas jurídicas dizem respeito à definição de medidas protetivas e punitivas e o outro considera a sua aplicação referente ao problema constatado e aos resultados obtidos

A função jurisdicional, situada no nível executivo e no campo jurídico da organização das funções do Estado, é a função destinada a executar as Leis deliberadas pela função legislativa, resolvendo conflitos nos casos concretos e dizendo o Direito aplicável a este. O Estado, como guardião da ordem, veda a autotutela entre seus cidadãos e, por isso, deve oferecer a solução para os conflitos. Assim, ao ingressar em sociedade, os membros desta delegam ao Estado – através da função jurisdicional – a função de julgar os conflitos emergentes nos casos concretos (WINTER, 2015, p. 175)

Nessa linha, eis as propostas de medidas jurídicas:

- I. REFORÇAR as leis punitivas sobre racismo, injúria racial e violência (simbólica) referentes ao uso de palavras negro, macaco, banana entre outros e criminalizar qualquer pessoa que chamar os “Afro-Brasileiros” de “negros”, independentemente, do contexto do seu uso.
- II. APLICAR as leis punitivas contra cidadãos e instituições públicas e provadas pelo emprego da palavra “negro”, referindo-se aos “Afros”.
- III. APLICAR leis punitivas contra cidadãos, instituições públicas e privadas pelo emprego da palavra “negro”, referindo-se aos “Afros”, independentemente, da intenção do seu uso, como meio legal de reforçar as leis, no âmbito.
- IV. APLICAR leis punitivas referentes a violência simbólica e considera-la, criminalmente, como qualquer outro tipo de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se, a ocorrência e a recorrência da prática de injúria racial e violência simbólica, referente ao uso da palavra negro e seus subjacentes “banana, macaco, feio, sujo, fedido, pobre” e mais, contra os agentes sociais com descendência ou ascendência africana na sociedade brasileira. Por isso, foi essencial estudar sobre esses temas, a saber, identidade social, injúria racial e violência simbólica, em relação ao termo “negro”.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral elaborar propostas de medidas políticas, legislativas e judiciárias para acabar, com intuito de buscar meios e soluções para acabar com o paradoxo da palavra negro. Portanto, constata-se que o objetivo geral foi atendido porque, efetivamente, o trabalho conseguiu demonstrar que, por um lado, a palavra “negro” é usada como denominação identitária e, por outro, como injúria racial em algumas instâncias, o que culminou com a elaboração de propostas de medidas políticas, legislativas e jurídicas. Consequentemente, identificou-se que, a despeito se indignarem ao serem chamados de “negros”, muitos agentes sociais aceitam, autodesignam, objetiva e têm tentado positivar o nome “negro”. Isto foi o objeto de pesquisa, que é o paradoxo da palavra negro.

Ademais, reitamos que os quatro (4) objetivos específicos foram (i) dissecar os conceitos, da palavra negro, ancorados em dicionários da língua portuguesa, (ii) narrar como acontece a prática de injúria racial e violência simbólica, contra os “Afros”, no âmbito do uso da palavra negro e seus subjacentes. (iii) apresentar casos empíricos da prática de injúria racial e violência simbólica referente ao uso de palavra negro e seus subjacentes, na sociedade brasileira e (iv) trazer para o Brasil a percepção dos Africanos, Africanos-caribenhos, Africanos-europeus e Africanos-Americanos sobre as palavras negro e negritude.

De fato, todos os objetivos específicos foram atendidos, respectivamente, com a dissecação da palavra negro, o que conferiu a apreensão de sentidos e significados do nome “negro”. Nessa ótica, foi possível, a partir de observações sistemáticas e de análise de conteúdo discursivo, descrever e analisar as formas de prática de injúria racial e violência simbólica, assim como os atos perlocutórios causados por esta prática. Esta análise se fez mediante a coleta de dados empíricos de casos de injúria racial e violência simbólica nos espaços socioeducacional, desportivo, virtual e social, além da apresentação e descrição da percepção de palavras “negro e negritude” pelos autores “Afros” de fora do Brasil.

Em seguida, convém sublinhar que, a pesquisa partiu das hipóteses de que, (i) a compreensão e a apreensão de sentidos e significados de conceitos da palavra negro são fundamentais na transformação de estruturas sociais e mentais da sociedade brasileira e acabar

com o paradoxo da palavra negro, (ii) a visibilização de casos de injúria racial e violência simbólica relativos ao problema de pesquisa é preponderante e um eixo de acabar com o paradoxo da palavra negro no Brasil, e (iii) o reconhecimento e a consideração de autodesignação e tentativa de positivação da palavra negro como aleatórias, ilusórias, paradoxais e incoerentes poderão desvincular a população afro-brasileira do nome ofensivo “negro”

Ora, durante o trabalho, ao descobrirmos os resultados, verificou-se que as três hipóteses foram confirmadas, ou seja, suportadas teórica e empiricamente, podendo-se deduzir, primeiramente, que a maioria dos locutores “Afros” demonstraram a falta de compreensão e apreensão de sentidos e significados ofensivos e racistas da palavra “negro” ao se identificar como tal, a despeito de serem vítimas de injúria racial, racismo, preconceito, discriminação e violência simbólica referente ao nome “negro”.

Realmente, este paradoxo reforça a ideia de reconhecer e considerar a autodesignação e a “tentativa” de positivação do nome “negro” por alguns movimentos sociais e intelectuais africanos, afro-caribenhos, afro-brasileiros e outros como aleatórias, ilusórias, paradoxais e incoerentes, pois, os resultados indicam que, desde a primeira tentativa feita pelo movimento da Negritude na década de 1930 e a segunda feita pelo Movimento Negro Unificado, após quase um século, não se verifica, lógica e empiricamente, resultados positivos. Pelo contrário, o termo “negro” como conceito e sujeito social continua negativo, ofensivo, desumanizante, inferiorizante, animalizante, coisificante, racista e mais.

Em virtude disto, pode se afirmar que a questão norteadora: de que forma pode se acabar com o paradoxo da palavra “negro” no Brasil? foi respondida, *ipso facto*, de forma teórica, ou seja, a colocação em prática de hipóteses, objetivos específicos e geral, acima explicitados fase parte da aplicação dos resultados obtidos e constituem a resposta da questão norteadora. Ademais, convém sublinhar, também, que além da questão norteadora, outras indagações feitas foram respondidas. Os resultados sugerem que a palavra “negro” foi forjada para dominar, subjugar e desumanizar os Africanos escravizados e colonizados em todas as dimensões humanas. Além do mais, ela foi inventada e atribuída aos “Afros” como representação simbólica de dominação. Enfim, a palavra “negro” é considerado pela legislação vigente brasileira como crime de injúria racial e racismo, exatamente, porque ele é um termo ofensivo, desumanizante, pejorativo, racista entre outros, que nem os seus forjadores aceitariam de serem chamados e identificados como tal.

De fato, é importante, também, reiterar que, em relação aos objetivos, a pesquisa foi descritiva e explicativa e fez-se a observação sistemática. Portanto, referente a abordagem, foi feita a pesquisa qualitativa, que nos permitiu interpretar o estudo do fenômeno social, ou seja,

o problema de pesquisa, com a coleta de dados empíricos secundários, que nos permitiram viabilizar o paradigma epistemológico adotado neste trabalho (construtivismo-interpretativismo). Sobre os procedimentos, foi necessário realizar a pesquisa bibliográfica (documental), com a investigação em material teórico, sobre a palavra “negro”, identidade social, injúria racial, violência simbólica, com a leitura de livros, artigos, dissertações, teses, Carta Magna de 1988, Código Penal Federativo Brasileiro e outros documentos contendo os temas supracitados, com a correlação de nexos teóricos e conceituais, assim, facilitando a elaboração do texto e de conhecimento sobre objeto da pesquisa.

Mas, a despeito de tudo, é evidente que, houve limitações diante da metodologia proposta. Percebe-se que a pesquisa poderia ter sido de campo, com emprego das técnicas de entrevistas, grupos focais etc. Porém, diante das limitações sociais, econômicas, financeiras e sanitárias causadas pela pandemia de COVID-19, desde o início do primeiro semestre, foi praticamente difícil e impossível fazer a pesquisa de campo. Por isso, não se descarta a possibilidade de ampliar a pesquisa sobre o tema nos próximos anos, com intuito de obter mais informações, assim contribuir pelo avanço das ciências sociais e humanas, mas também da sociedade como um todo.

Grosso modo, considerando-se a recorrência de casos de injúria racial e violência simbólica, no âmbito do uso da palavra “negro” e seus subjacentes “macaco, banana, feio, fedido” e mais, na sociedade brasileira, levantou-se a possibilidade de trazer a experiência dos Africanos, Africanos Europeus, Africanos Caribenhos e Africanos Americanos, sobre a percepção negativa da palavra negro, para o Brasil, a partir de resultados obtidos, como forma de contribuir na transformação social, em relação ao problema e objeto de pesquisa estudados. Sem dúvida, o Brasil é o único país do mundo, onde no século XXI, a palavra “negro” continua sendo usada como denominação identitária dos agentes sociais com descendência ou ascendência africana, apesar de indícios claros e palpáveis da sua natureza ofensiva, depreciativa, desumanizante, inferiorizante e racista. Se a palavra “negro” não fosse ofensiva nem racista, por que a legislação brasileira a considera como crime de injúria racial e racismo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVO, Claudia Rosa & NOHARA, Jouliana Jordan. **Interpretações sobre os Retratos dos Afrodescendentes na Mídia de Massa**. RAC, Curitiba, Edição Especial, 2008, p. 119-146

ACUNHA, Fernando José Gonçalves. Texto-base: **A Administração Pública Brasileira no Contexto do Estado Democrático de Direito**. Brasília -DF: CEAD/UnB, 2013.

ADOTÉVI, Stanislas. *Négritude et Negrologues*. Paris : Union générale d'Éditions, 1972.

ALEKSEEVA, Alexandra & SCHANG, Fabien. *Conquérir la négritude : Considérations inessentiels sur le genre noir*. Nouvelles Études Francophones ; University of Nebraska Press ; Volume 29, Numéro 2 Automne 2014. DOI: <https://doi.org/10.1353/nef.2015.0009>

AUSTIN, J. L. *Quand dire c'est faire*. Paris : Édition du SEUIL, Coll. Points, 1962.

BAHIA. **Defensoria Pública do Estado Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as micro agressões do cotidiano**. / Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2021. 30 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo:Edições 70; Brasil, 2016.

BERGER, Peter L. et LUCKMANN, Thomas. *La Construction Sociale de la Réalité*. Armand Colin, coll., 2012 [1966].

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **A justiça em Aristóteles**. São Paulo: Forense Universitária, 1999.

BOB, Eberly Myers II. *“Drapetomania”*: Rebellion, Defiance and Free Black Insanity In the Antebellum United States. A dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree Doctor of Philosophy in History, 2014.

BOILLOT, Hervé. *Critique sociale de l'école et réforme pédagogique selon Pierre Bourdieu*. Texte de l'intervention au Séminaire “Bourdieu et l'école : 40 ans après”, organisé par IUFM de Franche-Comté, mars 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge studies in social anthropology. Translation with revisions of Esquisse d'une Théorie Pratique. Cambridge University Press, 1977.

_____. *Choses dites*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1987.

_____. *Réponses, pour une anthropologie réflexive*. Paris, Le Seuil, 1992.

_____. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). A sociologia de Pierre Bourdieu, Coleção Grandes Cientistas Sociais. SP: Editora Ática, 1994.

_____. *Esquisse d'une théorie de la pratique précédée de Trois études d'ethnologie kabyle*. Édition du Seuil, 2000.

_____. **A dominação masculina**. 3 ed. RJ: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo: Brasiliense, 2004.

- _____. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2006.
- _____. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza Corrêa. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- _____. **Sur l'État.** Cours au collège de France (1989-1992). Édition établie par P. Champagne, R. Lenoir, F. Poupeau et M. C. Rivière. Paris, Seuil-Raisons d'Agir, 2012.
- _____. **Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-1992).** Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 573 p.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1970.
- BOURDIEU Pierre ; CHAMBOREDON, Jean Claude & PASSERON Jean Claude. **Le métier de sociologue,** Paris, Mouton, 1968. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783112322062>
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 105/2019. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 397 p
- _____. **Código Penal.** – 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2021. 142 p.
- BRAUD, P. **Violence symbolique et mal être identitaire.** Raisons Politiques, 2008.
- BRAUN, V. & CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology.** Qualitative Research in Psychology, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.
- CAPÉCIA, Mayotte. **Je suis Martiniquaise.** Paris : Córrea, 1948. p. 65.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Apud: BRASIL (2005). **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O racismo na História do Brasil – Mito e realidade. São Paulo: Editora Ática, 2000
- CASTELLÓ, E. **Identidades da mídia.** Barcelona: Editorial UOC, 2008. DOI: <https://doi.org/10.18046/recs.i15.1950>
- COOLEY, H. Charles. **La Conscience sociale.** Dans : OpenEditions Journal ; N° 2, vol. 7. Traduction par Baptiste Brossard, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3917/socio.072.0197>
- DELESALLE, Simone & VALENSI, Lucette. **Le mot “nègre” dans les dictionnaires français d'Ancien régime : histoire et lexicographie.** Langue Française : Langage et histoire, 1972. DOI : <https://doi.org/10.3406/lfr.1972.5612>

DE LORIMIER, Jacques. *Le projet de vie de l'adolescent* : l'identité psychosociale et vocation. Fayard-Mame, Paris, 1967.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. **Introdução**: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. 2ª ed. Porto Alegre : Artmed, 2006.

DE SANT'ANA, António Olímpio. Apud: BRASIL (2005). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

DIDEROT, D'Alembert. *Encyclopédie*. Paris, Le Breton, 1765, volume XI, p. 79.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: Alguns apontamentos históricos. 23 Tempo, 2007.

DUBOIS, Jacques, DURAND, Pascal & WINKIN, Yves. *Le Symbolique et le Social : Laréception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu Actes du Colloque de Cerisy-la-Salle*. Presses Universitaires de Liège, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.pulg.2445>

DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie* : le dictionnaire, Paris, Larousse, 1971.

ERIKSON, H. Erik. *Identity Youth and Crisis 1*. W. W. Norton & Company, 1968.

_____. *Enfance et société*. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1966.

GIDE, André. *Voyage au Congo suivi de Retour du Tchad*. Paris, Gallimard, 1926.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523212148>

FILHO, Wilson Trajano; DIAS, Braz Juliana. **O colonialismo em África e seus legados**: Classificação e poder no ordenamento da vida social. UnB: Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 9-22. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.1371>

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: (no limiar de uma nova era), volume 2 /. – São Paulo: Globo, 2008.

FLYNN, Charles. *Insult and society*: Patterns of comparative interaction. PortWashington / New York: Kennikat Press, 1977.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GIDE, André. *Voyage au Congo suivi de Retour du Tchad*. Paris, Gallimard, 1926.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, 2008.

GODEFROY, Frédérick. *Dictionnaire de l'ancienne langue française du IX^e siècle au XV^e siècle*. Tome 5°. Libraire-Editeur. Paris, 1888.

GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Tome II. Les relations

enpublic, Paris, Minuit, coll. Le sens commun, [1973], 1992.

GRENOUILLEAU, Olivier. *Esclaves. Une humanité en sursis*. Presses universitaires de Rennes, 2012, 248 p. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.pur.114474>

GRYSON, Weber. *Biblia Sacra Vulgata*. Iuxta Vulgatam Versionem. Canticum Cabtlicorum 1:4. Editio Quinta, Phillips Academy, 1778.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de marca**. As relações raciais em Itapetinga Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 14, núm. 41. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais São Paulo, Brasil; 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Semântica**: Enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

HARRIET, O. *Falsifying the Dehumanization Hypothesis*. Perspectives on Psychological Science. Department of Psychology, University of York Vol. 16(1), 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/1745691620969657>

IRELE, Abiola. *The African Experience in Literature and Ideology*. Bloomington:Indiana UP, 1990.

JESHION, Robin. *Bad Words: Philosophical Perspectives on Slurs*: Slurs, Dehumanization and the Expression of Contempt. Editado por David Sosa. Oxford University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780198758655.003.0005>

KERLINGER, F. N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

LAFLAMME, Simon. *La notion d'identité dans les sciences sociales en Ontariofrançais*. Cahiers Charlevoix Études franco-ontariennes. Volume 11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.7202/1039283ar>

LAFOURCADE, Mathieu. *Lexique et analyse sémantique de textes* - structures, acquisitions, calculs, et jeux de mots. Traitement du texte et du document. Université Montpellier II - Sciences et Techniques du Languedoc, 2011.

LAING, R. D. (1971) Apud : FISCHER, Gustave-Nicolas. *L'identité sociale dans Les concepts fondamentaux de la psychologie sociale, 2020*, pages 237 à 266. DOI: <https://doi.org/10.3917/dunod.fisch.2020.01.0237>

LANDRY, Jean Michel. *La Violence symbolique chez Bourdieu*. Aspects sociologiques, volume 13, numéro 1, août 2006, p. 85.

LARA, L. F. *Sociolingüística del Diccionario del Español de México*. International Journal of the Sociology of Language, 96, 1992. p. 19-34. DOI: <https://doi.org/10.1515/ijsl.1992.96.19>

LEACH, Edmund. **Aspectos antropológicos da linguagem**. Apud: DA MATTA, Roberto (org). *Edmund Leach. Coleção grandes cientistas sociais* São Paulo: Ática, 1983.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de & MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Revista Katal. Florianópolis, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MANDELA, Nelson. **Long walk to freedom: the autobiography of Nelson Mandela** little, Brown and Company Boston New Nork London, 1995.

MARQUES, João Filipe. **Do “não racismo” português aos dois racismos dos portugueses.** – (Teses; 1), Lisboa, 2007.

MARX, Karl. **Le Capital.** Édition populaire résumé- extraits. PUF. Paris, 1965.

MATORÉ, G. **La lexicologie sociale.** L'Information Littéraire, Paris, 1949.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** Éditions la Découverte, Paris, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3917/dec.mbemb.2013.01>

MEAD, George Herbert. **L'Esprit, le soi et la société.** (Édition originale, 1934) traduction et introduction de Daniel Cefaï et Louis Quéré, Presses universitaires de France, coll. «Le lien social», Paris, 2006, 428 p. Apud: Open Edition Journals, Vol. 50 - n°1 Janvier-Mars 2008. DOI: <https://doi.org/10.4000/sdt.18700>

MEYNIER, O. **L'Afrique noire.** Flammarion, Paris, 1934.

MNU – Movimento Negro Unificado – 1978-1988. **10 anos de luta contra o racismo.**São Paulo, Confraria do livro, 1988.

MONTEIRO, John Manuel. **Os negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** Companhia das letras, São Paulo, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** São Paulo, Ática, 1986.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil.**São Paulo: Selo Negro, 2003.

NKEONYE, Otakpor. **Negritude: A philosophy of withdrawal or protest?** University of Benin, Nígeria. África: Revista do Centro de Estudo Africana da USP, 1985. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2526-303X.v0i8p50-59>

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins & NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições.** Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>

NUCCI, Guilherme de Souza. **Curso de Direito Penal: parte especial: arts. 121 a 212 do Código Penal.** 3ª. ed. Rio de Janeiro, Forense, 2019.

OLIVEIRA & PAIVA, Vera Lucia Menezes de. **Metáforas do cotidiano.** Belo HorizonteEd. do Autor, 1998. 193 p.

OLIVEIRA, Eliana de Et Al. **Revista Diálogo Educacional.** Curitiba, 2003.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas.** Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2021.

PAP NDIAYE. **Les noirs américains** : de l'esclavage à Black lives matter. Éditeurs :Tallandier, 2021.

PINTO, Deise Cristina de Moraes. **Introdução à semântica.** Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2016.

PASSERON, J. C. **Le raisonnement sociologique.** Un espace non-poppérien de l'argumentation, Paris, Albin Michel, 2006.

PAUGAM, Serge. **Les 100 mots de la sociologie.** Que sais-je ? 2^o Édition, 2018.

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. **Negritude brasileira:** construção social e suas metamorfoses. Revista Eletrônica Correlatio n^o 17, 2010.

QUINTARD, Taylor. The African American experience: A history of Black Americans from 1619 to 1890. Professor Quintard Taylor / Department of History University of Washington. Fall, 2000.

RAY, Alain. **Le Robert Dictionnaire d'aujourd'hui** : langue française, histoire, géographie, culture Générale. Paris : 1991.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. (Coleção Cibercultura) – Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

REGINALD, Oh. **Dehumanization, Immigrants, and Equal Protection.** 56 CAL. W. L. REV. 103, Cleveland State University. Part I Essay published in the California Western Law Review. 2019.

REY-DEBOVE, J. **Dictionnaire des Anglicistes.** Edition : Les usuels de Robert, 1980.

RICHELET. **Dictionnaire François contenant généralement tous les mots** (1719). In : DELESALLE, Simone & VALENSI, Lucette. Le mot “nègre” dans les dictionnaires français d'Ancien régime ; histoire et lexicographie. Langage et histoire, 1972.

RIOS, D. Ribeiro. **Minidicionário escolar da língua portuguesa.** SP: DCL, 2018.

ROBIN, M. **Social Psychology.** Seventh Edition. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education, Inc., 2010.

ROCHER, Guy. **Introduction à la sociologie générale.** Le Changement social. Vol. 1. Editions H.M.H. Montréal, 1968.

ROY, T. Académie Française. **Le dictionnaire de l'Académie Française.** 1. A-L, 1694.

RÚDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 2002.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Análise de conteúdo categorial:** manual de aplicação /Rafael Cardoso Sampaio; Diógenes Lycarião. Brasília: Enap, 2021.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. 5. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.

SARTRE, Jean Paul. [1948]. *Orphée noir*. In : Senghor, L. S. Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française. PUF ; Paris, 1972.

SCHAPIRA, Charlotte. *Les stéréotypes en français ; proverbes et autres formules*. Paris:Ophrys, 1999.

SCHWARTZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. 1a ed. São Paulo, 2018.

SEARLE, John R. *La Construction de la réalité sociale*. Editora Gallimard, 1998

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SENGHOR, Léopold Sédar Apud: JSTOR. Journal Article. *Problématique de la Négritude*. Présence Africaine Editions. Nouvelle série, No. 78, 2º Trimestre, 1971. DOI: <https://doi.org/10.3917/presa.078.0003>

_____. *Qu'est-ce que la négritude ?* Dans : Liberté 3. Négritude et civilisation de l'universel. Paris, Seuil. 1977, p. 90-91.

STREPS, M. *Maudits mots*. La fabrique des insultes racistes. TohuBohu Éditions, 2017.

TAGUIEFF P.A. *Les métamorphoses idéologiques du racisme et la crise de l'antiracisme*. Tome 2: analyses, hypothèses, perspectives, La Découverte/ essais, 13-63, 1991. Apud : DELARRE, Sébastien. Injures raciales et condition sociale d'après les enquêtes françaises de victimation. Vol. 44 | pages 11 à 48, 2020. DOI: 10.3917/ds.441.0011

TAJFEL, Henry. *Differentiation between social groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations*. London: Academic Press, 1981.

TAJFEL, Henri et TURNER, John C. *The Social Identity Theory of Intergroup Behaviour*. Dans: Stephen Worchel et William G. Austin. Chicago, Nelson-Hall, 1986.

_____. (1979). Apud : DE LA HAYE A. M. *La catégorisation des personnes*. Grenoble : Presses Universitaires de Grenoble., 1998.

TIDJANI-SERPOS, N. *Aspects de la critique africaine*. Silex Editions, Paris, 1987.

TORRES, J. R. et al. **Ressignificação Curricular**: contribuições da Investigação Temática e da Análise Textual. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2008.

TOWA, Marcien. *Léopold Sédar Senghor : Négritude ou Servitude*. Éditions CLE, Yaoundé, 1971.

_____. **A ideia de uma filosofia negro-africana**. Tradução de Roberto Jardim da Silva].- Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB-UFPR, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2109.2016v23n42ID9682>

TRÉVOUX. *Dictionnaire universel françois et latin*. Tome Premier, Paris, 1704. In : DELESALLE, Simone ; VALENSI, Lucette. Le mot “nègre” dans les dictionnaires français d’Ancien régime ; histoire et lexicographie. Langue Française : Langage et histoire, 1972.

VAILLANT, J. *Black, French, and African. A Life of Léopold Sédar Senghor*. Cambridge, Massachusetts ; London, England : Harvard University Press, 1990. DOI: <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674864528>

VALLIÈRES, Pierre. *Nègres blancs d’Amérique*. Parti pris, Montréal, 1968. VIEIRA, Domingo. *Grande dicionario portuguez*. Volume 1, 1873.

WIEVIORKA, M. *L’espace du racisme*. Paris, Seuil, 1991, p. 124-125

WIMMER, Andreas. *Ethnic Boundary Making: Institutions, Power, Networks*. Published to Oxford Scholarship Online: May, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199927371.003.0008>

WINTER, Eduardo da Silva. *Funções de Estado*. RPGE, Porto Alegre, v. 36 n. 76, p. 153-191, 2015.

FONTES ONLINE, DOCUMENTAIS E JORNALÍSTICAS

AFRICAN BOOKS COLLECTIVE. *Biography of Nkeonye Otkapor*. Disponível em : <<https://www.africanbookscollective.com/authors-editors/nkeonye-otkapor>>. Acessado em : 13 dez. 2021.

AFOM, Frank. *Histoire sociale d’une idée négro-africaine: la circulation transnationale de la négritude*. Diasporas [En ligne], 34 (2019). Disponível em: <<http://journals.openedition.org/diasporas/4477>>. Acessado em: 12 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/diasporas.4477>

ALONSO & CHAGAS. Apud: Revista G1 Rio Grande do Sul. **Frentista negro denuncia injúria racial após receber bananas de cliente branco em Não-Me-Toque**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/07/07/frentista-negro-denuncia-injuria-racial-apos-receber-bananas-de-cliente-branco-em-nao-me-toque.ghtml>>. Acessado em: 23 dez. 2022.

ANGELOU, M. In: WHITAKER (2013). MSNBC’s Politics Nation. *Maya Angelou on respect*. Disponível em: <<https://www.msnbc.com/politicsnation/maya-angelou-respect-women-are-not-the-b-msna19028>>. Acessado em : 20 mar. 2022.

BALDWIN, James. *Le monde des Livres. James Baldwin et l’invention du “Nègre”*. Cahier du “Monde”. N° 22670 decembre (2017). Disponível em: <<https://www.cdn-normandierouen.fr/wp-content/uploads/2019/04/171201>>. Acessado em: 10 jun. 2022.

BARBOSA, Milton (2020). Apud: Wiki Favelas. **Movimento Negro Unificado (MNU)**. Disponível em: <[https://wikifavelas.com.br/index.php/Movimento_Negro_Unificado_-_MNU_\(história\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Movimento_Negro_Unificado_-_MNU_(história))>. Acessado em: 25 abr. 2022.

BERLEZE, Michele & PEREIRA, Belinda Silva. **O racismo nas redes sociais: O preconceito real assumido na vida virtual**. 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Edição 2017. Disponível em: <coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-6.pdf>. Acessado em: 13 Abr. 2021.

BERTONI. Apud: Correio Braziliense. **Polícia investiga Racismo contra criança de quatro anos em uma creche**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/03/25/interna_cidadesd f,583499/policia-investiga-caso-de-racismo-contra-crianca-de-quatro-anos-em-creche.shtml>. Acessado em: 22 dez. 2021.

BIOGRAPHY (2018). *Biography of Maya Angelou*. Disponível em: <<https://www.biography.com/writer/maya-angelou>>. Acessado em 9 jun. 2022.

BNF- Bibliothèque Nationale de France. *Direction des collections département Littérature et Art*. (Bibliographie) Centenaire de la naissance d'aimé césaire (1913-2008), 2013. Disponível em: <https://www.bnf.fr/sites/default/files/2019-07/biblio_cesaire2.pdf>. Acessado em: 22 dez. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 992, sw 13 de maio de 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html. Acesso em: 12 jun. 2022.

CÉSAIRE, Aimé. Apud: AWONDO, Patrick. *Afropolitanisme en débat*. Politique africaine, 2014. Disponível em: <<https:// Cairn.info/revue-politique-africaine-2014-4-page-105.htm>>. Acessado em: 11 fev. 2022.

CHEMIN, Anne. *Nègre, ce mot lourd du racisme et des crimes qui l'ont forgé* (2021). Disponível em: <<https://www.lemonde.fr/societe/article/2021/01/22/negre-ce-mot-lourd-du-racisme-et-des-crimes-qui-l-ont-forge>>. Acessado em 15 de janeiro de 2022.

_____. Apud: Escola Educação. *Biografia da Conceição Evaristo*. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/conceicao-evaristo/>>. Acessado em: 21 dez. 2021.

DAGET, serge. Apud: Open Edition Journals. *Les mots esclave, nègre, Noir, et les jugements de valeur sur la traite négrière*, 2010. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/58128>>. Acessado em: 05 jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.58128>

DEPESTRE, RENÉ. *Bonjour et adieu à la négritude suivie de travaux d'identité*. (Essais). Éditions Robert Laffont, S.A., Paris, 1980. Disponível em: <<https://excerpts.numilog.com/books/9782402285025.pdf>>. Acessado em: 22 dez. 2021.

DIOP Apud: OVERBLOG (2016). *Biographie de Adotevi Stanislas Spero*. Disponível em: <<https://ahmadoudiop.over-blog.com/2016/09/negritude-et-negrologues-de-stanislas-spero-k-adotevi.html>>. Acessado em 11 jun. 2022.

ESPN (2022). **Em depoimento, Gabigol diz que foi chamado de macaco**. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/9951676/em-depoimento-gabigol-diz-que-foi-chamado-de-macaco-no-fla-x-flu-e-faz-desabafo-indignacao-revolta-e-muita-tristeza>. Acessado em: 22 mar. 2022.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Negro ou preto? [...]** Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml>. Acessado em: 15 fev. 2020.

ÉTUDES LITTÉRAIRES (2022). *Biographie de Léopold Sédar Senghor*. Disponível em: <https://www.etudes-litteraires.com/senghor-biographie.php>>. Acessado em: 10 jun. 2022.

EVARISTO, C. ESTADO DE MINAS GERAIS. **Negro ou preto?** [...] Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml>. Acessado em: 15 fev. 2020.

FEDERICO, Roberta. Apud: Revista Veja Saúde (2021). **A negação do racismo no Brasil**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/coluna/saude-negritude-atitude/a-negacao-do-racismo-no-brasil/>>. Acessado em: 15 abr. 2022.

FERNANDEZ, M.; ZARKO, R. & LINCOLN JR. Apud: FUTEBOL (2022). **Casos de racismo no Futebol brasileiro em 2022**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/2022/08/24/casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-em-2022-igualam-numero-de-todo-o-ano-passado.ghtml>>. Acessado em: 30 jul. 2022.

FICHE INFO. Une ressource à l'intention du personnel scolaire. **Comprendre le racisme envers les Noirs pour soutenir la santé mentale et le bien-être des élèves noirs et racialisés**. Disponível em : <<https://smho-smso.ca/wp-content/uploads/2020/09/Comprendre-le-racisme-envers-les-Noirs.pdf>>. Acesso: 15 jul. 2022.

G1 Amapá (2019). **Casos de injúria racial sobem 450% em 2018 no Amapá**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2019/09/17/casos-de-injuria-racial-sobem-450percent-em-2018-no-amapa-e-policia-alerta-para-ofensas-pela-web.ghtml>>. Acessado em: 20 set. 2021.

G1 Itapetininga (2018). **Bananas em mochila de estudante**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2018/11/09/instituto-federal-suspende-alunos-por-colocarem-bananas-em-mochila-de-estudante-negra.ghtml>>. Acessado em 5 jan. 2022.

G1 Minas Gerais (2021). **Comentário racista contra um advogado negro de BH durante uma live sobre preconceitos raciais**. Fonte: Redes Sociais. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/02/advogado-negro-de-bh-e-alvo-de-racismo-durante-live-sobre-crimes-raciais-macacos-falantes.ghtml>>. Acessado em: 19 ago. 2021.

G1 Rio de Janeiro (2020). **Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acessado em: 17 jan. 2022.

G1 Rio Grande do Sul (2018). **Polícia Federal investiga autoria de frase com ameaça a negros em universidade de Santa Maria**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/10/29/policia-federal-investiga-autoria-de-frase-com-ameaca-a-negros-em-universidade-de-santa-maria.ghtml>>. Acessado em: 11 jan. 2022.

G1 Sorocaba e Jundiá (2019). **Racismo em universidades, professores e alunos negros relatam ataques criminosos no interior**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/07/05/racismo-em-universidades-professores-e-alunos-negros-relatam-ataques-criminosos-no-interior-de-sp.ghtml>>. Acessado em: 15 jan. 2022.

GONTIJO, Maria Lúcia. Apud: REVISTA G1 MINAS GERAIS (2021). **Advogado negro de BH é alvo de racismo** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/02/advogado-negro-de-bh-e-alvo-de-racismo-durante-live-sobre-crimes-raciais-macacos-falantes.ghtml>>. Acessado em: 12 jan. 2022.

HALLA NEWS (2022). **Biography of Nouréini Tidjani-Serpos**. Disponível em: <<https://ab.com.tc/noureini-tidjani-serpos-biography>>. Acessado em: 10 jun. 2022.

IMAGEM 1. **Declaração de Gerson Santos após ter sido chamado de “negro” no dia 20/12/2020**. Fonte: Fox Sports- SportCenterBR.. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/XE9ZesR6bN14jnFa7>>. Acessado em: 11 jan. 2021.

IMAGEM 2. **Escritora Conceição Evaristo do MNU**. Fonte: Wilson Honorário da Silva. (PSTU, 2021). Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/fernanda-montenegro-uma-excecao-na-historia-da-abl>>. Acessado em: 15 jun. 2022.

IMAGEM 3. **MNU- a geração de julho 1978. Memórias, lutas e sonhos**. Fonte: Jornal Versus (1978), Apud: ISSUU Edições SESC SP. (1978). Disponível em: <[tps://issuu.com/edicoessescsp/docs/mnu_trechos/s/10465450](https://issuu.com/edicoessescsp/docs/mnu_trechos/s/10465450)>. Acessado em : 20 mai. 2022.

IMAGEM 4. **Os pais fundadores da Negritude [...] em Paris-França**. Fonte: Brittle Paper (2019). Disponível em: <<https://brittlepaper.com/2019/08/negritude-is-omnipresent-in-african-writing-on-its-birth-rebellion-perceived-disappearance-d-s-battistoli/>>. Acessado em: 10 jun. 2022.

IMAGEM 5. **As 10 mais da Maya Angelou**. Fonte: Adlly(2018). Disponível em: <formulasdaimaginacao.blogspot.com/2018/04/as-10-mais-da-maya-angelou.html>. Acessado em 20 jul. 2022.

IMAGEM 6. **Menina de 4 anos vítima de racismo na creche**. Fonte: Foto Redação Pragmatismo. Pragmatismo Político (2017). Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/03/por-que-a-professora-so-nao-quis-lavar-o-cabelo-da-unica-crianca-negra.html>>. Acessado em: 26 dez. 2021.

IMAGEM 7. **Mensagem de cunho racista [...]**. Fonte: Foto Divulgação/Assessoria de Imprensa da UFSM G1 Rio Grande do Sul (2018). Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/10/29/policia-federal-investiga-autoria-de-frase-com-ameaca-a-negros-em-universidade-de-santa-maria.ghtml>>. Acessado em 19 jan. 2022.

IMAGEM 8. **Estudante negra achou bananas dentro da sua mochila**. Fonte: Foto Facebook/Reprodução. G1 Itapetininga e Região (2018). Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2018/11/09/instituto-federal-suspende-alunos-por-colocarem-bananas-em-mochila-de-estudante-negra.ghtml>>. Acessado em: 20 jan. 2022.

IMAGEM 9. **Mensagens racistas escritas em um banheiro da UNESP-BAURU [...]**. Fonte: Foto Juarez Tadeu de Paula Xavier / Arquivo pessoal. G1 Bauru e Marília. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/07/pichacoes-racistas-sao-encontradas-em-banheiro-da-unesp-em-bauru.html>>. Acessado em: 21 jan. 2022.

IMAGEM 10. **Aluna vítima de racismo em um colégio de RJ**. Fonte: Reprodução/ Redes Sociais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante->

e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>. Acessado em: 21 set. 2021.

IMAGEM 11. **Universitário fez “Post” racista em rede social.** Fonte: G1 Globo Mato Grosso. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/universitario-que-fez-post-racista-em-rede-social-diz-que-foi-infeliz-em-comentario.ghtml>>. Acessado em: 22 fev. 2022.

IMAGEM 12. **Torcedora de Grêmio chama goleiro Aranha de macaco.** Fonte: Reprodução/ESPN (2014). Disponível em: <ge.globo.com/rs/noticia/2014/09/torcedora-que-chamou-aranha-de-macaco-prestara-depoimento-na-5.html>. Acessado em: 24 jul. 2021.

IMAGEM 13. **Taison festeja gol com gesto contra o racismo.** Fonte: Foto Ricardo Duarte/DVG/Inter. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/familia-luta-contra-o-racismo-e-o-inter-um-papo-com-taison-sobre-o-que-mais-importa-para-ele/>>. Acessado em: 12 set. 2021.

IMAGEM 14. **Gabigol faz gesto contra o racismo após gol marcado.** Fonte: Divulgação/Flamengo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2022/02/10/ao-marcas-contra-o-audax-gabigol-comemora-com-gesto-antirracista-assista.htm>>. Acessado em: 11 mai. 2022. DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3641>

IMAGEM 15. **Ofensas pela internet no Estado de Amapá.** Fonte: TV Globo/Reprodução. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2019/09/17/casos-de-injuria-racial-sobem-450percent-em-2018-no-amapa-e-policia-alerta-para-ofensas-pela-web.ghtml>>. Acessado em: 14 mar. 2021.

IMAGEM 16. **Comentário racista durante uma “live”.** Fonte: Fotos Sociais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/02/advogado-negro-de-bh-e-alvo-de-racismo-durante-live-sobre-crimes-raciais-macacos-falantes.ghtml>>. Acessado em: 12 jan. 2022.

IMAGEM 17. **Professor Juarez é esfaqueado e chamado de “macaco”.** Fonte: TV TEM/Reprodução. G1 Bauru e Marília. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/09/20/reu-por-agredir-e-chamar-professor-da-unesp-de-macaco-passa-por-1a-audiencia-pelo-crime-de-injuria-racial.ghtml>>. Acessado em: 18 set. 2021.

IMAGEM 18. **Professor Juarez é coordenador do Núcleo Negro da UNESP.** Fonte: Foto TV TEM. G1 SOROCABA & JUNDIAÍ. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/07/05/racismo-em-universidades-professores-e-alunos-negros-relatam-ataques-criminosos-no-interior-de-sp.ghtml>>. Acessado em: 18 set. 2021.

IMAGEM 19. **Frentista oferecida 2 bananas [...].** Fonte: Reprodução/RBS-TV (2021). Disponível em: <<https://www.sinposba.org.br/index.php/2021/07/08/frentista-negro-denuncia-injuria-racial-apos-receber-bananas-de-cliente-branco-em-nao-me-toque/>>. Acessado em: 17 set. 2021.

IMIRANTE.COM. (2019). **Professor Juarez foi chamado de macaco e esfaqueado.** Disponível em: <<https://imirante.com/noticias/brasil/2019/11/20/no-dia-da-consciencia-negra-professor-e-chamado-de-macaco-e-agredido-fisicamente>>. Acessado em: 18 jan. 2022.

JARDIM, F. Apud: G1 MG (2021). **Engenheira denuncia racismo** Disponível em: <

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/08/18/engenheira-negra-denuncia-racismo-apos-foto-com-trancas-ser-recusada-para-rg-inadmissivel.ghtml> >. Acessado em: 20 set. 2021.

JUAREZ, Xavier. Apud: G1 Sorocaba & Jundiá, 2019). **Racismo em universidades**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/07/05/racismo-em-universidades-professores-e-alunos-negros-relatam-ataques-criminosos-no-interior-de-sp.ghtml>>. Acessado em: 29 dez. 2021.

JUNIOR, J. S. de N. Apud: Jornal JURID. **Crime de injúria racial agora é inafiançável e imprescritível**. Disponível em: <<https://www.jornaljurid.com.br/noticias/crime-de-injuria-racial-agora-e-inafiancavel-e-imprescritivel>>. Acessado em 20 jan. 2022.

LEFEBVRE, Magdeleine. Apud : JSTOR. Journal Article. *Aspects de la perception sociale à travers l'œuvre de quelques auteurs actuels*. BIREs 24^o Année, No. 8. Université Catholique de Louvain, 1958, pp. 647-671. Disponível em : <<https://www.jstor.org/stable/40730604>>. Acessado em : 11 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0770451800052064>

LES BIBLIOTHÈQUES DE LA VILLE DE GENÈVE. *Le mot “nègre”*, (2014).Disponível em :<<http://institutions.ville-geneve.ch/fr/bm/interroge/archives/questions-reponses/detail/question/quand-le-terme-negre-est-il-devenu-pejoratif-br/>>. Acessado em : 15 jul. 2021.

MARTINEAU, Michelle E. J. *La négritude* : origines, évolution et critiques. UdeM, 2019. Disponível em: <<https://identitecaraibes.org/2021/04/18/la/>>. Acessado em 11 mar. 2022.

MARTINS, H. & CRUZ, M. M. Apud: Estado de Minas Gerais. **Negro ou Preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história**. Disponível em:<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml>. Acessado em: 27 dez. 2020.

MARTINS, Ilton Cesar. **O racismo nas redes sociais** (2014). Disponível em: <<http://www.vvale.com.br/geral/racismo-redes-sociais>>. Acessado em: 24 mar. 2022.

METRÓPOLES (2022). Vídeo injúria racial **contra Gabigol**. Disponível em: <<https://twitter.com/Metropoles/status/1490461278179049474>>. Acessado em: 21 dez.2021.

MIA-MUSUNDA B. Milebamane. *Le viol de l'identité négro-africaine*. Éditions Présence Africaine, N^o 98, 1976. PP. 8-38. Disponível em: <docplayer.fr/217707442-Le-viol-de-l-identite-negro-africaine.html>. Acessado em : 12 jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3917/presa.098.0008>

NANOPDF.COM. **Biographie de Bourdieu**. Disponível em: <https://nanopdf.com/download/la-sociologie-de-pierre-bourdieu_pdf>. Acessado em: 9 jan. 2022.

NDEYE, F. N. Apud: G1 RJ (2020). **Estudante é vítima de racismo [...]**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acessado em: 17 jan. 2022.

ODRF. (2020). **Temporada de 2019 [...] casos de racismo no futebol brasileiro**. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/temporada-de-2019-registra-recorde-de-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro/>>. Acessado em 2 fev. 2022.

O VITORIANO. **Estudante encontrou quatro bananas em sua Mochila**. Disponível em: <https://www.ovictoriano.com.br/page/noticia/estudante-e-vitima-de-racismo-em-avare?fb_comment_id>. Acessado em: 16 jan. 2022.

PAULINO Apud: Revista G1 Minas Gerais (2021). **Mulher negra denuncia motorista**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/10/21/mulher-negra-denuncia-motorista-por-ataques-racistas-em-bh-nao-carrego-preto-no-carro.ghtml>>. Acessado em: 14 jan. 2022.

PEREIRA, G. S. Apud: G1 Minas Gerais. **Advogado alvo de racismo durante** Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/07/02/advogado-negro-de-bh-e-alvo-de-racismo-durante-live-sobre-crimes-raciais-macacos-falantes.ghtml>>. Acessado em: 12 set. 2021.

PLACAR (2021). **Casos de racismo disparam em 2021 no futebol brasileiro**. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/placar/casos-de-racismo-disparam-em-2021-no-futebol-brasileiro/>>. Acessado em 16 jun. 2022.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. (Portuguese Edition-Online) (Locais do Kindle 95970-95975). Amazon Dictionary Account. Edição do Kindle., 2006, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>>. Acesso: 12 jul. 2021.

REDAÇÃO O POVO (2020). **Cliente ofende garçom negro**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2020/12/11/cliente-ofende-garcom-negro>>. Acessado em : 23 dez. 2021.

RFI. *Les mots de l'actualité* (2022) Disponível em: <<https://savoirs.rfi.fr/br/apprendre-enseigner/langue-francaise/tigritude>>. Acessado em : 20 jun. 2022.

RENARD, Camille. Apud : France Culture. **De l'esclave à la négritude** : une histoire du mot "Noir". 2018. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/histoire/de-lesclave-a-la-negritude-une-histoire-du-mot-noir>>. Acessado em: 15 fev. 2022.

SANTOS, G. Apud: ESPN (2020) **Declaração de Gerson contra o racismo**. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7936100/gerson-escreve-texto-apos-caso-de-racismo-critica-ato-nojento-e-diz-nao-me-calaram>. Acessado em: 20 fev. 2021.

SENADO NOTÍCIAS. [...] **injúria racial como racismo (2021)**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/11/18/senado-aprova-projeto-que-classifica-injuria-racial-como-racismo-texto-vai-a-camara>>. Acessado em 10 mar. 2022.

SINPOSBA (2021). **Jovem frentista foi oferecido duas bananas**. Disponível em: <<https://www.sinposba.org.br/index.php/2021/07/08/frentista-negro-denuncia-injuria-racial-apos-receber-bananas-de-cliente-branco-em-nao-me-toque/>>. Acessado em 16 de. 2021.

SOARES, P. H. Apud: SENADO FEDERAL (2022). **Como são feitas as leis**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/jovensenador/home/paginas/como-sao-feitas-as-leis>>. Acessado em : 11 jun. 2022.

SOSSOU, Pierre Kadi, Apud : JSTOR. *Senghor, la part de Goethe*. Nouvelles Études Francophones. University of Nebraska Press, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25701976?seq=1#metadata_info_tab_contents>. Acessado em 17 dez. 2021.

SOUZA, Isabel. Apud: POLITIZE (2017). **O que faz o conselho nacional de justiça (CNJ)?** Disponível em: <<https://www.politize.com.br/cnj-o-que-faz/#:~:text=Implementado>>. Acessado em : 12 jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.54829/revistacnj.v2i1.282>

SOYINKA, Wole. Apud : RFI- Radio France Internationale. *Les mots de l'actualité*. Disponível em: <<https://savoirs.rfi.fr/br/apprendre-enseigner/langue-francaise/tigritude>>. Acessado em: 20 dez. 2021.

_____. Apud: Jeune Afrique. *Tigritude contre négritude*. Disponível em:<<https://www.jeuneafrique.com/68827/archives-thematique/tigritude-contre-negritude/>>. Acessado em: 15 dez. 2021.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY (2019). **Biografia de Fanon**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/frantz-fanon/>>. Acessado em:18 mar.2022.

TAISON Apud: **ODRF**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/familia-luta-contrao-racismo-e-o-inter-um-papo-com-taison-sobre-o-que-mais-importa-para-ele/>>. Acessado em: 12 set. 2021.

THOMPSON, Peter S. Apud: JSTOR. *Négritude and a New Africa*. Vol 33, nº 4. Indiana University Press, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3820504>>. Acessado em: 22 jan. 2022. DOI : <https://doi.org/10.2979/RAL.2002.33.4.143>

TOWA, Marcien (1998). Apud: Mots Pluriels. *Un entretien avec Marcien Towa, professeur et philosophe proposé par David Ndachi Tagne*. No. 12, 1999. Disponível em: <<https://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1299mt.html>> . Acessado em: 23 dec. 2021.

UFAHAMU. African Studies Center University of California Los Angeles. **Biography of Nkeonye Otakpor**. Vol. XIII, Numbers 2-3, 1984. Disponível em: . Acessado em : 14 jan. 2022.

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. **Primeiro dicionário da língua portuguesa, no século 18 (2008)**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/008349.shtml>>. Acessado em: 20 set. 2021.

VAZ, Gabriella. Apud: JusBrasil (2016). **Crimes contra honra**. Disponível em: <<https://gabriellavaz.jusbrasil.com.br/artigos/339490925/crimes-contraa-honra>>. Acessado em: 20 abr. 2022.

VOICI (2022). *Biographie de Pap-Ndiaye*. Disponível em: <<https://www.voici.fr/bios-people/pap-ndiaye>>. Acessado em 9 jun. 2022.

WEG, Rosana Morais. **Biografia de Wole Soyinka**. Disponível em: <<https://www.kapulana.com.br/wole-soyinka/>>. Acessado em 11 jun. 2022.